

**Unidade curricular de prática pedagógica em
Educação de Infância - Jardim de Infância**

**Expressão Plástica: Práticas e Dinâmicas
em Contexto de Ensino Pré-Escolar**

**Relatório de Estágio apresentado para obtenção do
grau de Mestre na Especialidade Profissional de
Educação Pré-Escolar**

Joana Filipa Prates Dias

Orientadora:

Doutora Clara Brito

2015

Agradecimentos

Com a finalização deste relatório síntese, gostaria de deixar o meu sincero agradecimento a todos aqueles que o tornaram possível, seja pela ajuda prestada como pelo apoio emocional.

Em primeiro lugar gostaria de prestar os meus mais sinceros agradecimentos à minha orientadora, a Doutora Clara Brito, por todo o acompanhamento e aconselhamento prestados ao longo do trabalho desenvolvido.

Deixo também uma palavra de gratidão às educadoras cooperantes, pois com a sua ajuda (ao longo dos estágios em creche e em jardim de infância) consegui desenvolver diversas competências e colmatar lacunas que me ajudarão na futura prática profissional. Agradeço também às educadoras que participaram neste relatório, não só pela disponibilidade, como por toda a ajuda que ofereceram.

Aos meus pais, Beatriz e José António, pelo apoio e paciência demonstrados em todo o meu percurso, pois sem eles nunca teria conseguido chegar até aqui. Obrigada por me terem proporcionado esta oportunidade pois se não fossem vós não seria possível.

Ao meu namorado, Luís, por toda a paciência, apoio, compreensão e incentivo dado quando mais precisei.

À minha irmã, Mara, por todo o carinho e incentivo prestado.

À Marina, à Lúcia, ao Bruno, à Cátia e a todos os outros amigos que sempre me incentivaram e ajudaram durante todo o percurso.

À Cristina e à Lara pela grande ajuda prestada na realização deste relatório.

Por último pretendo deixar o meu reconhecimento a uma amiga e também educadora de infância, à Beatriz, na medida em que esteve sempre disponível para me ajudar e também por me ter marcado tão positivamente enquanto minha educadora criando esta vontade em mim de fazer igual.

A todos, um muito obrigada.

Resumo

As práticas educativas e os procedimentos pedagógicos, no plano do ensino pré-escolar, podem ser classificados mediante variadas propostas presentes na literatura e passíveis de serem observadas no terreno. Nesta perspetiva, e de modo introdutório ao tema, pergunto-me acerca dos modos pelos quais o agente educativo pode acompanhar e intervir pedagogicamente no âmbito da expressão plástica.

Questão que surgiu por ter tido oportunidade de observar práticas de Expressão Plástica que parecem configurar num quadro marcado ora por um método de ensino muito condicionado pelas intenções do educador, ora por um método completamente aleatório, onde não se faz qualquer preparação prévia dando lugar ao que se entende por expressão livre. Face a este quadro questionei-me sobre qual deverá ser a minha atuação em termos de práticas e dinâmicas de expressão plástica no ensino pré-escolar.

Neste relatório, reuni algumas respostas para a questão anterior, utilizando a revisão de literatura. Destaco, também, alguns dados empíricos recolhidos de maneira não sistemática pela observação direta e por entrevistas realizadas no âmbito desta investigação.

Palavra-chave: intervenção pedagógica; expressão livre; literacia artística.

Abstract

Plastic Expression: Practices and Dynamics in Pre-School Education

The educational practices and pedagogical procedures in pre-school plans could be classified in different propositions in literature and having the possibility of been observed in the field. In this perspective and in the way of introduction in the subject, asking myself about the ways in which the education agent can supervise and interfere pedagogically in the ambit of plastic expression.

The question raised for having the opportunity of observing the expression of plastic practices that seems to configure a booking frame or by a teaching method highly conditioned by the educator conditions, or in a random way where there isn't any preparation giving way for a free expression, wich should be my performance in the dynamics and practices in the ambit of plastic expression of the pre-school teaching.

In this work I gathered some answers for the last question, using the revision of literature. Also, highlight some imperical data gathered in a non systematic way.

Keywords: Pedagogical intervention; Free expression; Artistic literacy

Índice

Introdução.....	1
Parte I – Estágio.....	3
1. Caraterização dos Contextos de Estágio.....	4
1.1. Contexto de Estágio em Creche.....	4
1.1.1. Caraterização da instituição.....	4
1.1.2. Caraterização do projeto educativo da instituição.....	4
1.1.3. Caraterização do projeto curricular de turma.....	5
1.1.4. Caraterização do grupo.....	5
1.1.5. Caraterização do projeto de estágio.....	5
1.2. Contexto de Estágio em Jardim de Infância.....	6
1.2.1. Caraterização da Instituição.....	6
1.2.2. Caraterização do projeto educativo da instituição.....	7
1.2.3. Caraterização do projeto curricular de turma.....	8
1.2.4. Caraterização do grupo.....	8
1.2.5. Caraterização do projeto de estágio.....	9
2. Percurso de Desenvolvimento Profissional.....	11
2.1. Contexto de estágio em Creche: autoavaliação.....	11
2.2. Contexto de estágio em Jardim de Infância: autoavaliação.....	15
2.3. Síntese comparativa dos dois estágios.....	20
3. Percurso Investigativo.....	23
3.1. Contexto de estágio em Creche.....	23
3.2. Contexto de estágio em Jardim de Infância.....	24
3.3. Surgimento/Emergência da Questão de Investigação.....	26
Parte II – Investigação.....	27
1. Problemática e sua Justificação.....	27

2. O lugar da educação artística na educação pré-escolar	29
2.1. A Expressão Plástica: aspetos a considerar	29
2.2. Papel do educador na mediação das atividades.....	30
2.3. As orientações curriculares para a educação pré-escolar	33
2.3.1. O domínio da Expressão Plástica	38
2.4. As Metas Curriculares para a educação pré-escolar	40
2.5. Cruzamento dos documentos oficiais com o Projeto Educativo da Instituição.....	41
2.6. A Expressão Plástica da criança: contributos de diversos olhares	42
3. Metodologia.....	45
3.1. Tipo de Estudo	45
3.2. Instrumentos de recolha e análise de dados e informação para a pesquisa	45
4. Apresentação e Análise dos Dados.....	47
4.1. Caraterização dos entrevistados	47
4.2. Conceções acerca da expressão plástica	48
4.3. Contribuição da formação inicial.....	49
4.4. Organização/ Planificação das atividades	49
4.5. Articulação da expressão plástica com outras áreas do saber	52
4.6. Síntese dos dados.....	53
Reflexão Final : A Perspetiva do Educador face à Expressão Plástica.	55
Referências Bibliográficas	58
Anexos	
Anexo 1. Plano das Rotinas	A
Anexo 2. Planos Diários.....	E
Anexo 2.1.1. Plano Diário - 7 de Abril de 2015	F
Anexo 2.1.1.1. Dia 7 de Abril - Expressão Plástica	J
Anexo 2.1.2. Plano Diário - 8 de Abril de 2015	K
Anexo 2.1.3. Plano Diário - 9 de Abril de 2015	O
Anexo 2.1.3.1. Dia 9 de Abril - Expressão Plástica	S
Anexo 2.1.4. Plano Diário - 10 de Abril de 2015	T
Anexo 2.1.4.1. Dia 10 de Abril - Expressão Plástica	X
Anexo 2.2.1. Plano Diário - 21 de Abril de 2015	Y

Anexo 2.2.1.1. Dia 21 de Abril - Expressão Plástica	BB
Anexo 2.2.2. Plano Diário - 22 de Abril de 2015	CC
Anexo 2.2.2.1. Dia 22 de Abril - Expressão Plástica	FF
Anexo 2.2.3. Plano Diário - 23 de Abril de 2015	GG
Anexo 2.2.3.1. Dia 23 de Abril - Expressão Plástica	II
Anexo 2.2.4. Plano Diário - 24 de Abril de 2015	JJ
Anexo 2.2.4.1. Dia 24 de Abril - Expressão Plástica	LL
Anexo 2.3.1. Plano Diário - 4 de Maio de 2015	MM
Anexo 2.3.1.1. Dia 4 de Maio - Expressão Plástica.....	PP
Anexo 2.3.2. Plano Diário - 5 de Maio de 2015	QQ
Anexo 2.3.2.1. Dia 5 de Maio - Expressão Plástica.....	UU
Anexo 2.3.3. Plano Diário - 6 de Maio de 2015	VV
Anexo 2.3.2.1. Dia 6 de Maio - Expressão Plástica.....	XX
Anexo 2.3.4. Plano Diário - 7 de Maio de 2015	YY
Anexo 3. Protocolo Ético de Participação	AAA
Anexo 4. Guião de Questões	BBB
Anexo 5. Ficha Síntese da Entrevista.....	CCC
Anexo 5.1. Ficha de Síntese da Entrevista.....	GGG
Anexo 5.2. Ficha de Síntese da Entrevista.....	JJJ
Anexo 5.3. Ficha de Síntese da Entrevista.....	MMM
Anexo 5.4. Ficha de Síntese da Entrevista.....	PPP
Anexo 5.5. Ficha de Síntese da Entrevista.....	SSS

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Meios de expressão e respetivos materiais e utensílios mencionados nas OCEPE.....	39
----------------------------------------------------------------------------------------------	----

Introdução

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar foi proposta a realização de um relatório síntese que abordasse os aspetos mais importantes ocorridos no percurso de desenvolvimento profissional, enquanto estagiários deste mesmo mestrado.

Assim sendo, este trabalho divide-se em duas partes. A primeira parte reparte-se em três capítulos. O primeiro capítulo destina-se à caracterização dos contextos de estágio em contexto de creche e jardim de infância, mencionando aspetos ligados à caracterização das instituições e dos projetos pertencentes às mesmas. Neste capítulo é apresentada, ainda, a caracterização dos grupos de crianças, bem como dos projetos de estágio por mim concebidos, em conjunto com a colega de estágio.

O segundo capítulo destina-se à apresentação do meu percurso de desenvolvimento profissional de ambos os estágios, referindo os aspetos positivos e negativos, e as dificuldades reveladas (autoavaliação). Terminarei com uma breve síntese comparativa dos mesmos.

No terceiro, o último capítulo da primeira parte, farei uma exposição do meu percurso investigativo, ou seja, as primeiras questões que surgiram ao longo dos estágios e respetiva revisão da literatura, bem como o surgimento/emergência da questão de investigação: qual a importância que o estagiário e os educadores de infância atribuem à Expressão Plástica? Será que ela é vista como uma Unidade Curricular, com as devidas competências pedagógicas, ou como um momento educativo realizado antecedentemente às datas comemorativas?, ou seja, em que contexto de estágio surgiu e porquê.

Por sua vez, a segunda parte está destinada à investigação. Esta segunda parte é composta por cinco capítulos. O primeiro é destinado à problemática e sua justificação, e o segundo ao lugar artístico na educação pré-escolar – uma abordagem teórica, ao tema trabalhado. Neste segundo capítulo começo por apresentar alguns aspetos a considerar acerca desta expressão, depois apresento o papel do educador na mediação das atividades de expressão plástica, posteriormente, tive a oportunidade de analisar a forma como as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e as Metas Curriculares para a Educação Pré-Escolar encaram a expressão plástica e cruzei os dados obtidos desta análise com o projeto educativo da instituição do último estágio que realizei. Para terminar este capítulo apresento diferentes olhares sobre a expressão plástica da criança.

De modo muito geral, posso concluir que as propostas educativas, presentes na literatura consultada, tendem a dar prioridade às práticas que seguem um modelo de ensino que preconiza o desenvolvimento das faculdades existentes em estado latente na criança. A preocupação principal deste método de ensino é fazer com que a criança se exprima, exteriorizando o seu mundo interior, numa relação pedagógica, onde o educador, conhecedor dos seus interesses a respeitará como ser individual. Este método valoriza a expressão plástica como uma “disciplina” tão importante como qualquer outra para o bom desenvolvimento da criança, devendo ser de carácter livre, defendendo assim que não devemos limitar a criatividade das crianças pedindo para estas, por exemplo, desenharem um objeto à vista, ou dar-lhe desenhos feitos para esta pintar. Encontro também outro método de ensino, mais cognitivista, que defende que a criança deve desenvolver a sua capacidade de alargar conhecimentos e aprender a interpretar o mundo que a rodeia. Não é oposto ao modelo anterior, é inovador e completa-o. Neste caso enfatiza-se a literacia artística no contexto.

O terceiro capítulo faz referência à metodologia utilizada durante o processo de investigação (tipo de estudo e instrumentos de recolha de dados).

Este relatório envolveu a realização de uma entrevista semi-diretiva a seis educadoras de infância, que me ajudaram a ter noção de algumas questões ligadas à prática da expressão plástica, ou seja, a ter opiniões de profissionais que estão na prática e que trabalham esta expressão. Neste seguimento o quarto capítulo apresenta a perspetiva do educador face à expressão plástica (análise dos dados recolhidos e síntese comparativa).

O presente relatório síntese conclui-se com uma reflexão final, reflexão essa que irá espelhar as principais conclusões retiradas através da elaboração deste relatório e implicações no desenvolvimento profissional. Por último, estão evidentes as referências bibliográficas e os anexos que ajudarão à compreensão do trabalho desenvolvido.

Digam o que disserem, a infância é um mundo prodigioso de milagres e mistérios - a idade mais extraordinária da vida. Só uma força impera, só a um querer se obedece: a fantasia.

(Cecília Menano:1992, p.8)

Parte I – Estágio

Durante o Mestrado em Educação Pré-Escolar tive a oportunidade de realizar dois estágios, um em creche e o outro em jardim de infância, ambos com a duração de oito semanas. Os dois estágios iniciaram-se com duas semanas de observação, sendo que as restantes seis semanas foram de intervenção partilhada com a minha colega de estágio.

Os estágios surgiram com objetivos de aprendizagem para os alunos deste Mestrado, de forma a poderem desenvolver conhecimentos, aptidões e competências na área da creche e do jardim de infância. Assim sendo, os objetivos definidos para os estágios, de acordo com o programa da Unidade Curricular de Prática Pedagógica em Educação de Infância, foram:

- Conhecer o contexto e problemáticas da creche e do jardim de infância;
- Interagir pedagogicamente com todos os intervenientes na ação educativa;
- Desenvolver uma atitude analítica e reflexiva face a situações de prática profissional e institucional vivenciadas ;
- Mobilizar conhecimentos adquiridos na problematização das situações da prática profissional;
- Desenvolver competências de atuação como profissionais de educação, nomeadamente: observar e analisar contextos e situações; planificar ações adequadamente; desenvolver coerente e fundamentadamente estratégias de trabalho; avaliar os resultados alcançados;
- Autoavaliar o seu desempenho explicitando e analisando o porquê dos aspetos mais e menos conseguidos.

O estágio é uma das etapas mais importantes do processo de formação, na área de educação, para a integração futura do aluno no mundo do ensino. Durante esta etapa estamos perante um grupo de crianças, pelas quais somos responsáveis, sendo por isso necessário planificar, refletir, avaliar e reformular a nossa ação pedagógica [“A observação/avaliação, a planificação é uma competência inerente ao profissional de educação.”, (Dias, 2009:29)]. Já para Fagundes (2005: 17), “O tempo de estágio é o confronto entre a teoria e a prática! Aos alunos-estagiários, em processo de desenvolvimento pessoal e profissional, um conjunto de conhecimentos e atitudes que os preparem para novos desafios e os ensine a compreender a complexidade das situações educativas, a detetar e enfrentar os problemas numa dinâmica de construção e reconstrução do saber profissional, a partir de contextos de ação pedagógica e de atitudes de ação e reflexão. ”. Enquanto estagiária, creio que

esta foi a etapa para o surgimento de dúvidas, experiências e questões pessoais e profissionais.

1. Caracterização dos Contextos de Estágio

1.1. Contexto de Estágio em Creche

1.1.1. Caracterização da instituição

A Creche onde realizei estágio situava-se em Almeirim e era uma instituição particular de solidariedade social. Disponha de instalações novas, construídas de raiz para o devido efeito. Tinha as valências de creche, jardim de infância, ATL, e ainda o lar de idosos. A creche e o jardim de infância funcionavam no lado direito do edifício, no rés do chão, o ATL funcionava no lado esquerdo do edifício também no rés do chão e o lar de idosos funcionava no lado esquerdo, no rés do chão e no primeiro andar do edifício.

A creche funcionava para crianças dos 3 aos 36 meses sendo que a sua lotação máxima encontrava-se nos 66 utentes, esta valência tinha ao seu dispor dois berçários, duas salas de um ano e duas salas de dois anos. Tinha ainda um espaço exterior destinado apenas às crianças desta valência, e também uma sala disponível um dia por semana para cada grupo onde podiam realizar ginástica e onde eram efetuadas as atividades extra curriculares.

1.1.2. Caracterização do projeto educativo da instituição

O projeto educativo da instituição foi elaborado em 2013 e tem como principais objetivos ajudar as famílias a conciliar a vida familiar e profissional; incluir a família na aprendizagem ativa da criança; responder positivamente às necessidades individuais de cada criança; despistar e intervir precocemente em situações de risco; promover a articulação com outros serviços existentes na comunidade e proporcionar um ambiente adequado para que a criança se desenvolva integralmente.

Os objetivos específicos do projeto correspondem a um conjunto de metas que se pretende que as crianças atinjam mediante a realização de atividades planeadas ao longo do ano letivo. O projeto rege-se por alguns objetivos do Manual dos Processos-

chave em Creche¹, nomeadamente o desenvolvimento, nas crianças, das competências motoras, cognitivas, pessoais e sociais e o pensamento criativo

1.1.3. Caracterização do projeto curricular de turma

Partindo do Projeto Educativo da Instituição, foi elaborado o projeto pedagógico para a sala onde realizei estágio. Este projeto teve início em outubro de 2014 e terminou em julho de 2015. Os objetivos traçados no Projeto Curricular de Turma passam por, proporcionar experiências adequadas em todas as áreas do desenvolvimento da criança, permitindo desta forma proporcionar-lhe uma aprendizagem ativa e integral dando a conhecer, ao longo do ano letivo, um pouco da cultura, das tradições e do funcionamento da nossa sociedade.

1.1.4. Caracterização do grupo

O grupo da sala dos 2 anos era maioritariamente masculino, constituído por 11 rapazes e 4 raparigas com idades compreendidas entre os 24 e os 36 meses, sendo que três elementos entraram na creche e integraram o grupo no ano letivo em que realizei estágio. Era um grupo bem desenvolvido a nível motor e a nível verbal, embora existisse uma minoria que ainda não tinha desenvolvido bem este último campo. Quanto às regras também era um processo em desenvolvimento, sendo que já aceitavam muito bem as regras à mesa. Estavam no auge da fase do "não" e do egocentrismo, o que fazia com que existissem sempre algumas atribuições no dia-a-dia do grupo. Adoravam cantar, dançar, correr, ouvir histórias, pintar, entre outras coisas. Eram também muito afetuosos, a maior parte conseguia demonstrar facilmente os seus sentimentos e o que queriam. Gostavam muito de chamar à atenção, e alguns até gostavam e tentavam ter conversas com os adultos. No fundo, eram um grupo naturalmente muito agitado, normalmente bem disposto, curioso e envolvido (mesmo por breves momentos) naquilo que os cativava.

1.1.5. Caracterização do projeto de estágio

Depois de analisarmos o que melhor se adequaria ao grupo durante as duas semanas de observação, percebemos que os livros os fascinavam. A partir daqui, tendo em conta vários fatores e a observação do grupo surgiu o tema “ Aprender com as histórias”. Através deste título pretendíamos utilizar as histórias para ajudar no desenvolvimento global da criança, pois ao partir de uma história é possível trabalhar a

¹ Manual elaborado pela Segurança Social, descrito como um manual de apoio à avaliação da qualidade das respostas sociais.

expressão plástica, a dramática, musical e todas as outras áreas. A nossa intenção foi trabalhar os temas já propostos pela educadora, através dos livros. Apresentando todos os dias pelo menos um livro, procurámos ajudar as crianças a compreendê-lo como objeto mostrando-os de vários tipos, uns mais táteis outros mais visuais, alguns até sonoros. Procurámos também, através dos livros, desenvolver o imaginário e os sentidos das crianças, bem como o respeito pelas regras de bem tratar e partilhar o livro.

Com este projeto pretendíamos, para além de trabalhar os temas propostos pela educadora; aguçar o gosto da criança pelos livros; desenvolver a criança a nível global; proporcionar um tempo lúdico de aprendizagem e aproximar cada criança do leitor, entre outros.

1.2. Contexto de Estágio em Jardim de Infância

1.2.1. Caracterização da Instituição

O Centro onde realizei estágio era uma instituição particular de solidariedade social. Dispunha de instalações construídas de raiz para o devido efeito e tinha as valências de creche, jardim de infância e ATL. O Jardim de Infância tinha salas bastante espaçosas, com vários e diferentes materiais que proporcionam uma aprendizagem diversificada às crianças. Quanto ao horário da instituição, era bastante alargado para dar resposta às necessidades das famílias, dando apoio também à criança durante aquele tempo de "prolongamento". A meu ver, o espaço da instituição estava bem aproveitado, organizado e mostrava ser seguro. No que diz respeito ao espaço exterior, existia um espaço bastante amplo comum às três salas de Jardim de Infância, o chão era de areia e foi revestido com um chão de borracha para ser mais higiénico e seguro, e embora não fosse demasiado preenchido com baloiços, escorregas e casinhas tinha algumas estruturas que permitem que todas as crianças brincassem sem existirem grandes conflitos.

Esta instituição dispunha de uma atividade extracurricular para a valência de Jardim-de-Infância, sendo ela a dança. Como esta atividade era paga, nem todas as crianças a frequentavam. Importa referir que existiam outras atividades para esta valência que, embora funcionassem durante o horário curricular, eram realizadas por profissionais que cooperavam com a instituição, pelo que não eram pagas. Nomeadamente, havia música, ginástica e ainda Inglês. Estas atividades eram bastante positivas para as crianças, por um lado porque as ajudavam a libertarem-se e

a desinibirem-se um pouco, por outro lado porque lhes permitiam adquirirem competências diferentes daquelas que adquiriam no dia-a-dia da sala, preparando-as para uma abordagem futura mais aprofundada. Neste estabelecimento todos os profissionais se entretajudavam e cooperavam entre si, fazendo com que o ambiente fosse motivador para a aprendizagem.

1.2.2. Caracterização do projeto educativo da instituição

No Projeto Educativo podemos ler que a principal função da instituição passa por assegurar tanto as necessidades básicas de cada criança como o seu desenvolvimento integral, respeitando as características individuais. No Jardim-de-Infância as prioridades passam por criar espaços, tempos e instrumentos de trabalho que levem as crianças a ser capazes de viver de forma democrática e cooperativa, tornando-se seres que conseguem viver em sociedade e ser críticos, criativos, autónomos, responsáveis e ativos.

Os principais objetivos da instituição passam por ajudar as famílias a conciliar a vida familiar e profissional, incluir a família na aprendizagem ativa da criança, responder positivamente às necessidades individuais de cada criança, despistar e intervir precocemente em situações de risco, promover a articulação com outros serviços existentes na comunidade e proporcionar um ambiente adequado para o desenvolvimento integral da criança.

O projeto educativo intitula-se "CRESCEMOS COM AS HISTÓRIAS". Foi escolhido por se encontrarem nas Histórias temas que possibilitam um trabalho pedagógico abrangente, e porque elas estão presentes em todas as etapas do desenvolvimento das crianças. Como justificação da afirmação anterior podemos ler no projeto que as histórias proporcionam conhecimentos, fantasia, curiosidade e vivências diversas. O projeto menciona também que cabe ao educador proporcionar às crianças estes momentos para que desfrutem do prazer de contar, ouvir e dramatizar histórias.

Encontramos também alguns objetivos específicos e algumas estratégias e atividades. Os objetivos passavam por aprender a partilhar, a esperar pela sua vez, resolver inseguranças, conhecer diferentes textos de literatura para a infância, criar desfechos alternativos para as histórias, recontar histórias, entre outros. Quanto às atividades, realçavam as sessões de leitura, a dramatização de histórias, a visualização de filmes, a realização de teatros de fantoches, a participação da família contando histórias, entre outras.

1.2.3. Caracterização do projeto curricular de turma

Embora não existisse projeto curricular de turma, posso dizer que começamos o estágio observando a prática da educadora da sala durante duas semanas, sendo que logo desde o primeiro dia fomos interagindo com o grupo de crianças e ajudando nas rotinas do mesmo. Nestas duas semanas assistimos à leitura de alguns contos tradicionais, o que ia ao encontro do tema e objetivos do Projeto da Instituição. Outra atividade realizada pela educadora, também subjacente ao plano anual de atividades da instituição, foi a de decorar chapéus de palha para o desfile das flores. Todas as outras atividades observadas surgiram de dúvidas que as crianças tinham naquele dia, como por exemplo - como se extinguiram os dinossauros ? - esta dúvida deu origem a uma conversa sobre o assunto e no dia seguinte a Educadora levou um livro com o tema dos dinossauros. Esta metodologia de trabalho embora vá ao encontro dos interesses das crianças, na minha opinião, torna-se um pouco frágil pois acaba por desenvolver pouco os temas abordados e muitas vezes, pelas atividades não serem planificadas, não existe um fio condutor e acabam por não surtir momentos de aprendizagem. Uma forma de continuar a seguir a mesma metodologia fazendo com que existam momentos de aprendizagem, é por exemplo, pegar na dúvida de uma criança e realizar uma pesquisa e a partir desta pesquisa realizar um projeto, onde são apontadas as concepções prévias, a pesquisa e o que aprenderam. No final seria feita uma comparação entre o que já sabiam e o que aprenderam, de modo a surgirem aprendizagens. Desta forma, mais organizada, penso que seria mais fácil trabalhar certos temas que surgem no dia a dia do Jardim de Infância.

1.2.4. Caracterização do grupo

Quanto ao grupo da sala onde realizei o estágio, ele era constituído por 14 rapazes e 10 raparigas com idades compreendidas entre os quatro e os seis anos. Era um grupo que estava bem desenvolvido ao nível motor, ao nível verbal existiam apenas duas crianças com algumas dificuldades de dicção; quanto às regras era um processo em desenvolvimento, pois embora já cumprissem bem regras à mesa e no tapete, os mais novos ainda tinham alguma dificuldade em aceitar algumas regras das áreas ou mesmo em momentos de reunião. Existiam, neste grupo, alguns elementos que não tinham a figura paterna sempre presente, ou tinham os pais a trabalhar por turnos, e isso notava-se no dia-a-dia dessas crianças, principalmente quando falávamos no tema família, ficando estas muitas vezes mais sensíveis e inquietas.

Como estas crianças em certos momentos estavam mais sensíveis, tivemos que perceber o que resultava melhor com cada uma para que se sentissem melhor. Umhas crianças precisavam de um carinho extra, uma atenção especial, outras preferiam ter o seu espaço. Para além de tentarmos atender às suas necessidades momentâneas, tentamos também que todas exteriorizassem o que sentiam e apostamos muito na expressão plástica, para que por exemplo através dos desenhos livres conseguissem exteriorizar o que estavam a viver. Por fim, com as crianças que não se reservavam tanto, falávamos um pouco com elas tentando dizer-lhes que embora a figura paterna não estivesse sempre presente, ela existia e gostava muito deles.

A partilha ainda estava pouco desenvolvida, o que fez com que existissem algumas atribuições no dia-a-dia do grupo. As crianças adoravam correr, ouvir histórias, pintar, estavam sempre interessadas em saber mais e sempre prontas para as novas propostas. Eram também muito afetuosas e, a maior parte, conseguia demonstrar facilmente os seus sentimentos e criar laços afetivos em pouco tempo. No fundo, eram um grupo muito vivo, sempre bem disposto, curioso e envolvido naquilo que os cativava.

1.2.5. Caraterização do projeto de estágio

O título: "Histórias com vida", surgiu das nossas questões de pesquisa para o Relatório de Mestrado, sendo que a intenção da Cácia, a minha colega de estágio, passa por perceber que contribuição podem dar os livros na aprendizagem da Língua Portuguesa. Além desta intenção, a mim interessava-me particularmente explorar a expressão plástica como processo de aprendizagem e não apenas como entretenimento. Juntando as duas intenções e com a ajuda da Professora Leonor Santos, percebemos que dar vida às histórias seria um excelente projeto para trabalharmos os dois temas da pesquisa. Sendo eles, os seguintes:

- A potencialidade das histórias para o desenvolvimento do conhecimento implícito em crianças em idade pré-escolar;
- Expressão Plástica: Práticas e Dinâmicas em Contexto de Ensino Pré-Escolar.

O nosso projeto de intervenção, "Histórias com vida", tinha como principal objetivo partir de um livro, de uma história, e suscitar vivências a partir do conteúdo da mesma fazendo com que de várias formas a criança vivesse a fantasia daquela

história, tornando-a real. Para além de dar vida aos livros, queríamos aguçar o gosto da criança pelos mesmos, desenvolvendo a criança a nível global a partir de um tempo lúdico.

Por não termos de seguir nenhum tema em concreto, tivemos de fazer uma seleção muito reduzida de tudo o que queríamos experimentar dado que o período de estágio não era muito longo. Esta seleção não foi fácil de realizar, pois queríamos que mesmo sem tema, a ordem das planificações fizesse sentido. Assim optamos por ter um tema semanal, em anexo estão as planificações que realizei para este estágio (Anexo A). Por exemplo, numa das semanas o tema, surgido da leitura do livro “A Bruxa Mimi”, foram as cores, e uma das atividades realizadas consistiu em juntarem cores primárias num papel para observarem que outras cores surgiam. Outra atividade que realizamos surgiu do livro “Vamos contar um segredo...e outra história” e consistia em fazer um bolo que continha um segredo (tal como no livro), um arco-íris. As crianças com a nossa ajuda iam fazendo o que dizia a receita e quando chegou a hora de juntar os corantes, algumas crianças já nos sabiam dizer que se juntássemos por exemplo o azul com o amarelo obtínhamos a cor verde. Foi uma atividade realizada em grande grupo e que todos adoraram realizar, mais que não fosse porque no fim comeram um bolo às cores feito por eles.

Depois de alguma pesquisa percebemos que as crianças que são sujeitas a uma exposição aos livros, são leitores precoces: apresentam mais capacidades de decifração da leitura e da escrita; têm uma maior capacidade de responder a perguntas relacionadas com a compreensão e interpretação das histórias; são capazes de generalizar e emitir opiniões apoiadas nas suas vivências pessoais; criam hábitos de leitura. Foi neste sentido que tentei trabalhar ao longo do estágio, pois para além de me sentir muito à vontade nestes momentos, estes são fundamentais para o desenvolvimento linguístico da criança, ao qual eu dou muita importância. Pois como diz Javier García Sobrino "Um livro chama outro livro. E conseguir que as crianças adquiram hábitos de leitura duradouros exige, entre outras coisas, professores convictos e entusiastas, capazes de as contagiar com esse gosto." (2000: 40)

2. Percurso de Desenvolvimento Profissional

2.1. Contexto de estágio em Creche: autoavaliação

Eu e a Cácia começamos o estágio observando a prática da educadora cooperante durante duas semanas, sendo que logo desde o primeiro dia fomos interagindo com o grupo de crianças e ajudando nas suas rotinas. Foi possível perceber que todas as atividades estruturadas pela educadora foram pensadas para cumprir os objetivos mensais estipulados pela mesma. Um exemplo disso foram as histórias que a educadora leu de manhã, na segunda semana, pois estavam relacionadas com as cores. Outro exemplo que podemos observar foi a experimentação da romã, um fruto do Outono, sendo que um dos objetivos mensais era o do conhecimento de vários frutos desta época.

Nós tentamos seguir a mesma ordem de ideias, e toda a planificação do dia-a-dia tentou ir ao encontro do que estava estipulado na planificação mensal e também no projeto de sala. Desde o momento da brincadeira livre, às histórias, às rotinas existiu sempre intencionalidade pedagógica e esteve sempre em articulação com os objetivos estipulados para aquele grupo de crianças. Claro que se tratou de uma planificação flexível, mas mesmo que, por algum motivo, tivéssemos mudado os planos, procurávamos sempre atingir os objetivos.

A minha integração na instituição foi bastante positiva, dado que tanto com as crianças como com a restante comunidade educativa consegui desenvolver uma relação de respeito, cooperação e harmonia, sendo que a cooperação está mais relacionada com os profissionais da instituição do que com as crianças. Este aspeto ajudou as planificações a correrem bem, a atingir dentro do possível os objetivos delineados, bem como, a sentir-me à vontade na instituição e a entrar no ritmo da mesma mais facilmente.

Consegui cativar a confiança das crianças, fazendo com que quebrassem a barreira inicial criada pelas mesmas a elementos novos. Isto fez com que eu conseguisse criar uma relação afetuosa com as crianças, conseguindo mais facilmente transmitir-lhes conhecimentos e fazer com que se sentissem seguras perto de mim proporcionando-lhes assim momentos que aliam a aprendizagem ao bem-estar.

Algumas crianças, nas primeiras semanas de estágio, tentaram testar os limites atingíveis comigo, já que era um elemento novo, mas depressa compreenderam que as regras eram as mesmas que tinham com os adultos sempre presentes na sala, e aceitaram a nossa integração. Nas últimas semanas de estágio notei que algumas

crianças já perguntavam e procuravam por mim quando não estava na sala e quando estava gostavam de dialogar comigo, perguntando onde fui, o que fui fazer, se queria um chá, entre muitas outras coisas, que me fazem sentir bem pois é muito gratificante sentir que em pouco tempo e com esta faixa etária consegui realmente chegar àquelas crianças e ser uma pessoa que procuram.

Quanto aos adultos da sala, também como já referi, foi construída uma relação de confiança, na qual soube sempre manter o meu lugar de estagiária e nunca passar por cima das decisões/ opiniões da educadora e da auxiliar. Tal revelou-se fundamental para a construção de uma relação de respeito e de cooperação que ajudou muito no dia-a-dia com as crianças, pois elas também perceberam que estávamos em concordância e não receberam estímulos contraditórios por parte de nenhum adulto presente na sala.

Posso referir ainda que a disponibilidade da educadora foi crucial no desenvolvimento das planificações e no melhoramento da minha ação na prática, pois as suas críticas ajudaram-me a retificar alguns aspetos tornando a minha prática mais adequada ao grupo em questão. Nomeadamente ajudou-me a retificar a minha postura em algumas atividades de modo a conseguir segurar o grupo todo, evitando momentos de muita agitação. Existiu ainda uma relação de entreajuda, na qual tanto eu, como a Cácia, como a educadora e a auxiliar da sala, trocávamos opiniões e ideias para desenvolver com as crianças.

Os aspetos que considero dominar melhor, relativos às minhas competências científicas, curriculares, pedagógico-didáticas e relacionais passam por conseguir facilmente adotar metodologias personalizadas de trabalho e adequadas aos objetivos delineados; consigo realizar atividades de forma autónoma, responsável e criativa; consigo cooperar com outros em tarefas e projetos comuns; consigo facilmente criar relação com as crianças e também tornar informação em conhecimento mobilizável.

Quanto ao primeiro aspeto referido, consigo planear e organizar atividades de aprendizagem, aplicando diversos métodos de trabalho e sabendo ajustá-los aos objetivos visados. Mais concretamente, consigo organizar a atividade pedagógica com recurso à experimentação de diversas estratégias tendo sempre intencionalidade pedagógica subjacente aos objetivos previamente estabelecidos. Por exemplo numa atividade de expressão plástica, levei até à sala vários materiais, como por exemplo, esponjas, pincéis, berlindes, carrinhos, rolos e carimbos para pintarem um arco-íris,

assim utilizei diferentes materiais ajustando-os todos aos objetivos traçados, um deles, experimentar diferentes técnicas, materiais e utensílios para a expressão plástica.

No segundo aspeto, refiro que realizo atividades por iniciativa própria, autonomamente e sempre utilizando diversos métodos de trabalho o mais criativos possíveis, valorizando todas as atividades que exijam iniciativa, criatividade e persistência. Neste ponto, posso dar o exemplo da atividade em que pintaram uma árvore de natal com os pés, para além de ter sido uma atividade que nunca tinham feito, exigiu iniciativa por parte das crianças para pintar a árvore, criatividade para decorá-la, entre outros aspetos. Não podendo esquecer que realizei esta atividade por iniciativa própria e autonomamente. Para além disso, tento realizar atividades de acordo com as necessidades do grupo e dos objetivos visados. Um exemplo deste aspeto que referi dominar melhor, foi ter sempre tentado realizar atividades que levassem a criança a falar, ou a ouvir falar, para que desenvolvessem o domínio da linguagem, já que era uma necessidade do grupo e ia de acordo com os objetivos traçados.

Em relação ao terceiro aspeto, penso que é claro mas alguns aspetos que podem clarificar são, por exemplo, tentar discutir sempre hipóteses com os colegas e profissionais envolvidos, respeitando as suas opiniões e críticas, utilizando as mesmas no sentido de melhorar a minha prática.

Por último, no quarto aspeto afirmo que consigo selecionar e interpretar informação de forma crítica em função de problemas a resolver e respetivos contextos, conseguindo posteriormente comunicar as conclusões resultantes da interpretação tanto a adultos como a crianças. Para além disso tento, quando possível, levar para a prática várias fontes de informação, promovendo atividades que impliquem a criança na seleção e interpretação, transformando essa informação em conhecimento.

Os aspetos que considero precisarem de melhoria/aprofundamento passam por conseguir analisar os acontecimentos e avaliar as atividades e o desempenho; tornar a família participativa no dia-a-dia da escola e por último não poderia deixar de salientar a minha dificuldade em estar à vontade com as atividades musicais.

Quando refiro que preciso de melhorar a minha capacidade de avaliar a prática, faço-o porque é realmente um aspeto no qual eu ainda não me sinto à vontade. Apesar de o fazer já há algum tempo, faço-o apenas de forma reflexiva e reconheço que esta não é a forma mais completa de o fazer, pois sinto a falta de dados para refletir. Tenho como método de avaliação mais presente o de observação direta talvez

porque acho que é a melhor forma de avaliar nesta faixa etária. Na minha opinião, penso que é uma das melhores formas de vermos se os objetivos foram atingidos, pois as crianças demonstram-no até através das brincadeiras sem serem "pressionados" a mostrar. Também observo a comunicação verbal entre a criança e o adulto, entre crianças e também o momento da brincadeira do faz de conta, através dos quais consigo perceber se os objetivos definidos foram atingidos ou não e se as aprendizagens foram consumadas. Um exemplo disto mesmo, foi ter estado a trabalhar a cor amarela e a verde durante algum tempo, e passados uns dias numa brincadeira, na cozinha, pedi a uma criança que me trouxesse uma colher amarela e um prato verde para poder comer, e esta esteve à procura do que lhe pedi, tendo, por fim, trazido o prato e a colher das cores respetivas, demonstrando assim que apreendeu a cor amarela e a verde. Assim consegui uma avaliação positiva relativamente ao objetivo que estipulei e que consistia em reconhecerem a cor amarela e verde. Normalmente uso a observação direta para avaliar, mas só agora comecei a utiliza-la com o real objetivo de identificar e estabelecer critérios e uma vez que esta necessidade é recente sinto que ainda não estou totalmente familiarizada com esta ou outras técnicas, o que faz com que ainda seja difícil para mim conseguir avaliar realmente o meu desempenho e o das crianças. Talvez também por ter de avaliar qualitativamente a criança, se torne mais complicado já que ao longo dos últimos anos eu própria fui sempre avaliada quantitativamente e este fato torna esta tarefa mais difícil.

Outra capacidade que necessito de melhorar é a de conseguir que as famílias das crianças participem no dia-a-dia da escola, pois acho fundamental que estejam presentes para o total desenvolvimento e bem estar da criança, mas não sei como fazê-lo. Pelo que tenho observado nos estágios realizados, este aspeto é desenvolvido pelas educadoras enviando pequenas tarefas para os pais realizarem em casa com as crianças, mas a meu ver, esta estratégia não integra a família no dia-a-dia da escola. Penso que é mesmo necessário a presença física de elementos da família na instituição de vez em quando, para realmente existir esta participação. Mas até agora, não consegui desenvolver nada para que isso aconteça, o que a meu ver, torna este aspeto uma dificuldade que tenho de ultrapassar.

O fato de ter dificuldades em realizar atividades musicais, acontece por não me sentir à vontade com esta expressão. Eu canto para as crianças mas tenho consciência que não realizo atividades concretas de música. Este é sem dúvida um

aspeto a melhorar já que valorizo imenso as expressões como meio de aprendizagem e até de aproximação.

Encontrei, outra dificuldade, esta apontada pela professora orientadora, decorrente do modo como apresento as minhas planificações. Em termos de escrita sou muito sucinta, e quando descrevo uma situação penso que esta está bem explícita conseguindo-se perceber sem dificuldade o que vou realizar. Ora, uma das sugestões feitas pela professora orientadora foi a de descrever com maior detalhe todos os pormenores de cada momento das atividades para assim melhor dar a entender como é que aquela seria feita. Confesso que tive bastantes dificuldades nesta parte, pois ao ler o que escrevia parecia que transparecia logo a ideia que queria desenvolver, no entanto este exercício permitiu-me visualizar previamente e com mais cuidado a atividade que tinha em mente.

2.2. Contexto de estágio em Jardim de Infância: autoavaliação

Eu e a Cácia começamos igualmente este estágio observando a prática da educadora da sala durante duas semanas, sendo que logo desde o primeiro dia fomos interagindo com o grupo de crianças e ajudando nas suas rotinas. Foi possível perceber, como já referi anteriormente, que as atividades surgiam das dúvidas das crianças e desta forma apenas algumas atividades eram estruturadas pela educadora e pensadas para cumprir os objetivos do projeto educativo da instituição. Nós não seguimos esta metodologia, sendo que realizamos planificações para todos os dias (anexo A), tentando ir ao encontro dos objetivos traçados no nosso projeto de estágio e também do que estava idealizado no projeto da instituição.

Quanto à minha integração na comunidade escolar penso que foi bastante positiva, tendo tido facilidade em adaptar-me ao dia-a-dia, tanto da sala como da instituição. Creio que esta adaptação foi fácil e positiva devido à semana de observação, que ajudou muito a perceber o dia-a-dia da instituição e também a conhecer os profissionais que lá trabalham, os quais desde logo se prontificaram a ajudar e também se mostraram muito acolhedores. Tudo isto fez com que me sentisse acolhida e à vontade na instituição. Quanto às crianças, algumas quiseram logo conhecer-me, outras, mais reservadas, precisaram de tempo e espaço, e outras ainda testaram-me para perceberem até que ponto conseguiam chegar; mas passadas as primeiras semanas senti que todas me reconheciam e já me viam como um elemento da sala, o que também ajudou muito no desenrolar de toda a aprendizagem. Os familiares foram os primeiros a quererem conhecer as novas "educadoras" da sala e

demonstram confiança em nós, transmitindo-nos os recados e perguntando algumas coisas do dia-a-dia das crianças. Quanto à relação estabelecida principalmente com os adultos da sala, foi uma relação de respeito, cooperação e ajuda. Para que a relação se estabelecesse desta forma conversei sempre com a Educadora e Auxiliar sobre o que iria fazer, perguntando as suas opiniões, propostas e no fim ouvindo as suas críticas. Também me mostrei sempre pronta a ajudar qualquer pessoa da instituição no que fosse preciso e tentei solucionar todos os problemas que surgiam calmamente e de forma positiva. Todas estas atitudes ajudaram-me a integrar-me na instituição.

As crianças respeitavam-me e algumas já procuravam em mim momentos de carinho e apoio nas dificuldades sentidas ao longo do dia, também porque tentei ao máximo conhecer as características individuais de cada criança, para conseguir responder às suas necessidades pessoais e assim conseguir chegar mais facilmente até elas e criar laços afetivos. Pois como diz Perrenoud (2000:9) as pedagogias diferenciadas não são contra o objetivo primordial da escola que é o de garantir que todos os alunos tenham acesso a uma cultura de base comum. Pelo contrário, diz que, considerar as diferenças é encontrar situações de aprendizagem ótimas para cada criança, procurando uma educação sob medida.

Quanto aos adultos da sala, foi construída uma relação de confiança, na qual soube sempre manter o meu lugar de estagiária e nunca passar por cima das decisões/ opiniões da educadora e da auxiliar, construindo assim uma relação de respeito e de cooperação que ajudou muito no dia-a-dia com as crianças, pois elas também percebem que todos os adultos presentes na sala são coerentes nas suas respostas e primam todos por atingir os mesmos objetivos.

Os aspetos que considero dominar melhor, relativos às minhas competências científicas, curriculares, pedagógico-didáticas e relacionais, são os mesmos do estágio anterior, sendo que irei apresentar o primeiro e o segundo novamente com exemplos ocorridos neste estágio.

Quanto ao primeiro aspeto referido, consigo planear e organizar atividades de aprendizagem, aplicando diversos métodos de trabalho e sabendo ajustá-los aos objetivos visados. Por exemplo no momento de leitura, levei até à sala, livros de várias formas, pois apresentei-os recorrendo a vários formatos, levei livros, levei apresentações no computador e levei também apenas as ilustrações de um livro pelas

quais me guiei para contar a história, assim utilizei vários recursos ajustando-os todos aos objetivos traçados, um deles, familiarizarem-se com vários formatos de histórias.

No segundo aspeto, refiro que realizo atividades por iniciativa própria, autonomamente e sempre utilizando diversos métodos de trabalho o mais criativos possíveis, valorizando todas as atividades que exijam iniciativa, criatividade e persistência. Neste ponto, posso dar o exemplo da atividade em que realizamos o bolo, para além de ter sido uma atividade que nunca tinham feito, exigiu iniciativa por parte das crianças para fazer o bolo, criatividade para colocar o bolo por cores, entre outros aspetos. Não podendo esquecer que realizei esta atividade por iniciativa própria e autonomamente. Para além disso, tento realizar atividades de acordo com as necessidades do grupo e dos objetivos visados. Um exemplo deste aspeto que referi dominar melhor, foi ter sempre tentado realizar atividades em grande grupo, já que é uma coisa que não estão habituadas a fazer e faz falta ao desenvolvimento das crianças.²

Quanto às dificuldades sentidas começo por referir que inicialmente foi difícil conseguir perceber o que conseguiria fazer no tempo que tinha para dinamizar atividades orientadas, sem as tornar longas demais ou desinteressantes. Uma vez que só tínhamos a parte da manhã para realizar algo com as crianças e, tirando as rotinas e a brincadeira livre, não era muito o tempo disponível, na primeira semana foi difícil compreender se conseguiria ou não fazer mais do que o que propunha. As rotinas e a brincadeira livre eram aproveitadas mais no sentido de observação do que de promoção de objetivos. Embora aproveitasse muitas vezes para aprofundar o que tínhamos abordado durante a atividade prática, aproveitava muito mais para perceber se a atividade tinha feito sentido para a criança e se daquele momento tinham surgido novas aprendizagens. Embora esta tenha sido uma dificuldade inicial, consegui cedo ultrapassá-la conseguindo adequar bem as atividades ao tempo disponível.

² A nossa sociedade, em termos de organização de trabalho, estimula muito o trabalho coletivo por isso, se adotarmos esta metodologia de trabalho desde cedo nas crianças, estamos a prepará-las para o ambiente de trabalho profissional no futuro. Contudo, o mais relevante para as crianças nesta fase da vida, em relação ao trabalho em grupo é o facilitar as aprendizagens. Estas aprendizagens cooperativas e colaborativas são adaptáveis a qualquer atividade pedagógica. Quando todas as crianças da sala trabalham em grupo, existem alguns objetivos com esta metodologia de trabalho: entre ajuda entre colegas; maior motivação intrínseca; respeito pelos colegas; aprendizagem coletiva; persistência; autonomia individual e coletiva; cidadania; autoestima. Segundo Vygotsky, “o verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual.”, ou seja, a maior parte da aprendizagem dos alunos é construída a partir das relações sociais. (1987). Assim sendo é fulcral que as crianças trabalhem em conjunto pois como diz Leitão (2000), o trabalho cooperativo favorece a independência dos alunos e a interdependência entre os mesmos. Desta maneira, os próprios alunos entre si encontram estratégias para ultrapassar as suas dificuldades. Desenvolvendo assim as relações cooperativas, de partilha, colaboração e solidariedade.

Outra dificuldade sentida foi a de perceber como e quando devo agir num possível caso de risco³, esta dificuldade ainda não está superada mas penso ser passível de superar. Para ultrapassar esta dificuldade, "como reconhecer um caso de risco e saber como e quando agir", penso que a melhor forma é pesquisar sobre o assunto e no momento em que isto acontecer durante a minha prática, reunir com as minhas colegas para partilhar opiniões e depois reunir com os pais, para chegarmos a uma conclusão. Esta é uma dificuldade que sinto desde o estágio anterior, mas depois de conversar com algumas educadoras, percebi que a nossa resposta depende de acontecimentos pontuais que ocorrem na prática. Por isso não há uma "receita", devemos agir no momento, em conformidade com os acontecimentos, tentando sempre ajudar a criança e a família da mesma.

Por fim, não poderia deixar de dizer que estou muito mais à vontade a realizar as planificações do que no estágio anterior, sendo que já consigo sem grande dificuldade formular os objetivos centrados nas crianças.

Sinto-me também à vontade no momento do tapete, principalmente no momento de contar e ler histórias, e também na brincadeira livre aproveitando-a para criar relação, para avaliar se alguns objetivos foram atingidos e até para conhecer melhor a criança. O momento do conto é, sem dúvida, um momento em que estou completamente à vontade e confiante, talvez por ser um momento de magia que me fascina e também porque foi um dos aspetos que achei serem bem trabalhados durante a minha licenciatura. Estou também muito à-vontade nas atividades em grande grupo, conseguindo cativa-los e tornar aquele momento lúdico e pedagógico.

O livro é um recurso muito utilizado por mim pois para além do que referi em cima, durante o meu percurso académico, foi-me sempre transmitido que o conto e o reconto de histórias ajudam a criança a entrar no mundo imaginário da literatura infantil. Para isso acontecer, devemos proporcionar o contacto com bons livros e também proporcionar oportunidades de ouvir contar histórias. Posto isto, a intervenção dos educadores e pais é muito importante, por exemplo, ao nível do conto e reconto, para o desenvolvimento da linguagem das crianças.

A criança, desde que nasce, está exposta à língua materna e implicitamente adquire conhecimentos dessa língua. Assim sendo, automaticamente, a criança conhece e usa a língua para comunicar ainda antes de atingir a melhor compreensão

³ Casos em que a criança pode apresentar uma situação física, mental, emocional, comportamental que impossibilita o seu pleno desenvolvimento ou uma relação harmoniosa com os outros.

da mesma. Tendo isto em conta, importa que o educador alargue intencionalmente as situações de comunicação para que a criança vá dominando cada vez melhor a linguagem. Os livros são meios que ajudam a criança a desenvolver os seus conhecimentos sobre a língua materna, ajudam a inicia-la na literatura; a enriquecer a sua língua; a desenvolver a imaginação; a aperceber a utilidade dos livros; a familiarizar-se com o código escrito; entre outros. Conseguindo as crianças desenvolver os seus conhecimentos sobre a linguagem escrita desde que começam a adquirir conhecimentos da linguagem oral e desde que sejam estimuladas e motivadas para tal, a creche e o jardim-de-infância têm a responsabilidade de potenciar estas capacidades.

“Descobrimo e explorando, a criança adquire as primeiras noções de leitura e de escrita, mesmo antes de ter acesso a um ensino formal.” (PESSANHA, 2001, p.84). Se as pessoas que cuidam e educam as crianças as envolverem em atividades propícias ao fomento da literacia, melhores serão os resultados da sua aprendizagem a esse nível. É por isso, necessário proporcionar à criança um ambiente estimulante que ofereça a possibilidade de escolha e exploração de livros que as interessam. Se tudo isto acontecer, a criança terá a oportunidade de desenvolver a sua literacia, sendo capaz de interpretar e tratar informação que implique a leitura de imagens e de saber para que serve a escrita mesmo sem saber ler formalmente. Começando também, como está referido nas metas de aprendizagem, através de livros por exemplo, a reconhecer algumas palavras do seu quotidiano; algumas letras; a memorizar alguns sons e a reproduzi-los; percebendo assim que a linguagem escrita é utilizada quotidianamente para fins diversos e significativos. *“Sendo assim, fará sentido que, de uma forma integrada e logo a partir do pré-escolar, a criança possa ter acesso a processos de aprendizagem da leitura e da escrita de forma funcional, ligada a situações que lhes dêem prazer. (...) Desta forma “prazerosa” a criança irá estar preparada para, quando começar a sua escolaridade, começar a ler e a escrever identificando com mais facilidade as várias palavras e conhecendo já diversas fontes e materiais de escrita” (PESSANHA, 2001, p.85)*

Continuei a ter como método de avaliação mais presente o de observação direta, talvez porque acho que é a melhor forma de avaliar nesta faixa etária e porque acho que é das melhores formas de vermos se os objetivos foram atingidos, pois as crianças demonstram-no até através das brincadeiras, sem serem "pressionadas" a mostrar. Com a observação direta privilegio muito a comunicação verbal entre a criança e o adulto, entre crianças e também o momento da brincadeira do faz-de-

conta, conseguindo perceber destas formas se os objetivos definidos foram atingidos ou não e se as aprendizagens foram consumadas. Embora privilegie a observação direta como método de avaliação, poderia utilizar outros instrumentos que me ajudariam a fazer uma melhor avaliação. Os instrumentos de avaliação podem ser construídos pelos/as educadores/as ou podem ser adaptados. Como já referi, a avaliação das crianças pode ser realizada de diferentes formas: através dos resultados das atividades (desenhos, registos, ...); da observação direta (grelhas, interações, ...); ou da observação indireta (informações dadas pelas famílias). De acordo com as suas conceções e opções pedagógicas, cada educador utiliza técnicas e instrumentos de observação e registo diversificados, tais como: a observação; as entrevistas; as abordagens narrativas; as fotografias; as gravações áudio e vídeo; os registos de autoavaliação; os portefólios construídos com as crianças; os questionários a crianças, pais ou outros parceiros educativos; e outros. (Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular “Avaliação na Educação Pré-escolar” de 11/4/2011 (Circular nº 4/ DGIDC/DSDC/2011)).

2.3. Síntese comparativa dos dois estágios

Lançando agora um olhar retrospectivo sobre o meu percurso de desenvolvimento profissional, posso dizer que foi muito gratificante e que evolui enquanto futura profissional.

Notei que progredi em alguns dos aspetos que aponte precisar de melhorar no primeiro estágio, por exemplo, tentei realizar mais e melhores atividades musicais e motoras. Embora ainda não me sinta completamente à vontade nas atividades de expressão musical, arranjei forma de contornar esta fraqueza e já consigo neste momento utilizar estratégias, como o apoio de um rádio, para colmatar a minha falta de confiança nesta área. Quanto às atividades de expressão motora, realizei-as já sem qualquer dificuldade, sendo que ajudou muito o fato de as crianças serem de uma faixa etária mais avançada e já compreenderem e seguirem as regras mais facilmente. Este foi um dos aspetos no qual progredi mas com a prática futura ainda tenho de aperfeiçoar muito mais, irá ser um caminho de implementação, reflexão e aprendizagem.

Inicialmente também aponte precisar de melhorar a forma de analisar e avaliar os acontecimentos, atividades e desempenho. No segundo estágio, este foi um ponto que tentei ao máximo aperfeiçoar, no que diz respeito ao meu trabalho procurei sempre ouvir comentários e críticas dos adultos cooperantes e também refletir sobre a

minha ação, tentando melhorar sempre nos dias seguintes. Em relação às crianças, procurei estar mais atenta aos momentos livres e também ao envolvimento das mesmas nas atividades realizadas, mas este ainda é um ponto a melhorar pois na minha opinião ainda está um pouco incompleto, terei de recorrer a outras formas, por exemplo às tabelas de avaliação do envolvimento, para conseguir obter análises e avaliações mais completas.

O terceiro ponto que aponte para melhorar, no segundo estágio ainda não foi possível, espero conseguir ultrapassá-lo nos primeiros tempos de exercer a profissão. Passa por envolver a família na instituição, tornando-a participativa no dia-a-dia da sala. Procurei recolher testemunhos de algumas educadoras e também de alguns pais e consegui perceber algumas formas de realizar este ponto. Por exemplo, achei muito pertinente a ação de uma educadora, relatada por uma mãe, a educadora todos os dias enviava fotografias das crianças nas diferentes atividades para os pais via e-mail e explicava como tinha sido o dia, mencionando algumas das conquistas obtidas pelas crianças. Esta é uma forma de manter a família ocorrente do dia-a-dia da sala e também de a envolver mesmo sem a presença física da mesma. Outra estratégia, passa por criar o dia do conto e uma vez de quinze em quinze dias, por exemplo, um familiar vem contar uma história à sala. Estas são dois exemplos entre muitos outros que implicam o envolvimento da família, tornando-se assim formas de colmatar este aspeto.

Embora tenha melhorado alguns aspetos, surgiram outros no decorrer do segundo estágio. Senti que devo melhorar a minha capacidade de estar atenta ao grupo todo, ou seja, por vezes quando realizava algumas atividades em pequenos grupos não dava muita atenção ao restante grupo de crianças. Isto acontecia também por eu saber que estavam mais adultos na sala e não era necessário estar constantemente alerta, pois reparei também que quando por algum motivo ficava apenas com um adulto na sala tinha tendência a estar mais atenta a todas as crianças. Este aspeto irá melhorando com a prática e claro com alguma dedicação da minha parte.

Outro aspeto que surgiu, foi o de adequar o tempo das atividades ao grupo. Surgiu primeiramente porque o grupo de crianças do segundo estágio não estava habituado a realizar muitas atividades, e como tinham muito tempo de brincadeira livre, no início foi difícil propor as atividades orientadas, uma vez que as crianças não tinham treinada a capacidade de concentração. Surgiu também porque ao passar do primeiro estágio, de crianças em que o tempo de atenção é reduzido, para um

segundo estágio, para crianças que já conseguem manter-se atentas por mais algum tempo, comparando, assumi que as crianças do segundo estágio conseguiriam estar envolvidas e interessadas por mais tempo, tendo estendido um pouco de mais as primeiras atividades realizadas. A meio do estágio consegui perceber qual o tempo ideal para implementar as atividades, resolvendo assim este aspeto.

Por ultimo surgiu outro aspeto a melhorar, o de conseguir trabalhar equitativamente todas as áreas de conteúdo. Uma vez que tenho tendência para realizar muitas atividades que impliquem o domínio das expressões artísticas, e da linguagem oral e escrita, nas duas ultimas semanas do estágio tentei equilibrar o tempo dedicado a todas, reforçando as atividades nas áreas do conhecimento do mundo e da matemática.

Não podia deixar de referir que ultrapassei uma dificuldade sentida no primeiro estágio - a de formular os objetivos centrados na criança, esta dificuldade surgiu porque nos primeiros três estágios que realizei durante a licenciatura formulava os objetivos centrados no adulto/educador. Dificuldade acrescida porque em simultâneo era necessário criar um projeto que se adequasse às necessidades das crianças, aos objetivos do projeto da instituição e aos nossos temas de pesquisa. Contudo a dificuldade foi ultrapassada com a ajuda da docente supervisora que nos ajudou a pegar nos nossos temas de pesquisa e a criar um projeto que abrangesse tudo.

Posso afirmar que ambos os estágios foram bastante importantes para progredir enquanto futura profissional, pois consegui experimentar algumas coisas, errar e acertar e de certa forma ultrapassei medos, o que deixa mais confiante. Afirmo também que observei duas realidades diferentes em relação à expressão plástica e este fato fez com que adquirisse conhecimentos que ajudam na realização deste relatório.

3. Percurso Investigativo

3.1. Contexto de estágio em Creche

No decorrer deste estágio surgiram algumas dúvidas que me levaram a pesquisar, de forma a desmistificá-las, e a perceber tanto as atitudes das crianças como também a forma como devo agir perante alguns casos.

A primeira dúvida surgiu porque havia uma criança com 29 meses que ainda não dizia uma única palavra, quase não emitia sons, percebia o que dizíamos mas se a chamávamos à atenção por algum motivo a criança fixava o olhar nos nossos olhos e não tinha qualquer reação, assim surgiu a dúvida de saber como reconhecer um caso de risco e saber como e quando agir perante este. Para não referenciar uma criança que não necessita de passar por todo o processo que isso implica, neste caso podia ser apenas preguiça da criança em falar, percebi, em conversa com a educadora, que a primeira coisa a fazer era falar com a coordenadora de valência, pondo-a a par de toda a situação para depois se decidir qual a melhor forma de agir perante esta situação.

Como já referi anteriormente, depois de conversar com algumas educadoras, percebi que a nossa resposta depende de acontecimentos pontuais que ocorrem na prática. Uma vez que não há uma "receita", devemos agir no momento, em conformidade com os acontecimentos, tentando sempre ajudar a criança e a família da mesma. O primeiro passo a dar é expor a situação à coordenadora da valência, depois se acharem que é necessário fazer alguma coisa deve-se falar com a família, apoiá-la perante a situação e também apoiar sempre a criança. Posteriormente, deve-se já com a avaliação do médico e com o apoio de uma equipa multidisciplinar traçar um plano para ajudar a criança a ultrapassar a dificuldade sentida.

Outra dúvida surgiu quando uma criança, já com dois anos, mal comia as refeições principais, acordava durante a sesta muito chorosa e era muito dependente do colo e da atenção dos adultos. Tendo em conta que continuava a ser amamentada pela mãe, até que ponto este fato poderia estar na origem na falta de apetite e na dependência do adulto.

Depois de realizar uma pequena pesquisa percebi que segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o leite materno deve ser o alimento exclusivo da criança até aos seis meses. A partir dos seis meses devem ser gradualmente introduzidos alimentos complementares, porque a partir desta idade a criança vai precisar de mais

vitaminas, minerais, proteínas e carboidratos que o leite materno não consegue oferecer na totalidade. A criança deve ser amamentada até aos dois anos, desde que exista um equilíbrio entre a ingestão de leite materno e a ingestão de alimentos complementares.

A OMS diz também, que a opinião dos profissionais de saúde sobre este tema não é consensual, enquanto uns defendem a amamentação prolongada dizendo que traz inúmeros benefícios para a saúde da criança, outros defendem que a partir dos dois anos a criança já não tira qualquer benefício deste alimento e pode até causar uma dependência da mãe prejudicial ao seu desenvolvimento.

Neste caso e depois desta breve pesquisa, penso que o fato da criança em questão ainda ser amamentada pela mãe e ser este o alimento principal da sua alimentação, faz com que a criança não queria comer as refeições principais na creche e também com que a criança esteja sempre inquieta e dependente da atenção do adulto.

3.2. Contexto de estágio em Jardim de Infância

Neste estágio surgiu também outra dúvida e mais uma vez surgiu outra criança que poderia ser um caso de risco e ainda não me senti confiante sobre o que poderia fazer se fosse eu a Educadora da sala.

Como continuei com dúvidas sobre como agir perante um caso de risco resolvi pesquisar sobre o assunto, e com a leitura da publicação, em 6 de Outubro de 2009, do Decreto-lei 281/2009, compreendi que intervir precocemente nos problemas de desenvolvimento deixou de ser apenas uma imposição moral e ética e passou a ser uma obrigação legal. Este decreto de lei cria o Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI) que tem por objectivo "garantir condições de desenvolvimento das crianças dos 0 aos 6 anos, com funções ou estruturas do corpo que limitam a participação nas actividades típicas para a respectiva idade e contexto social ou com risco grave de atraso de desenvolvimento, bem como as suas famílias (artigo 2º). Podemos ler neste artigo uma definição de intervenção precoce, como "o conjunto de medidas de apoio integrado centrado na criança e na família, incluindo acções de natureza preventiva e reabilitativa, designadamente no âmbito da educação, da saúde e da acção social" (artigo 3º).

Assim sendo, não é errado referenciar uma criança sem ter a certeza que é mesmo necessário, pois para além de uma componente reabilitativa, este apoio tem ações de natureza preventiva e nestes casos, inicialmente, a principal intenção é prevenir. Através da leitura realizada, pude verificar que o primeiro passo a dar é avaliar a situação da criança e da família, de acordo com os critérios de elegibilidade aprovados pela Comissão de Coordenação do SNIPI, se depois de realizar esta avaliação a situação se revelar elegível para efeitos de intervenção, a equipa de intervenção precoce define um Plano Individual de Intervenção precoce (PIIP). Este plano é descrito no artigo 8º como, "O plano individual da intervenção precoce (PIIP), (...) , consiste na avaliação da criança no seu contexto familiar, bem como na definição das medidas e acções a desenvolver de forma a assegurar um processo adequado de transição ou de complementaridade entre serviços e instituições."

A outra dúvida que surgiu durante o estágio foi em relação às atividades que as crianças que vão ingressar no primeiro ciclo realizavam, como preparação para o mesmo, já que desde janeiro estas crianças, enquanto o restante grupo dormia a sesta, realizavam trabalhos, nomeadamente, a escrita de letras, números, contas de somar e outros exercícios semelhantes, muitas vezes sem perceberem o que estavam a fazer. A questão centra-se em perceber até que ponto será necessário aprenderem todas estas coisas, sem lhes fazer grande sentido. E também, quais seriam outras opções para os preparar, de forma a que percebessem o que estão a fazer e aprendessem sem necessitar de um caderno todos os dias.

Os educadores de infância parecem pensar a articulação entre o Jardim de Infância e o primeiro ciclo como uma antecipação de métodos e técnicas que vislumbram o primeiro ciclo, transformando as suas práticas no uso de livros de fichas, na repetição de registos gráficos e na aprendizagem de letras e números. Segundo Serra (2004:110) "preparar" e "antecipar" são dois conceitos distintos que habitualmente se confundem e que acabam por trazer uma dinâmica ao Jardim de Infância que faz com que as crianças mais pequenas mecanizem procedimentos, em vez de aprenderem através da experimentação, da descoberta, do trabalho cooperativo, do jogo, do diálogo e da troca de experiências. Neste sentido, o relatório de Rumbold (citado por Vasconcelos, 2004:16) refere que os educadores de infância devem ter um fio condutor na sua prática, evitando pressões exteriores que os influenciam em metodologias inadequadas, muito centradas no ensino formal e no alcance de um conjunto de objetivos específicos, nem sempre adequados às

características desenvolvimentais das crianças. Este fio condutor pode surgir através de um trabalho cooperativo constante entre os educadores de infância e os professores de primeiro ciclo.

Contundo, não basta existir este trabalho cooperativo entre os docentes, pegando no fio condutor, o educador deve criar momentos de aprendizagem através das atividades que realizam habitualmente no Jardim de Infância. Um exemplo de uma atividade que potencia aprendizagens, por exemplo da língua portuguesa, é a invenção de uma história e criação do livro correspondente por parte das crianças. Desta forma, lúdica, o educador está a alargar intencionalmente as situações de comunicação, permitindo às crianças dominarem e alargarem os seus conhecimentos sobre o domínio da expressão oral e escrita.

3.3. Surgimento/Emergência da Questão de Investigação

O meu tema de pesquisa foca-se na problemática da expressão plástica e na forma como esta é utilizada pelos Educadores e pelos estagiários. Este tema surgiu porque me fui questionando ao longo da licenciatura sobre as diferentes práticas neste domínio, e é sem dúvida um tema pelo qual me interesse e tanto tem vindo a ser alvo de debate. Surgiu depois de realizar dois estágios e ter notado que as educadoras utilizavam a expressão plástica para ocupar os tempos "mortos", desvalorizando esta expressão como método de ensino-aprendizagem que é. E porque esta atitude vai contra os pressupostos que adquiri serem corretos ao longo do meu percurso formativo.

Desta forma, senti necessidade de avançar com a minha pesquisa em torno desta problemática, para o contexto de estágio em Jardim de Infância. Isto, porque mais uma vez deparei-me com uma sala na qual a expressão plástica era utilizada sem intenção pedagógica, não sendo planificada e servindo apenas para entreter ou para realizar prendas para os dias festivos.

O meu objetivo com este estudo é conseguir situar-me relativamente a uma prática coerente e atualizada a nível da expressão plástica. Tendo em consideração a minha formação inicial nesta área, as leituras realizadas antes e durante a investigação e a prática observada nos estágios.

Parte II – Investigação

1. Problemática e sua Justificação

Segundo Ponte (s.d.) citado por Damas (2012:28), investigar é desejar conhecer, entender e solucionar uma problemática com que nos deparamos, neste caso, na prática profissional e que se revela uma mais-valia para o nosso trabalho. Posto isto, considereei extremamente importante a abordagem desta problemática, consolidando-se na análise das práticas e dinâmicas da expressão plástica em contexto de Ensino Pré-Escolar.

Esta problemática surgiu ainda na licenciatura, num estágio em contexto de creche, uma vez que me encontrava a estagiar numa sala em que o respetivo grupo de crianças não realizava qualquer atividade de expressão plástica por serem muito pequenas. Posteriormente num estágio em jardim de infância, os pressupostos que tinha como corretos não foram verificados, revelando desta forma uma preocupação na hora de realizar as planificações desta expressão, não sabendo como tornar aqueles momentos em aprendizagem. Se, como diz Prigogine (1997), para investigar partimos sempre de uma situação; de um ponto de vista; de um conjunto de saberes, neste caso o meu ponto de partida reside nos pressupostos que adquiri.

Todos os pressupostos sobre a expressão plástica foram obtidos durante a licenciatura em Educação Básica, na unidade curricular de Expressões, realizada na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich nos anos letivos de 2012-2014. Por um lado pelo que me foi transmitido oralmente pelos professores e por outro lado por alguns textos que fui lendo ao longo do percurso académico, como o texto da educadora Maria José Vieira ou da autora Cecília Menano⁴. Ao longo deste percurso obti como sendo correto:

- Uma atividade para ser expressão plástica tem que ser feita livremente, com um carácter lúdico;
- O espaço da expressão plástica deve ser organizado para e com as crianças;
- Deve ser visto e utilizado como um espaço promotor de comunicação;

⁴ Textos "Estávamos todos a brincar a sério" de Maria José Vieira (pág.18-23) e "Gostar de Crianças é pouco"- o percurso de Cecília Menano (pág. 8-10) contado por ela e por outros, na Revista *Cadernos de Educação de Infância*, nº23 de 1992

Expressão Plástica: Práticas e Dinâmicas em Contexto de Ensino Pré-Escolar

- O educador deve estar presente nestes momentos, respeitando, admirando e reforçando positivamente a criança;
- Deve valorizar o processo de criação e não tanto o produto final;
- O educador deve também tentar perceber a criação da criança sem a tentar modificar;
- O educador não deve dar desenhos estereotipados, devendo sim, disponibilizar vários materiais deixando a criança criar, livremente, desenvolvendo a sua imaginação;
- Não devem ser expostos apenas os trabalhos mais bonitos;
- As criações devem ser expostas à altura das crianças;
- Deve ser discutido com a criança onde deve ficar a sua identificação na criação, de modo a respeitar a sua privacidade;
- O educador deve organizar o portfólio da criança, para mais tarde registar com cada criança a sua evolução ao longo do ano.

Como já referi, nos diferentes contextos de estágio que tive oportunidade de realizar, tanto na licenciatura como no mestrado, não verifiquei os pressupostos acima referidos e verifiquei que na maioria dos casos a expressão plástica era muito utilizada como um momento para entreter, para passar tempos livres. Sendo que muitas vezes:

- O material não estava acessível à criança, estando ou guardado em despensas ou na sala mas apenas acessível aos adultos;
- A expressão plástica quando era utilizada com intenção pedagógica (planificada) limitava-se à utilização de desenhos estereotipados;
- O processo de criação não era acompanhado pelo adulto de referência, tornando-se num momento pobre em termos de aprendizagem;
- Interessava apenas o produto final e não o processo, existindo desta forma uma pressão sobre as crianças para que o resultado fosse bonito, desvalorizando assim, o processo de criação como momento potencializador de aprendizagens;
- A criação da criança não era respeitada, forçando as suas figuras a parecerem-se com a realidade, por exemplo, as crianças não podiam pintar o sol de verde porque o sol não é verde;
- Os trabalhos que eram expostos eram os mais bonitos;
- Os trabalhos eram expostos à altura dos olhos do adulto;
- etc.

Assim sendo, concluí que o que acontece nos contextos observados não satisfaz os pressupostos que tenho como corretos, antes de realizar uma revisão bibliográfica mais aprofundada, com base nos autores Cecília Menano, Maria José Vieira e Arno Stern, parecendo que esta expressão apenas é utilizada para passar o tempo e não como um processo de desenvolvimento da criança.

2. O lugar da educação artística na educação pré-escolar

Este capítulo surge com a intenção de justificar, a nível teórico, todo o trabalho desenvolvido relativamente à expressão plástica, a fim de adquirir conhecimentos essenciais a este processo e assim promover a aprendizagem das crianças em idade de pré- escolar

2.1. A Expressão Plástica: aspetos a considerar

De acordo com as orientações curriculares para a educação pré-escolar (1997) a expressão plástica caracteriza-se pela manipulação instintiva de materiais pela criança, devendo-se considerar a sua experiência pessoal, pelo que, cada uma prospera partindo do ponto onde se encontra. A expressão plástica exige o controlo da motricidade fina, ligando-a à expressão motora, ainda que, sejam usados diferentes materiais, técnicas e mediadores. Educar, em expressão plástica, implica fazer com que a criança se sinta envolvida emocionalmente e que manipule com gosto os materiais, exteriorizando o que sente. O educador deve estimular o aperfeiçoamento dos trabalhos, para que a criança sinta que, explorando novas formas de o realizar, evolui. A educação Pré-Escolar usa alguns meios de expressão tais como o desenho, pintura, digitinta, rasgagem, recorte e colagem. O desenho, por ser comum e o mais simples de exercitar, não pode ser vulgarizado, o educador deve fazer com que seja também um meio de ensino e de aprendizagens.

No que toca à atualidade desta expressão, para Oliveira, M. (2007:4) nem sempre se deu à expressão plástica a devida importância, por não ser considerada de carácter obrigatório como outras áreas curriculares. Na Educação Pré-escolar, esta atividade ainda é pouco incidente, sendo necessário a sua reapreciação constante a nível da aquisição de competências. A sociedade desvalorizou ao longo dos tempos, este tipo de expressão, devido à falta de estudos sobre esta área do conhecimento e à falta de formação de profissionais.

Hoje em dia é conhecida pelos educadores a importância que a expressão plástica tem no desenvolvimento cognitivo e motor da criança, o problema reside em

não saberem como a pôr em prática. Só havendo provas reais de uma mais-valia na educação pela arte se podem mudar mentalidades.

É importante referir que os materiais propostos às crianças para a realização destas atividades influenciam muito todo o processo de formação da atividade e também o seu produto final. Tendo isto em conta e como está referido nas orientações curriculares (1997) a qualidade dos materiais é essencial para a realização de um trabalho educativo. Em expressão plástica, é preciso dar à criança total liberdade para experimentar/manipular, por isso, há que ter em conta fatores essenciais como a organização, variedade e bons acessos aos mesmos. O educador deve inculcar na criança a boa utilização e os cuidados a ter, tanto com os materiais como com os trabalhos dos outros, respeitando-os.

2.2. Papel do educador na mediação das atividades

De acordo com Arno Stern (1974:pp.27-30) o educador antes de mais deve ser indivíduo sensível e instruído, proliferando sempre o seu saber. A "arte" infantil em nada se compara à adulta, daí a importância da formação do educador neste ramo. Embora, segundo Arno Stern, o mais importante não seja o "saber" do educador mas sim, a sua "atitude", a forma como se dá às crianças e a forma como cria um ambiente de segurança e confiança em todas as circunstâncias. Se o educador não conseguir compreender a arte infantil facilmente chocar-se-á com esta, já que normalmente é muito viva do ponto de vista da cor e das formas e muito rica em imaginação. O ponto mais importante neste processo é ser avaliada de modo pedagógico e não estético, sendo que o educador deve sempre ter em consideração que tal como refere Gonçalves (1976), o educador não deve comparar criações de duas crianças, deve sim, ir comparando os trabalhos desenvolvidos pela mesma criança na presença desta, para que vá tomando consciência da sua evolução e desenvolvendo o autocrítica.

O educador deve ser para a criança uma figura de extrema confiança e não de domínio, se assim for, esta sentir-se-á oprimida nas suas criações, no entanto, se a criança se sentir confiante libertar-se-á. Ainda que seja uma figura de confiança, deve inculcar na criança valores essenciais, como: cuidar e usar o material, respeitar o trabalho dos seus pares. Deve ser uma figura sempre presente, para todos, em grupo e individualmente, observando o trabalho de cada um de forma discreta, intervindo quando preciso.

Assim sendo, e em conformidade com Arno Stern (1974:pp.67-72) o educador nunca deve interferir na obra artística da criança porque, a partir do momento em que o adulto interfere, altera-a segundo a sua vontade. O educador deve então saber quando a sua opinião influencia a integridade da criança, para não o fazer. Pois quando a criança mostra a sua obra, é influenciada pela atitude imediata do seu educador, seja ela uma censura, positiva ou de desprezo. É importante salientar que a “criação livre” é aquela em que a criança teve total liberdade de decisão de materiais, formas, tema, não sendo posta em disputa com a obra dos colegas. Deve-se dar à criança a possibilidade de usar meios de expressão que a levarão à manifestação das suas emoções, e não exigir que ela se adapte forçosamente. Assim sendo não devemos pedir-lhes para copiarem objetos ou pintar desenhos previamente feitos. Como diz Gonçalves (1976), a expressão deve ser criativa e não reprodutora ou imitativa, criar de forma livre é exprimir o que se traz dentro de nós e, com base nessa experiência, estabelecer uma nova relação com o mundo. Seguindo esta lógica, o adulto deve deixar que a criança se exprima de acordo com os seus desejos e tendências, deixando assim que a criança se esclareça e revele através do que cria.

Para além de tudo isto, o educador tem de saber que a expressão plástica é um dos melhores veículos da linguagem e como tal para Arno Stern (1974:pp.59-63), a pintura para a criança é a expressão do seu eu interior, tenha ela desenhos concretos ou apenas cor. É a partir da arte que comunica, até adquirir o pleno controlo da linguagem falada. A expressão artística é vista como a linguagem do seu inconsciente, tal como um bebé que, para comunicar, usa o choro ou o riso. O educador nunca deve desprezar essa linguagem nem travar o seu desenvolvimento pedindo, por exemplo, que a criança repense o seu desenho mas sim levando-a a pensá-lo de uma forma mais lógica ou comparando-o com situações reais. O desenho de observação ou o desenho temático, proposto pelo educador vulgarmente usado, não deixa a criança expressar-se livremente, fazendo com que esta perca a sua essência. A criança, através da prática da pintura, cria obras cada vez mais intensas do ponto de vista evolutivo e ainda mais importante vai criando a sua personalidade e desenvolvendo a sua forma de se expressar.

Para tudo isto correr bem, Arno Stern (1974:pp.77-82) explica ainda que, o grupo (turma) deve ser tido como um só, em que cada um contribui com a sua personalidade. Cada grupo funciona de maneira diferente, e é por isso importante haver rotatividade como forma de conhecimento e contacto com novos métodos de trabalho. O educador deve ter ao dispor de todos os alunos igualdade e diversidade de

materiais. É também habitual acharmos que uma criança, ao ver o desenho de outra, o copie, no entanto ela vê nele apenas o ponto de partida sem que o assunto lhe interesse, optando por seguir outro caminho, esse sim, fruto da sua emoção. Por outro lado, o trabalho do adulto representa para ela uma referência que vai tentar copiar o melhor possível. Um bom educador é aquele que une o grupo sem que ninguém se sinta estranho a ele, a sua postura deve ser igual para todos, existindo assim um equilíbrio entre autonomia e grau de exigência no ato de educar, dando atenção ao número de crianças que o compõem, que deve ser o ideal para a igualdade de transmissão de valores.

Ainda em relação ao papel do educador, Arno Stern (1974:pp.12-13) diz que, uma das grandes virtudes da expressão artística é a de explorar as faculdades sensoriais da criança. Estas faculdades são muitas vezes esquecidas quando o ensino, mal concebido, se torna um treino mental. Por isso o educador não deve ensinar educação artística mas sim fazê-la a partir das necessidades da criança. A educação artística é então como já referi anteriormente a criação livre da criança em condições propícias para isso. O educador deve de ter ainda em atenção que a arte infantil é formada por dois elementos, o que vem da criança e o que vem do exterior, pela observação e pela experiência. Logo é fulcral que cada criança seja respeitada com um ser único com as suas vivências e também que tudo o que a rodeia seja especialmente pensado em função dela e do seu desenvolvimento global.

Gonçalves (1976) chama-nos à atenção para algumas atitudes que o educador não deve ter, sendo elas, o despreço, a indiferença, o elogio exagerado e a falsa apreciação. Nenhuma destas atitudes ajuda no desenvolvimento da criança, por outro lado negar a criança ou nem sequer reparar nela pode criar uma barreira entre ela e o adulto que resulta posteriormente num sentimento de frustração, solidão e angústia por parte da criança. Como está referido no texto de Maria José Vieira, "... as palavras admirar e respeitar eram indispensáveis no vocabulário do educador.". A criança através da expressão plástica "abre-se" por completo ao mundo, dá a entender factos que muitas vezes na linguagem falada não dá. Se nós a desprezarmos ou não a tentarmos compreender, estamos a virar as costas à própria criança. Assim, para além de não a respeitarmos, estamos também a impossibilitar a "criação" de laços de confiança entre o educador e a criança, sendo estes vitais para um bom ambiente e para um bom desenvolvimento da criança.

Em suma, o educador deve ser autêntico perante a criança, sem receio de mostrar apreço por aquilo que gosta ou desagrado pelo que não gosta, demonstrando-se sempre sensível, compreensível e aberto ao diálogo, em qualquer circunstância.

2.3. As orientações curriculares para a educação pré-escolar

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), são um documento que visa apoiar os educadores na sua prática pedagógica, espelhando princípios que ajudam os educadores a prepararem a sua prática de forma a desenvolverem integralmente as crianças.

Este documento pressupõe que na prática de qualquer educador o desenvolvimento e a aprendizagem da criança constroem-se em simultâneo, crescendo assim de forma equilibrada e completa. Refere também que devemos valorizar o que a criança já sabe e a partir daí criar novos conhecimentos. Podemos ler que os profissionais devem ainda abordar e interligar as várias áreas de conhecimento, por ultimo, não devem esquecer que cada criança tem o seu ritmo e que devem centrar a sua prática na cooperação, no trabalho de grupo para conseguirem chegar a todas de forma individual.

Para conduzir o desenvolvimento curricular definido como "uma prática, dinâmica e complexa, que se processa em diversos momentos e em diferentes fases, de modo a formar um conjunto estruturado, integrando quatro componentes principais: justificação teórica, elaboração/planeamento, operacionalização e avaliação" (Pacheco, 1996:25) e que permite "às escolas e à população escolar realizar certos objetivos educacionais" (Ornstein and Hukins, 2004:195), o educador deve ter como suporte os fundamentos referidos anteriormente, e deve ter em conta os objetivos gerais da Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei nº5/97, de 10 de Fevereiro), a organização do ambiente educativo, as áreas de conteúdo, a continuidade e a intencionalidade, educativas.

"A Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar estabelece como principio geral que "a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário" (OCEPE, 1997:15).

De acordo com este princípio geral, surgem alguns princípios gerais pedagógicos para a educação pré-escolar. Estes passam por educar a criança para a cidadania, fomentar na criança o respeito pela diferença, reconhecer o direito à educação a todas as crianças e proporcionar-lhes sucesso escolar, assumir que cada criança é um ser individual e respeitar esse facto proporcionando-lhes um desenvolvimento personalizado, fomentar a curiosidade e o pensamento crítico, proporcionar espaços seguros e ambientes confortáveis, reconhecer precocemente alguma necessidade educativa especial e acompanhar esta criança, e por último, integrar a família no processo educativo estabelecendo uma relação de colaboração e de continuidade.

A partir destes princípios gerais surgem orientações globais para o educador orientar a sua ação. Primeiramente este documento alerta-nos para o facto da intencionalidade⁵ do processo educativo passar por diferentes etapas, começando pela etapa da observação, posteriormente pelo planeamento, seguida pela ação, pela avaliação, comunicação e por fim articulação .

Na primeira etapa - **observação** – chama-se a atenção para a relevância do observar para conhecer o grupo e cada criança, de modo a conhecer melhor as suas características e adequar a intervenção pedagógica às suas necessidades. Para além deste aspeto, é também uma forma de avaliar o desenvolvimento da criança, pois feito constantemente permite reconhecer as aprendizagens de cada criança no seu dia-a-dia.

A segunda etapa – **planeamento** - preconiza que a partir do conhecimento que o educador tem do grupo e de cada criança planeie o processo educativo procurando articular as diferentes áreas de conteúdo em cada atividade e proporcionar aprendizagens significativas e diferenciadas. Para que isto aconteça, aconselha-se a incluir a participação das crianças no planeamento tornando-o pessoal e do interesse de todos.

No que diz respeito à terceira etapa, - **concretização da ação** - o educador deve conseguir transmitir a sua intencionalidade educativa tentando adequar a ação às propostas das crianças, e à de outros membros da comunidade escolar enriquecendo assim o processo educativo.

⁵ A intencionalidade educativa é o "que caracteriza a ação profissional do educador, passa por diferentes etapas interligadas que se vão sucedendo e aprofundando" (M.E. OCEPE, 97:25). É no fundo um processo reflexivo de observação, planeamento, ação e avaliação do trabalho desenvolvido pelo educador, de forma a adequar a sua prática às necessidades e interesses das crianças.

Seguidamente deve existir uma – **avaliação** - que implica uma reflexão por parte do educador para perceber se a forma como conduziu o processo educativo foi a mais adequada tendo em conta os interesses e necessidades das crianças. Tal como no planeamento também a avaliação deverá incluir as crianças, fazendo com que tenham voz ativa nesta reflexão, dando oportunidade ao educador de perceber o ponto de vista delas e as suas opiniões em relação ao trabalho realizado.

Finalmente a – **comunicação** - é uma etapa fundamental da intencionalidade do processo educativo. Esta etapa visa partilhar opiniões e conhecimentos sobre a criança com pessoas que sejam igualmente responsáveis pela sua educação e desenvolvimento, nomeadamente os encarregados de educação e futuros professores. A intenção é fornecer elementos que permitam conhecer melhor as características da criança de modo a personalizar um pouco mais as suas aprendizagens.

A última etapa passa por primeiramente suavizar a entrada da criança na educação pré-escolar, estabelecendo uma relação de confiança e cooperação com os pais. Posteriormente, passará por estimular a transição da criança do ensino pré-escolar para o ensino primário com a ajuda dos familiares e colegas.

As OCEPE falam-nos também da intervenção educativa. Tendo em conta que a intervenção educativa diz respeito à ação educativa do educador, esta parte do documento foi realizada com o objetivo de ajudar os educadores a localizar as suas ideologias educativas e a encontrar as práticas mais ajustadas ao seu grupo de crianças. Para isso o documento enuncia a organização do ambiente educativo, as áreas de conteúdo, a continuidade educativa e a intencionalidade educativa.

Focando-me na **organização do ambiente educativo** e de acordo com o documento, este é o suporte do trabalho curricular pois é neste ambiente que é desenvolvido todo o currículo, sendo crucial para o sucesso ou insucesso da criança e dos adultos da instituição, pensar a sua organização.

Partindo do princípio de que o meio influencia o indivíduo, e reciprocamente, no caso da criança, o educador tem de ter em conta que esta é influenciada pelo que a rodeia, desde a comunidade em que está inserida, a família e a instituição que frequenta, as características da localidade onde vive, os seus costumes e tradições. Tudo isto permite conhecer melhor a criança e adequar as aprendizagens à mesma.

Quanto à **organização do grupo**, saliento que deste fazem parte os profissionais da instituição e as crianças que frequentam a mesma. Para cada criança

se sentir inserida e pertencente a um determinado grupo, é fundamental que exista uma boa relação entre esta e o educador, criando um ambiente seguro e acolhedor que permita criar interligações entre crianças. Saliento também que o funcionamento de cada grupo de crianças é influenciado por diversos fatores, tais como o maior ou menor número de crianças de cada sexo, a diferença de idades, a dimensão do grupo, entre outros.

Relativamente à diferença de idades, uma sala pode ser homogénea ou heterogénea. No caso das salas com grupo etário heterogéneo, segundo as OCEPE (1997:35), sabe-se que esta opção é facilitadora do desenvolvimento e da aprendizagem, pois as crianças partilham entre si diversos saberes e estabelece-se facilmente uma relação de cooperação. Para isto acontecer é fundamental que o educador fomente o trabalho em pequenos grupos ou pares estimulando o respeito pelo outro, pela opinião diferente e até pela aceitação da crítica.

Daqui pode desenvolver o saber estar em sociedade, criando pequenas normas/regras, como respeitar a vez do outro, exprimir uma opinião diferente sem começar um conflito, resolver um conflito de forma civilizada, não falar alto com outra pessoa, entre outros aspetos. Estas normas ou regras ganham mais significado quando as crianças participam ativamente na sua elaboração, por exemplo têm de partilhar materiais entre o grupo e para isso têm de estimá-los e conseguir realizar a partilha ou quando são responsáveis pela arrumação e limpeza da área da expressão plástica tudo ganha mais sentido. Esta organização democrática constitui a base da área de formação pessoal e social, sendo que possibilita sempre a articulação com as outras áreas curriculares.

No que concerne à **organização do espaço**, o tipo de equipamentos, os materiais existentes e a forma como estão dispostos, condicionam a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Toda a organização e utilização do espaço tem de ser pensada e fundamentada, pelo educador, em função das características do grupo e da sua intencionalidade. Esta organização vai sendo modificada para acompanhar as diferentes necessidades do grupo, tentando sempre fugir dos ambientes estereotipados criando ambientes desafiadores para as crianças. As crianças devem também participar na organização do espaço e conhecer bem todos os materiais e espaços para desta forma conseguirem ser mais autónomos dentro da sala de aula. Esta autonomia, entre outras coisas, permite-lhes experienciar diferentes materiais sem ter sempre de pedir ajuda. A escolha dos materiais para a sala é feita pelo

educador que deve ter em conta a qualidade, variedade, funcionalidade, durabilidade e segurança dos materiais.

O educador não pode esquecer que o espaço exterior é também um espaço educativo, tornando-se um prolongamento do espaço interior. Neste contexto o educador deve observar e interagir com as crianças, enriquecendo as experiências delas. Embora a organização do espaço normalmente não seja da responsabilidade do educador, os recursos disponíveis devem ter as mesmas características referidas anteriormente.

A **organização do tempo** no jardim-de-infância, embora normalmente flexível tem momentos rotineiros, essenciais para o bom desenvolvimento da criança. Nem todos os dias são iguais neste contexto, pois podem ser modificados pelo educador em cooperação com as crianças, mas as rotinas são momentos muito importantes na organização interior da criança, tornando-as mais seguras. O educador cooperando com as crianças, deve planejar um tempo estruturado e flexível que tenha significado para as crianças. A organização do tempo está diretamente ligada com a organização do espaço, pois o espaço proporciona algumas oportunidades e experiências que condicionam o tempo vivenciado em cada uma delas. Desta forma a organização destes dois fatores, espaço e tempo, deve ser planeada em conjunto para responder às características do grupo e às atividades que se pretendem desenvolver.

Quanto à **organização do meio institucional**, importa realçar a importância do trabalho em equipa entre os adultos que têm uma responsabilidade na educação das crianças da instituição. Neste prisma as equipas multidisciplinares e o trabalho cooperativo são bastante importantes numa instituição de educação pré-escolar, tendo reflexo direto no desenvolvimento das crianças. Todo o meio institucional deve estar organizado de forma a promover interação entre todos os membros que usufruem da instituição, neste sentido as crianças devem fazer parte integrante da dinâmica institucional. Se existir na instituição as componentes educativa e de apoio à família, ambas devem ser organizadas articuladamente para evitar por exemplo o cansaço nas crianças.

Existe também neste contexto uma necessidade muito grande de uma boa comunicação entre a escola e a família, sendo que a família deve conhecer bem o trabalho realizado na instituição e participar ativamente, para que exista uma continuidade e reforço das aprendizagens nos dois contextos. De acordo com este argumentos, a família ou os responsáveis pela educação da criança devem ser parte

ativa de toda a organização, sendo uma mais-valia para o educador conhecer o grupo e ir ao encontro da melhor forma de o desenvolver.

Seguidamente este documento introduz-nos três áreas de conteúdo. A área de formação pessoal e social, a área de expressão e comunicação e a área de conhecimento do mundo. Sendo que o tema do meu relatório final está integrado na área de expressão e comunicação, mais propriamente no domínio da expressão plástica, esta será a única área que vou analisar.

2.3.1. O domínio da Expressão Plástica

Focando-me agora na área da expressão e comunicação constatei que esta se divide em três domínios: matemática, linguagem oral e abordagem à escrita, e das expressões: motora, dramática, plástica e musical. Na expressão plástica, a primeira ideia a salientar é que a criança não é uma "página em branco" relativamente a esta forma de expressão e o educador deve ter isso em consideração para lhe criar novas aprendizagens.⁶ Como as OCEPE referem "Ao iniciar a educação pré-escolar, a criança já realizou algumas aquisições básicas nos diferentes domínios da área de expressão e comunicação. Estas são o ponto de partida para o educador favorecer o contacto com as várias formas de expressão e comunicação, (...)" (97:56).

De acordo com as OCEPE (1997), as atividades de expressão plástica são realizadas por iniciativa da criança que exprime naturalmente representações construídas interiormente. Estas atividades tornam-se momentos educativos quando a criança realmente se envolve, desejando explorar e viver o processo de realização, para chegar a um produto final.

⁶ Em meados do século XX, Viktor Lowenfeld publicou a sua classificação das etapas do desenho infantil. Articulou 6 etapas, sendo que as duas primeiras ocorrem na idade pré-escolar e as outras quatro ocorrem depois. A primeira etapa, a garatuja (2-4 anos), vai evoluindo de um desenho desordenado, para um controlado e por fim com nome. A segunda etapa é a pré-esquemática (4-7 anos) e passa pela descoberta da representação, depois pela descoberta de um conceito e por fim pela flexibilidade gráfica onde os símbolos visuais variam. Dito isto, é importante ter em consideração que a criança quando entra no jardim de infância muitas vezes já está na etapa da garatuja e por sua vez, numa das suas três fases. Cabe ao educador ter isso em conta para lhe proporcionar uma melhor aprendizagem.

A expressão plástica como meio de comunicação⁷ pode ser realizada por iniciativa da criança ou proposta pela educador partindo de vivências na família, instituição ou comunidade. Com a intenção de desenvolver a criatividade e dar a conhecer diversos meios de expressão, o educador deve disponibilizar diversos materiais e propor experiências a duas e três dimensões. Na tabela seguinte estão especificados os meios de expressão e respetivos materiais e utensílios que o educador deve disponibilizar, mencionados nas OCEPE.

<u>meios de expressão</u>	<u>materiais e utensílios</u>
Desenho; pintura; digitinta; rasgagem; recorte; colagem; modelagem; encaixe; construção; escultura.	Pincel; lápis; tesoura; cola; vários tipos de papel e pano; lãs; linhas; cordel; aparas de madeira; algodão; elementos da natureza; areia molhada; barro; plasticina; pasta de papel; massa de cores; rede de capoeira; canos de plástico com diferentes diâmetros; materiais de desperdício como, caixas, frascos, tampas e tacos de madeira.

Tabela 1 - Meios de expressão e respetivos materiais e utensílios mencionados nas OCEPE

A expressão plástica pode ser enriquecida ou contribuir para o desenvolvimento de outros domínios como o da matemática, o das ciências e o do português. A expressão plástica permite enriquecer a criança, no contacto com a arte e a cultura aumentando o conhecimento do mundo e desenvolvendo o sentido estético.

⁷ Linguagem segundo o dicionário é a expressão de pensamentos do emissor ao recetor por meio de um código. No caso da expressão plástica trata-se de uma comunicação visual, "é como aprender uma língua, uma língua composta só por imagens, mas imagens que têm o mesmo significado para as pessoas de todas as nações e, por isso, de todas as línguas. A linguagem visual é uma linguagem talvez mais limitada do que a falada, porém, é mais direta." (1968:81). O código desta linguagem é então, as imagens e todos os pontos que as compõem. Como diz nas OCEPE (1997:69), "...o desenho é também uma forma de escrita e que os dois meios de expressão e comunicação surgem muitas vezes associados, completando-se mutuamente. O desenho de um objeto pode substituir uma palavra, uma série de desenhos permite "narrar" uma história".

2.4. As Metas Curriculares para a educação pré-escolar

Este documento pode ser visto como um complemento às Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, na Expressão Plástica encontramos um olhar mais completo acrescentando na sua estruturação dois domínios e alargando um outro já presente nas OCEPE, sendo que ao todo esta expressão está estruturada com quatro domínios.

Encontramos a apropriação das linguagens elementares das artes, domínio que não está presente nas OCEPE e que preconiza por exemplo que a criança identifique alguns elementos da Comunicação Visual na observação de formas visuais (Meta Final 4), ou seja, que seja capaz de identificar a cor, a textura, formas geométricas e linhas em obras de arte, ou na natureza e por fim utilizem esses elementos nas suas composições plásticas.

O segundo domínio também está presente nas OCEPE, denomina-se desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação e tanto num documento como no outro preconiza que a criança seja capaz de representar várias experiências através de variados meios de expressão, utilizando diversos elementos da comunicação visual.

O desenvolvimento da criatividade é o domínio que embora esteja presente nos dois documentos, está presente nas metas como algo que se pode desenvolver, conceito que não aparece nas OCEPE.

Por ultimo a compreensão das artes no contexto é o segundo conceito que não encontramos nas OCEPE, e recomenda que a criança tenha contacto com diferentes modalidades expressivas, como as esculturas, as fotografias e em diferentes contextos físicos e digitais, tais como museus, monumentos, internet e CD-ROM.

Posso então concluir que para além de uma expressão livre, as Metas prescrevem a literacia artística, onde o educador está presente, é ativo no processo de aprendizagem e ajuda a desenvolver a criança como um ser global. Tornando-se num complemento às OCEPE que apenas preconizam a expressão livre e o domínio de meios de expressão.

2.5. Cruzamento dos documentos oficiais com o Projeto Educativo da Instituição

O projeto educativo é o documento que segundo o Decreto de Lei nº115-A/98, de 4 de Maio no artigo 3º, nº 2, alínea a), consagra a orientação educativa da instituição. Este é realizado e aprovado pelos órgãos de administração e gestão da instituição com a durabilidade de três anos, e neles explicitam-se os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais a instituição se propõe cumprir a sua função educativa.

Segundo Jorge Costa, o projeto educativo é "um documento de carácter pedagógico que, elaborado com a participação da comunidade educativa, estabelece a identidade própria de cada escola através da adequação do quadro legal em vigor à sua situação concreta, apresenta o modelo geral de organização e os objetivos pretendidos pela instituição e, enquanto instrumento de gestão, é ponto de referência orientador na coerência e unidade da ação educativa (Costa, 1991:10).

Como já referi na caracterização do projeto da instituição, na parte I deste relatório, o tema deste projeto intitula-se "Crescemos com as Histórias", e foi escolhido por encontrarem nas Histórias um tema que possibilita um trabalho pedagógico abrangente, pois as histórias estão presentes em todas as etapas do desenvolvimento. Justificando que as histórias proporcionam conhecimentos, fantasia, curiosidade e vivências diversas às crianças, dizendo ainda que cabe ao educador proporcionar às crianças estes momentos para que desfrutem do prazer de contar, ouvir e dramatizar histórias.

No que diz respeito à área das Expressões apenas refere que as metas apresentadas baseiam-se nas orientações curriculares para a educação pré-escolar.

Fazendo agora um cruzamento do que está delineado nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e o que está definido no Projeto Educativo da Instituição posso concluir que tal como nas OCEPE (1997), o Projeto Educativo sublinha a importância de valorizar o que a criança já sabe e partir daí para criar aprendizagens e também respeitar as características individuais das crianças. Posso referir também que segue o princípio geral da Lei-Quadro (5/97, de 10 de Fevereiro), integrando a família no percurso educativo da criança favorecendo as aprendizagens da mesma. A partir deste princípio, posso verificar que também está presente o objetivo de educar a criança para a cidadania, fomentar na criança o respeito pela diferença, reconhecer o direito à educação a todas as crianças e proporcionar-lhes

sucesso escolar, assumir que cada criança é um ser individual e respeitar esse facto proporcionando-lhes um desenvolvimento personalizado, fomentar a curiosidade e o pensamento crítico, proporcionar espaços seguros e ambientes confortáveis, reconhecer precocemente alguma necessidade educativa especial e acompanhar esta criança, e por ultimo, integrar a família no processo educativo estabelecendo uma relação de colaboração e de continuidade, tal como está previsto nas OCEPE (1997).

Outro aspeto realçado no projeto e nas OCEPE (1997) é a importância da organização do espaço, do tempo e dos materiais, embora no projeto não esteja tão aprofundado como no outro documento. Posso ainda cruzar a ideia de que a criança deve ter um papel ativo nesta organização e no decorrer do quotidiano escolar. Sendo do consenso da instituição que o projeto de sala deve ser desenvolvido em torno das necessidades e interesses das crianças.

Quanto à área da Expressão Plástica, apenas está prevista no Projeto como uma área a desenvolver ao longo do ano letivo, assim sendo, nenhum dos domínios da Expressão Plástica que está presente nas Metas Curriculares, está mencionado no Projeto da Instituição.

2.6. A Expressão Plástica da criança: contributos de diversos olhares

Começando por perceber o que é a expressão plástica, Sousa (2003) diz que, “A expressão plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades. As artes plásticas ao serviço da criança e não esta ao serviço das artes plásticas.” No seguimento desta linha de pensamento, Arno Stern, numa entrevista realizado por Gonçalves (1991), refere-se à expressão plástica como um vulcão, como algo que vem do interior da pessoa e é expulso, exteriorizado pela mesma como nos vulcões. Neste caso, trata-se de exteriorizar sensações e sentimentos de forma não controlada. Esta forma "não controlada" é sublinhada pois como diz Gonçalves (1991), a criança deve-se expressar-se livremente ao invés de realizar apenas o que lhe mandam. Se o adulto da sala seguisse esta metodologia fechada e imperativa, visaria uma educação que apenas torna a criança num ser obediente e passivo, ao invés do que é pretendido seguindo uma visão que estimule na criança a vontade própria, a criatividade, a autocrítica e o poder de iniciativa.

Para que esta última visão seja construída, o educador deve ter em consideração que o desenho da criança é essencialmente ideográfico, representando assim a ideia que tem das coisas e não o que vê, este ponto tem de ser respeitado e não denegrido, só por não se tratar da realidade e sim de criatividade. Abordando a criatividade, Moyles (2007) refere que:

"a criança, como "criadora", aparece na maioria dos contextos lúdicos (...).

As crianças criam e recriam constantemente ideias e imagens que lhes permitem representar e entender a si mesmas e suas ideias sobre a realidade. Isso pode ser percebido em suas conversas, desenhos e pinturas, artesanato, design, música, dança, teatro (...). Todos nós podemos (...) demonstrar criatividade na maneira pela qual somos capazes de nos expressar em uma variedade de meios, sejam eles palavras, tinta, argila ou qualquer outra coisa."

Nesta perspectiva é importante realçar que a repetição de um tema na criação plástica, não é sinal de falta de imaginação. Muitas vezes a criança poderá estar presa psicologicamente e enquanto não resolver esse problema, não irá mudar de tema, este fato não é razão de preocupação pois o tema em si pode estar a ser repetido mas a expressão vai sempre evoluindo, como preconiza Gonçalves (1991).

Ainda para Stern, citado por Gonçalves (1991), cada sessão de expressão plástica deve ter a duração máxima de uma hora e meia. Este tempo, pois como o autor diz, não deve ser um tempo de obrigação e cansativo, num dia repleto de informação, uma hora e meia, seria o suficiente para aproveitar e descontraír numa criação plástica.

A expressão plástica desenvolve duas vertentes educativas, a artística, mais virada para a exploração de materiais e criação, e a estética, onde cabem a fruição, que muitas vezes nestas idades se confunde com o lúdico, e a apreciação. Assim sendo, Porcher (1982) diz que a educação artística cria nas crianças "não tanto aptidões artísticas específicas, mas sobretudo um desenvolvimento global da personalidade, através das formas mais diversificadas e complementares possíveis de actividades expressivas criativas e sensibilizadoras". Hoje em dia sabe-se que, como diz Gonçalves (1976), temos de desenvolver a criança integralmente, dando importância a todas as áreas do saber, sejam elas mais racionais ou mais espontâneas. A expressão plástica desenvolve a sensibilidade, a inteligência, a imaginação e a reflexão na criança.

Por sua vez, os autores Godinho e Brito (2010), consideram que num contexto de ensino pré-escolar a educação estética deve estar presente e deve andar de mãos dadas com o meio ambiente natural e cultural que envolve as crianças fazendo com que contactem com diferentes formas de expressão artísticas que lhes são familiares. Desta forma é fundamental, que tudo o que vivem no domínio das expressões assente na experimentação e fruição, para contribuírem positivamente na construção da sua personalidade.

Outro aspeto a ter em consideração, tal como dizem os autores Godinho e Brito (2010), é que na educação pré-escolar a expressão plástica deve aliar “experiências em torno da exploração e descoberta (criação), da utilização de técnicas (execução) e do contacto com diferentes formas de manifestações artísticas (apreciação)” de forma a criar um adulto crítico e criador num futuro próximo.

Falando agora um pouco da organização da sala como dizem Hohmann & Weikart (2009), esta deve integrar várias áreas de interesse específicas, tais como: a área dos jogos, a área da casa, a área dos livros e escrita, a área da música e movimento, a área dos computadores e a área das atividades artísticas. O fato da sala estar dividida por áreas, ajuda a criança a orientar-se no espaço e se as áreas tiverem bem distribuídas, ajuda a criança a ter o ambiente favorável a cada aprendizagem. Os materiais disponíveis nas áreas, devem estar visíveis e acessíveis às crianças, etiquetados para facilitar a escolha, o uso e a manipulação às crianças e também para, facilitar a sua arrumação ordenada de forma a suscitar na criança iniciativa própria em fazê-lo e ainda experiências de aprendizagem e resolução de problemas (Oliveira-Formosinho, 2007). (Ver Tabela 1, página 39)

Para concluir, nada mais oportuno que um olhar bem atual de Gonçalves (1991), referindo o seguinte:

"Hoje, cada artista é livre de criar o seu próprio modelo ou padrão de beleza. Do mesmo modo, cada criança deve ser livre de se exprimir diferentemente, de acordo com os seus próprios anseios, ideias e emoções. Em qualquer dos casos, é a diferença que importa saber aceitar, como algo de original que nos distingue individualmente e contribui para que o diálogo seja mais rico e criativo, na medida em que permite um amplo confronto de ideias e sentimentos."

3. Metodologia

3.1. Tipo de Estudo

Após a leitura de Paula Oliveira (s.d.), constatei que existem três tipos de investigação: quantitativa; qualitativa ou mista. Este estudo tem um carácter qualitativo, uma vez que me debrucei sobre a prática da expressão plástica através da conceção e do método pedagógico de terceiros, neste caso de seis educadoras de infância. Esta recolha de conceções surgiu através da realização de entrevistas semi-diretivas e da análise dos resultados obtidos, de forma a adquirir uma recolha de dados rigorosa e assim obter aprendizagens essenciais para a futura prática profissional.

Como diz Oliveira, "esta metodologia está centrada na forma como o ser humano interpreta e atribui significado à sua realidade (...). Neste sentido, a compreensão dos fenómenos educativos implica o conhecimento das representações que os indivíduos e/ou grupos atribuem à(s) sua(s) realidade(s), bem como das suas interações." Por isso tentei interagir o máximo possível com as educadoras participantes para mais facilmente construirmos a realidade praticada.

3.2. Instrumentos de recolha e análise de dados e informação para a pesquisa

Para desenvolver a pesquisa foram definidos alguns instrumentos de recolha de dados, nomeadamente a análise documental, os inquéritos por entrevista semi-diretiva e a observação direta.

A análise documental foi, acima de tudo, um método de pesquisa e análise de bibliografia para a temática em estudo: a Expressão Plástica no contexto da educação Pré-Escolar. Nesta investigação, "servirá para complementar informação obtida por outros métodos" (Bell, 2002) nomeadamente pelo inquérito por entrevista e pela observação.

Neste sentido a entrevista construída revelou-se crucial, visto que, foi o método de pesquisa que mais se adequou para a recolha de dados, já que enriqueceu o presente estudo, através da compreensão dos sentimentos, pensamentos e ações das educadoras entrevistadas. Foi com base neste pressuposto que efetuei um guião de entrevista (anexo RR), tratando-se de acordo com Bell, (2002), de uma entrevista semiestruturada "guiada ou focalizada". Este tipo de entrevista caracteriza-se pela

existência de um guião de questões, antecipadamente elaborado, de modo a apoiar na orientação do desenvolvimento da entrevista. Apesar de haver uma sequência lógica na ordem das questões, não é obrigatório o seguimento rígido da mesma.

Antes de realizar a entrevista, foi apresentado um protocolo ético (anexo QQ), onde foram apresentados os termos e as condições para a execução das mesmas. Todas as entrevistas foram registadas recorrendo à gravação de voz e mais tarde transcritas, resultando em fichas síntese das entrevistas (anexo SS).

A entrevista, “utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (Bogdan e Biklen, 1994:134). adquiriu bastante importância neste estudo, pois através dela consegui perceber a forma como as educadoras interpretam as suas vivências.

4. Apresentação e Análise dos Dados

Na seleção das seis docentes entrevistadas foram estabelecidos alguns critérios, sendo o primeiro o tempo de serviço e o segundo laborarem em diferentes contextos de ensino.

O primeiro critério, permitiu recolher dados junto de docentes com mais tempo de serviço, de tempo médio e de início de carreira, o que possibilitou verificar se o tempo de serviço e a formação inicial condicionam ou não as suas práticas relativamente à área da expressão plástica.

O segundo critério, permitiu recolher dados junto de docentes que laboram numa instituição pública em Samora Correia e de outros docentes que laboram em instituições particulares de solidariedade social, uma em Samora Correia e outra em Salvaterra de Magos.

Tratando-se de um estudo qualitativo, os resultados não são generalizáveis.

4.1. Caracterização dos entrevistados

Por uma questão de confidencialidade os entrevistados, ao longo do trabalho, serão identificados por letras maiúsculas, ou seja, participante A (PA), participante B (PB), participante C (PC), participante D (PD), participante E (PE) e participante F (PF).

Para melhor demonstrar o percurso profissional de cada docente entrevistada realizei a seguinte tabela:

	Formou-se há...	Exerce a profissão há...	Na instituição atual está há...
PA	32 anos	32 anos	17 anos
PB	35 anos	35 anos	14 anos
PC	32 anos	32 anos	16 anos
PD	9 anos	9 anos	9 anos
PE	5 anos	4 anos	4 anos
PF	26 anos	25 anos	22 anos

4.2. Concepções acerca da expressão plástica

Para além do percurso profissional de cada docente, que esteve na base da caracterização dos participantes, as educadores, foram também questionadas sobre as suas concepções acerca da expressão plástica, nomeadamente a importância que é dada no Jardim de Infância a esta expressão e a importância que é dada no currículo da educação pré-escolar à mesma.

De entre as opiniões evidenciadas quanto há primeira questão, todas concordam que a expressão plástica é fundamental para o desenvolvimento da criança e bastante importante no jardim de infância. As percentagens respondidas rondaram os 80, 90% e as duas participantes que não responderam em percentagem referiram algumas razões para esta expressão ser tão importante, tais como:

" A expressão plástica, por outro lado, dá gosto porque é a excelência do jardim de infância e começa no borrão da tinta nos mais pequeninos, representando a expressão plástica pura e depois vão evoluindo e é reconfortante ver a evolução que eles têm, desde a garatuja até à figura humana perfeita que fazem. Por isso para mim a expressão plástica não é 100% porque tudo é importante no jardim de infância e não se pode dar percentagens a nada em especial porque se trata de um todo, mas é mesmo muito importante." (PA)

" A expressão plástica é uma forma das crianças se poderem exprimir (...), pois ela é um veículo de comunicação logo é bastante importante." (PE)

Relativamente à importância que é dada à expressão plástica no currículo, as opiniões divergiram um pouco. Todas as educadores se referiram às OCEPE como ponto de referência e a maior parte refere que é dada a devida importância a esta expressão, sendo que está bem equacionada com o resto das áreas. Uma minoria diz que devia ser dada mais importância, não só a esta expressão como a todas as outras expressões no currículo da educação pré-escolar. Observando os seguintes excertos, é notória a divergência de opiniões:

"Nas orientações curriculares, acho que dão alguma importância ou pelo menos é um domínio que está enquadrado com todos os outros." (PB)

" Eu acho que deveria ser dada mais importância, não só à expressão plástica como a todas as outras expressões." (PE).

4.3. Contribuição da formação inicial

Com este ponto quis perceber qual a influência que a formação inicial teve para a prática profissional da expressão plástica, para isso realizei duas questões a todas as participantes. A primeira foi se a formação inicial foi importante para o desenvolvimento de competências pedagógicas no domínio da expressão plástica e a segunda foi se sentiram necessidade de desenvolver as referidas competências após terem terminado o curso.

No que toca ao relevo da formação inicial as opiniões foram idênticas, tendo existido apenas uma participante a dizer que a formação inicial não tinha sido importante para a sua prática ao nível desta expressão, justificando-se que " não me senti de todo preparada quando terminei o curso" (PF). Todas as outras participantes afirmaram que a formação inicial foi bastante importante no desenvolvimento de competências pedagógicas no domínio da expressão plástica, como podemos verificar pelo testemunho da PC quando nos diz que "tínhamos muita formação nesta área, o que me ajudou muito no desenvolvimento desta expressão na prática."

Quanto à segunda questão as opiniões continuaram na mesma proporção da primeira questão, sendo que apenas a PF respondeu que "senti necessidade mas infelizmente nunca tive oportunidade de desenvolver essas competências em nenhum lado. Por isso o que me ajudou mais foi a troca de experiências com as minhas colegas.". Todas as outras participantes responderam que não sentiram necessidade mas que vão sempre tentando evoluir e aprender mais sobre o assunto, umas através de formações pagas, outras através de formações oferecidas pelas instituições e outra pesquisando sobre vários assuntos.

4.4. Organização/ Planificação das atividades

Neste grupo de questões tentei perceber como são organizadas e geridas as atividades de expressão plástica, para isso comecei por perguntar se as educadoras preparavam as atividades antecipadamente, depois se as previam, em seguida perguntei qual era a principal intenção quando preparavam as atividades, posteriormente qual a duração média de uma atividade de expressão plástica, perguntei também que áreas de exploração costumam abordar e por último que tipos de materiais costumam utilizar.

Na primeira pergunta as respostas divergiram muito. Primeiramente três participantes referiram que preparam algumas atividades mas não costumam preparar a maioria, isto porque seguem o Movimento da Escola Moderna⁸ e preconizam que o mais importante é a criança ser autónoma, como explicou a PC "Eu faço o meu planeamento e ajudo-os no planeamento deles, mas a ideia é que eles ganhem autonomia e faço tudo para que eles consigam preparar quase tudo sozinhos". A PE apesar de não seguir o mesmo método, também é da mesma opinião e por isso apesar de preparar algumas atividades, outras são preparadas pelas crianças. Já a PF diz que não tem por hábito preparar as atividades, já que elas surgem no dia-a-dia pelas crianças. Numa perspetiva oposta a PD diz que "Normalmente programo sempre no fim de semana, a semana que se segue preparando tudo, materiais, espaço, tempo, tudo o que irá ser necessário para aquela semana."

Tal como a primeira pergunta, a segunda recebeu respostas muito idênticas. As três participantes que seguem o método da Escola Moderna, explicaram que prevêm atividades de expressão plástica "Se forem planeadas, ou para apresentar uma técnica diferente de outra forma partem sempre da criança de forma livre. (PB). As participantes D e E dizem que prevêm este tipo de atividades com bastante frequência e a PF explica que não costuma prever, pois como já tinha explicado na pergunta anterior as atividades surgem no dia-a-dia e pelas crianças, por isso só no dia sabe o que as crianças querem realizar.

À terceira pergunta foram respondidas intenções diferentes, enquanto que para a PA a principal intenção é que as crianças ponham a mão na massa, para a PB a intenção passa pelas crianças perceberem que podem recriar qualquer coisa de diferentes formas estimulando a criatividade e aprendendo ludicamente. Para a PC a principal intenção é que exista desenvolvimento da criatividade, da comunicação e que consigam manifestar os seus sentimentos. Já a PD diz que a principal intenção é ir ao encontro do gosto e dos interesses das crianças, a PE partilha a mesma opinião que a PD embora acrescente que tem de existir sempre objetivos que as façam progredir. Finalmente a PF refere que a sua principal intenção é que as crianças aprendam através desta expressão, atingindo sempre os objetivos traçados.

⁸ "O movimento da escola moderna é um modelo pedagógico que assenta numa prática democrática da gestão das actividades, dos materiais, do tempo e do espaço e pretende, através da acção dos educadores que dele fazem parte, proporcionar uma vivência democrática e um desenvolvimento pessoal e social das crianças, garantindo a sua participação na gestão da vida da sala e da escola." Raquel Martins, 2009.

A pergunta seguinte dizia respeito à duração média de uma atividade de expressão plástica, a esta pergunta as respostas foram praticamente unânimes, sendo que quatro participantes responderam 30 minutos, uma respondeu entre 20 e 40 minutos e a PA não conseguiu responder uma duração média certa, dizendo que depende sempre do interesse das crianças.

Nas duas perguntas seguintes, uma acerca das áreas de exploração abordadas na sala de aula e outra acerca dos materiais que eram utilizados, as respostas foram todas muito idênticas, tendo em algumas acrescentado apenas um ou outro material, ou uma ou outra área de exploração. Como podemos ver, as áreas de exploração referidas são idênticas nos seguintes excertos:

"(...) é de tudo um pouco. Se por exemplo estivermos a realizar um projeto, este pode ter pintura, escrita, colagem, pode ter muitas áreas de exploração, porque ao fim ao cabo isto é um cartaz e no fim ficamos com um livro repleto de expressões. Quanto à exploração livre, eles têm à sua disposição a área da expressão plástica que engloba a pintura em várias vertentes, a pintura no placar; a pintura de aguarela; a pintura de rolo; a pintura com anilinas; depois também há a modelagem que pode ser de barro, plasticina ou massa de cores. Noutro ponto da sala, temos sempre o desenho onde têm sempre tudo o que é necessário à mão, inclusive os cartões com os nomes e a data para identificarem o trabalho. Claro que não posso deixar de referir que tudo isto é feito pela mão das crianças e não pela mão da educadora, prefiro usar quando necessário o efeito "iogurte" ou seja, usar o trabalho de uma criança para mostrar a todas as crianças que essa criança conseguiu fazer aquele trabalho e que se ela conseguiu todos conseguem. (PA)".

"Um pouco de tudo, acabamos por fazer modelagem, muita pintura, muita expressão de sensação como a digitinta, também as atividades livres como o desenho ou a colagem, enfim, um pouco de tudo. (PE)".

E também os materiais referidos são idênticos, vejamos nos seguintes excertos:

"São muitos, barro, plasticina, massa de cores, esponjas, escovas, pincéis, lápis de cor, de cera, canetas, berlindes, tintas, aguarelas, material de desperdício e reciclável, portanto exploramos muitos materiais. (PC)".

"Tudo o que tenho ao dispor eu utilizo, desde os materiais básicos de pintura e escrita, ao material de desperdício, às missangas, tudo o que tenho. Claro que não poderia deixar de dizer que está tudo à mão da criança, a autonomia é muito importante. (PD)".

4.5. Articulação da expressão plástica com outras áreas do saber

Este foi o último grupo de questões realizado, com a intenção de conhecer a opinião das participantes em relação à potencialidade da expressão plástica enquanto atividade lúdico pedagógica facilitadora das outras áreas do saber.

Na primeira pergunta verifiquei que as respostas foram unânimes, tendo todas as participantes respondido que sim, as atividades de expressão plástica têm muitas potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber. Muitas participantes, até intitularam esta expressão como um "veículo" que ajuda a criança a chegar a qualquer outra área do saber sem se aperceber, consideremos os seguintes excertos:

"Completamente, acho que em termos de imaginação, porque para termos raciocínio lógico temos de imaginar, pensar e quando estamos a criar e inventar estamos a realizar um raciocínio gerindo o espaço e os materiais. Tudo isso influencia um bocadinho todas as outras áreas do saber, por isso na minha opinião é muito facilitadora, mais que não seja porque são atividades que cativam a criança e podemos aproveitá-las para chegar a todas as outras áreas. (PB)".

" Sim, bastante. A nível da criatividade por exemplo, a partir dela eles criam tudo e de forma entusiasta. Enquanto às vezes na escola perdem o interesse e o entusiasmo porque é tudo muito formal, na expressão plástica pode-se aprender muitos aspetos da escola de forma lúdica, de forma divertida. O educador só tem de saber aproveitar os momentos e estas atividades para introduzir conhecimentos das outras áreas do saber. (PD)".

Nesta última pergunta, quando falei de planificação as respostas diferenciaram um pouco, umas porque como as participantes utilizam o método moderno não fazem planificações mensais ou semanais, realizam as planificações com as crianças de modo a serem elas a planificarem o trabalho que vão realizar. Outras, porque não realizam qualquer planificação e as atividades vão surgindo pela criança no dia-a-dia

do jardim de infância e ainda outros casos que por realizarem planificações semanais responderam quais os critérios que têm quando as redigem, entre eles podemos encontrar o interesse das crianças, a cooperação, a criatividade, a adaptação das atividades às diferentes faixas etárias e o desenvolvimento pleno das crianças (PC); atingir os objetivos (PD); as necessidades das crianças (PE).

Seguidamente perguntei os critérios que costumam ter em conta no desenvolvimento da atividade, aqui responderam por exemplo que era o envolvimento da criança (PA); que percebam como se realiza o processo e que estejam envolvidas de forma harmoniosa (PB); o desempenho da criança, as suas capacidades, as dificuldades e o envolvimento (PE).

Finalmente quanto à avaliação quase todas as respostas foram idênticas, tendo prevalecido a ideia de que o processo da atividade é o mais avaliado, não só a nível de envolvimento, como de motivação, de facilidades e dificuldades, entre outros, sendo que mesmo as duas participantes que responderam que avaliavam o produto justificaram que o faziam para perceber se o processo estava adquirido. Tendo existido duas exceções, uma participante dizendo que a forma de avaliar que utiliza é a comparação de trabalhos de tempo a tempo para registar com as crianças a sua evolução, e outra participante dizendo que durante a atividade vai realizando perguntas às crianças para conseguir avaliar os pontos que quer.

4.6. Síntese dos dados

Depois de analisar todas as questões tento agora tirar algumas percepções de tudo o que foi dito. Para isso começo por dizer que consegui perceber que neste grupo de participantes os diferentes tempos de serviço ou anos diferentes de formação não condicionavam as suas expectativas e práticas relativas à expressão plástica, pois como podemos verificar tanto houve educadoras que se formaram e praticam a profissão há mais anos, como educadoras que se formaram e praticam à menos tempo com a mesma opinião dando uma intensa importância à expressão plástica, exemplos disso temos a PA e a PD, por exemplo.

Consegui perceber também que o documento de referência para este grupo de educadoras são as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e apesar de não se terem mostrado muito à vontade a falar da importância que é dada à expressão plástica neste documento, visam-no como relativo reconhecedor da importância das expressões para o desenvolvimento integral das crianças.

Foi também importante perceber que embora a maior parte das educadoras não tenham sentido necessidade de desenvolver competências a nível da expressão plástica após terem terminado o curso, tentaram sempre realizar formações e evoluir o conhecimento que tinham desta expressão, sendo esta vontade de aprender uma mais valia para qualquer profissional.

Quanto à prática desta expressão, foi possível perceber que utilizam práticas bastante distintas, que algumas educadoras optam por planificar e preparar as atividades antecipadamente, outras educadoras optam por não preparar de todo porque a dinâmica da sala funciona segundo o que as crianças querem fazer naquele dia e outras educadoras ainda, devido a empregarem as teorias do Movimento Moderno realizam as planificações no dia-a-dia com as crianças. Com o que consegui observar e pelo que fui percebendo através das respostas, neste grupo de participantes há duas educadoras que não prevêm nem preparam as atividades de expressão plástica, o que acaba por fazer com que estas sejam realizadas apenas para ocupar tempo livre ou por opção livre da criança sem que seja aproveitado como uma oportunidade lúdica pedagógica. Apesar de isto acontecer, satisfaz saber que a maioria aproveita esta expressão pedagogicamente, utilizando-a com intencionalidade educativa e dando-lhe a devida importância.

Da discussão dos resultados, concluí, também, que durante a planificação, o desenvolvimento e a avaliação das atividades de Expressão Plástica, as 6 participantes no estudo admitiram ter como principal critério a adequação das atividades às capacidades, necessidades e/ou dificuldades de cada criança. Ainda em relação à avaliação foi consensual que o processo tem de ser valorizado porque, “todo o material deverá ser considerado como um meio de satisfazer as necessidades da criança e nunca como um meio de dar um tipo especial de lição de arte” (Sousa, 2003). Ou seja, o mais importante numa atividade de Expressão Plástica não é o produto final da mesma, mas sim o processo de elaboração do produto.

Nesta medida, encaminho para a última conclusão do estudo. Ora, a Expressão Plástica foi sempre assumida por todas as participantes, como uma expressão repleta de potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber. Sendo por ser lúdica e cativante como por ser um veículo que leva facilmente a criança a desenvolver-se em todas as áreas, desde que seja bem aproveitada, claro.

Reflexão Final : A Perspetiva do Educador face à Expressão Plástica.

Com este relatório procurei essencialmente construir saberes teóricos e práticos sobre a acção educativa na educação pré-escolar a nível da expressão plástica e valorizar a importância do domínio desta mesma expressão.

No decurso do ultimo estágio realizado em jardim de infância foi minha preocupação reflectir sobre as possibilidades que oferecia a área de expressão plástica, tendo em consideração os interesses e necessidades formativas das crianças. Uma vez verificado que a expressão plástica não era valorizada, nem explorada, tentei que durante a minha intervenção este domínio estivesse presente sempre com intenção pedagógica, mesmo quando a realizavam livremente. Apesar de ter estado sempre presente, o domínio da Expressão Plástica não foi beneficiado, só por ser o domínio em estudo. Por outro lado, não foi considerado pela estagiária o “mais importante”, já que toda e qualquer atividade pensada, preparada e depois desenvolvida, foi com base no principal documento norteador elaborado pelo Ministério da Educação - as OCEPE, e pelos interesses e necessidades das crianças.

Posso ainda referir que os últimos dois estágios descritos na parte I deste relatório, foram uma mais valia para a minha formação e para a realização deste relatório. Todas as dúvidas e dificuldades que surgiram nos estágios ajudaram-me a evoluir e a questionar ainda mais a minha prática, sei agora, que a investigação estará sempre presente na minha ação para conseguir dar melhor resposta ao dia-a-dia da prática profissional. Para além de terem sido dois espaços de partilha de conhecimentos, foram dois espaços de experimentação e consequente aprendizagem que culminou numa preparação e em confiança para o meu futuro profissional.

Na parte II deste relatório tive oportunidade de reunir alguma informação sobre a temática partindo da revisão bibliográfica. Neste ponto destacam-se dois tipos de abordagens teóricas e vertentes da educação artística, a expressão livre e a literacia artística, sendo que encontrei uma outra que não é muito desenvolvida, a expressão contextualista. A expressão livre é defendida pelas OCEPE e está centrada na criança, deixando-a explorar livremente diversos meios de expressão e utensílios dando asas à sua imaginação e criatividade. A literacia artística aparece nas Metas Curriculares como uma evolução da expressão livre, ou seja, acrescenta alguns pontos a esta última, sendo um deles a criatividade ser passível de desenvolver com a intervenção do educador e outro, a exploração da arte em diferentes formas e contextos. No fundo,

trata-se de uma ação mais completa que implica muito mais a ação do educador em prol do desenvolvimento da criança a nível artístico. Por fim a contextualista tenta sensibilizar para os contextos, ou seja, para o mundo que nos rodeia, para a história dos objetos, tentando sempre contextualizar a expressão.

No ponto 4. da parte II deste relatório apresento as conclusões tiradas das entrevistas realizadas às seis educadoras participantes. De acordo com os resultados apresentados, embora todas as participantes pareçam valorizar a expressão plástica, assim como a transversalidade dos saberes no processo de ensino/aprendizagem, alguns discursos demonstram uma certa inconsistência com a ação praticada e observada durante os estágios relativamente ao domínio da expressão plástica. Digo isto porque tive oportunidade de observar a ação de três educadoras que foram entrevistadas, e apenas o discurso de uma consiste na sua ação na prática, sendo que as restantes nos seus discursos parecem valorizar esta expressão e implementá-la pedagogicamente, mas o mesmo não se traduz nas suas práticas. Dito isto, penso que seria uma mais valia ter tido a oportunidade de observar e captar atividades de expressão plástica nas próprias salas das participantes no estudo, seria um dos métodos de recolha de dados mais eficazes para o esclarecimento de dúvidas que surgiram pós-entrevistas. Todavia, a falta de tempo, a evasão de privacidade das crianças e a falta de espaço neste relatório não tornaram esta opção viável.

Acho importante referir que estou consciente de que o estudo, não une um conjunto de condições, para que possa formular conclusões generalizáveis, mas apenas considerações sobre este estudo exploratório.

Não podia deixar de dizer que também teria sido uma mais-valia para este estudo a investigação profunda da minha própria prática (através das planificações e das reflexões), comparando assim os meus procedimentos com o das outras educadoras.

Posso também referir que mudei um pouco de opinião depois da realização deste relatório. Antes, preconizava a expressão livre pois embora a minha prática já se refletisse um pouco no que acredito ser certo agora, numa literacia artística, não a defendia teoricamente. Talvez porque durante a minha licenciatura a expressão livre foi sempre apresentada como a ação a implementar e muito vincada durante todo o processo de ensino-aprendizagem e eu não tive a capacidade de me distanciar para refletir sobre o assunto. Dito isto, embora os pressupostos apresentados anteriormente se mantenham como corretos, se fosse neste momento acrescentava mais alguns

pontos que deviam ser observáveis nas salas de jardim de infância e na minha realidade não foram. Posso afirmar por exemplo, que em nenhuma sala observei trabalharem quadros, esculturas, monumentos, entre outras formas de arte que podem e devem ser trabalhadas neste contexto.

Em suma, espero ter a oportunidade de pôr em prática a expressão plástica como literacia artística brevemente. Tentando sempre não cair em alguns erros que fui referindo durante a realização deste relatório.

Em jeito de conclusão este Relatório de Estágio foi uma mais-valia para mim como futura profissional e espero, com ele, despertar o interesse na área da Expressão Plástica. E que sirva de ponto de partida para novas investigações.

Referências Bibliográficas

- BELL, J. (2002). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*, Coleção Ciências da Educação, Porto: Porto Editora
- COSTA, Jorge A. (1991). *Gestão Escolar: Participação, Autonomia, Projecto Educativo da Escola*. Lisboa: Texto Editora (5ª ed. 1999).
- COSTA, Jorge A. (2004). Construção de projectos educativos nas escolas: traços de um percurso debilmente articulado. *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 17, núm. 2. Braga: Universidade do Minho
- DAMAS, Andreia Sofia (2012) - *Como planificar de acordo com as características e necessidades dos diferentes contextos, nomeadamente no que concerne à heterogeneidade das crianças e dos respetivos grupos*. Santarém: IPS - Escola Superior de Educação de Santarém, 2012 . Relatório de Estágio
- DIAS, I. (2009). *Promoção de competências em educação*. Leiria: Instituto de investigação, Desenvolvimento e Estudos Avançados.
- DIREÇÃO GERAL DE INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO CURRICULAR
"Avaliação na Educação Pré-escolar" de 11/4/2011 (Circular nº4/ DGIDC/ DSDC/ 2011).
- GONÇALVES, E. (1976). *A Pintura das Crianças e Nós - Pais, Professores e Educadores*. Porto Editora.
- GONÇALVES, E. (1991). *A Arte Descobre a Criança*. Amadora: Raiz Editora.
- FAGUNDES, D. (2005). *O processo de ensino/aprendizagem da gramática da língua inglesa no 3º ciclo do ensino básico* (Dissertação de mestrado). Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- GODINHO, J., & BRITO, M. (2010). *As Artes no Jardim-de-Infância - Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- HOHMANN, M., & WEIKART, D. (2009). *Educar a criança* (5ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LEITÃO, F. (2000). *Aprendizagem cooperativa e inclusão*. Em A. Estrela e J. Ferreira (2000). *Diversidade e diferenciação pedagógica*. Lisboa: AFIRSE.
- MARTINS, R. (2009). *O Movimento da Escola Moderna*. In Instrumentos de trabalho, Metodologias.
- MENDES, M. & SANTOS, J. (1992). Gostar de Crianças é pouco - o percurso de Cecília Menano. In *Revista Cadernos de Educação de Infância*. Nº23, pág.8-10.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2010). *Metas de Aprendizagem*. Lisboa: Ministério da Educação/ Departamento da Educação Básica.
- MOYLES, J. (2002). *Só brincar? O papel do brincar na educação infantil*. Tradução de Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed.

Expressão Plástica: Práticas e Dinâmicas em Contexto de Ensino Pré-Escolar

- MUNARI, B. (1968). *Design e Comunicação Visual*. Lisboa: Edições 70.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (2007). A contextualização do modelo curricular high-scope no âmbito do projecto infância. In J. Oliveira-Formosinho, *Modelos Curriculares para a Educação de Infância – Construindo uma praxis de participação*. Porto: Porto Editora.
- OLIVEIRA, M. (2007). A Expressão Plástica na Atualidade. A expressão plástica para a compreensão da cultura visual. *Saber Educar*, N.º12, (4). Consultado em 3 jan. 2012: <http://purl.net/ese/f/handle/10000/6>.
- OLIVEIRA, P. (s.d.) *Metodologias de Investigação em Educação*
- OMS & UNICEF. (1998). *Complementary feeding of young children in developing countries: a review of current scientific knowledge*. Geneva: World Health Organization.
- ORNSTEIN, Allan C. & HUNKINS, Francis P. (2004). *Curriculum - foundations, principles and issues*. Boston: Pearson Education, Inc.
- PACHECO, José Augusto (1996). *Currículo: Teoria e Práxis*. Porto Editora.
- PERRENOUD, P. (2000) *Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto alegre: Artes Médicas Sul.
- PESSANHA, A. M. Araújo. (2001). *Actividade Lúdica Associada à Literacia*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- PRIGOGINE, I. (1997). *O fim da era das certezas*. São Paulo: Ática
- PORCHER, L. (1982). *Educação artística: luxo ou necessidade?*. São Paulo: Summus Editorial.
- SERRA, C. M. (2004). *Currículo na Educação Pré - Escolar e Articulação Curricular com o 1º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.
- SILVA, I., & all. (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Departamento de Educação Básica, Ministério da Educação.
- SOBRINO, Javier García, & all. (2000). *A criança e o livro - A aventura de ler*. Porto: Porto Editora.
- SOUSA, Alberto B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. 3º Volume: Música e Artes Plásticas. Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
- STERN, A. (1974). A educação artística. In A. Stern, *Aspectos e Técnicas da Pintura de Crianças*. Lisboa: Livros Horizonte.
- STERN, A. (1974). A expressão plástica é uma linguagem. In A. Stern, *Uma Nova Compreensão da Arte Infantil*. Lisboa: Livros Horizonte.
- VASCONCELOS, T. (2007). *Manual de desenvolvimento Curricular para a Educação de Infância*. Lisboa: Textos Editores.

Expressão Plástica: Práticas e Dinâmicas em Contexto de Ensino Pré-Escolar

- VIEIRA, M. (1992). Estávamos todos a brincar a sério. in *Revista Cadernos de Educação de Infância*. Nº23, pág.18-23.
- VYGOTSKY, L.S. (1977) *Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar*. In: LURIA et al. *Psicologia e pedagogia I : bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento*. Lisboa : Estampa.

Legislação consultada

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Decreto de Lei - nº281/2009, de 6 de Outubro - Sistema Nacional de Precoce na Infância
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Decreto de Lei - Intervenção nº5/97, de 10 de Fevereiro - Lei Quadro da Educação Pré-Escolar;
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Decreto de Lei - nº115-A/98, de 4 de Maio - Lei da autonomia das escolas.

Anexos

Anexo 1. Plano das Rotinas
(21 de Abril a 15 de Maio de 2015)

Discentes: Cácia Damião e Joana Dias

Local: Centro Paroquial de Bem-Estar Social de Salvaterra de Magos

Educadora cooperante: Maria João

Faixa etária: 4/6 anos

Professora supervisora: Leonor Santos

Número de crianças previsto: 24

Tema: As Rotinas			
Rotinas	Objetivos	Atividades/Estratégias	Avaliação
Acolhimento	Sentir confiança e vínculo afetivo com a educadora, a auxiliar, os colegas e as estagiárias; Interagir com os adultos e as outras crianças por iniciativa própria; Sentir segurança; Sentir conforto na relação com os outros.	Receber as crianças com carinho sentindo interesse por aquilo que elas têm para contar para que as crianças se mostrem entusiasmadas e envolvidas, tornando o momento da separação dos familiares mais leve.	Observação direta: Se demonstram satisfação ao chegar à sala, se se sentem confortáveis naquele ambiente e verificando se interagem com as outras crianças autonomamente.
	Estar atenta, escutando em silêncio	Inicialmente, as crianças sentam-se	Observação direta:

<p>Reunião no tapete</p>	<p>o que for dito pelos adultos ou pelos colegas; Sentir-se "bem vinda" por todos, fazendo com que se sinta integrada, pertencente ao grupo; Conviver com os colegas, comunicando verbalmente; Diferenciar os dias da semana e os meses do ano, referenciando qual o mês em que estamos, o dia da semana e o dia mensal; Marcar autonomamente a sua presença no quadro das presenças.</p>	<p>todas no tapete e depois de perceberem qual o mês em que estamos, o dia semanal e o dia mensal marcarão as presenças individualmente de forma autônoma. As crianças marcarão as presenças numa tabela existente na sala à medida que vão chegando. Depois de todos terem marcado a sua presença, iremos falar do que fizeram enquanto nos fim-de-semana, ou no dia anterior e do que iremos fazer neste dia.</p>	<p>Poderei observar se as crianças tomam atenção ao que lhes estamos a dizer, escutando em silêncio; Se deixam os colegas falar e não falam ao mesmo tempo; Se mostram motivação e participam na conversa; Se diferenciam sem ajuda os dias da semana, os meses do ano e os dias mensais; Se marcam a presença no local certo, sem ajuda.</p>
<p>Atividades Orientadas</p>	<p>Momento do dia em que se organizam as atividades planificadas com determinados objetivos decorrentes do projeto "Viver com as histórias".</p>		
<p>Brincadeira livre</p>	<p>Conviver e interagir com os colegas; Partilhar; Ter a liberdade de escolher e manusear diferentes materiais disponíveis na sala; Tratar com respeito os materiais disponíveis na sala; Usar a sua criatividade e imaginação no manuseio desses materiais; Explorar o ambiente envolvente.</p>	<p>Depois da atividade orientada ter terminado cada criança irá escolher a área/cantinho para a qual pretende ir (escritório, garagem, colagem, plasticina, pintura, desenho, casinha, computador ou jogos). Estando disponíveis os vários materiais presentes na sala, as crianças poderão escolher os brinquedos/ materiais de que gostam mais e assim poderão brincar com o que quiserem.</p>	<p>Observação direta: Poderei observar se as crianças convivem/interagem umas com as outras, se tratam com respeito os materiais da sala e se partilham os seus brinquedos preferidos com os colegas.</p>

Higiene	<p>Realizar as tarefas de higiene de forma autónoma; Perceber o porquê de realizar a higiene nesta altura; Adquirir hábitos de higiene de forma autónoma.</p>	<p>Realização por parte das crianças das suas necessidades fisiológicas e lavagem das mãos.</p>	<p>Observação direta: Verifico se as crianças realizam as atividades bem e sozinhas; Ouvindo a explicação do porquê de estarem a realizar a higiene nesta altura.</p>
Almoço	<p>Ganhar autonomia na utilização dos talheres; Utilizar os talheres de forma correta; Ganhar autonomia ao dar a água, pão, guardanapos e fruta.</p>	<p>Irei disponibilizar e incentivar a utilização dos talheres, mostrando-lhes que os talheres apenas se utilizam para comer e não para brincar. Todas as semanas existe um grupo de crianças que distribui a água, o pão, os guardanapos e a fruta. Desta forma estão a ganhar autonomia na realização destas atividades e a aprender a viver em comunidade.</p>	<p>Observação direta: Verifico se as crianças utilizam os talheres de forma correta; Se evitam comer com as mãos e brincar com a comida; Se realizam as atividades de forma correta.</p>
Higiene	<p>Realizar as tarefas de higiene de forma autónoma. Perceber o porquê de realizar a higiene nesta altura; Adquirir hábitos de higiene de forma autónoma.</p>	<p>Realização por parte das crianças das suas necessidades fisiológicas, lavagem das mãos e dentes. As crianças devem tirar o bibe de forma autónoma e colocá-lo no sítio habitual.</p>	<p>Observação direta: Verifico se as crianças realizam as atividades sozinhas; Ouvindo a explicação do porquê de estarem a realizar a higiene nesta altura.</p>

Anexo 2. Planos Diários

Anexo 2.1. Semana de 7 a 10 de Abril de 2015

Anexo 2.1.1. Plano Diário - 7 de Abril de 2015

Anexo 2.1.1.1. Dia 7 de Abril - Expressão Plástica

Anexo 2.1.2. Plano Diário - 8 de Abril de 2015

Anexo 2.1.3. Plano Diário - 9 de Abril de 2015

Anexo 2.1.3.1. Dia 9 de Abril - Expressão Plástica

Anexo 2.1.4. Plano Diário - 10 de Abril de 2015

Anexo 2.1.4.1. Dia 10 de Abril - Expressão Plástica

Anexo 2.2. Semana de 21 a 24 de Abril de 2015

Anexo 2.2.1. Plano Diário - 21 de Abril de 2015

Anexo 2.2.1.1. Dia 21 de Abril - Expressão Plástica

Anexo 2.2.2. Plano Diário - 8 de Abril de 2015

Anexo 2.2.2.1. Dia 22 de Abril - Expressão Plástica

Anexo 2.2.3. Plano Diário - 9 de Abril de 2015

Anexo 2.2.3.1. Dia 23 de Abril - Expressão Plástica

Anexo 2.2.4. Plano Diário - 10 de Abril de 2015

Anexo 2.2.4.1. Dia 24 de Abril - Expressão Plástica

Anexo 2.3. Semana de 4 a 7 de maio de 2015

Anexo 2.3.1. Plano Diário - 4 de Maio de 2015

Anexo 2.3.1.1. Dia 4 de Maio - Expressão Plástica

Anexo 2.3.2. Plano Diário - 5 de Maio de 2015

Anexo 2.3.2.1. Dia 5 de Maio - Expressão Plástica

Anexo 2.3.3. Plano Diário - 6 de Maio de 2015

Anexo 2.3.3.1. Dia 6 de Maio - Expressão Plástica

Anexo 2.3.4. Plano Diário - 7 de Maio de 2015

Anexo 2.1.1. Plano Diário - 7 de Abril de 2015

Discente: Joana Dias

Local: Centro Paroquial de Bem-Estar Social de Salvaterra de Magos

Educadora cooperante: Maria João

Faixa etária: 4/6 anos

Professora supervisora: Leonor Santos

Número de crianças previsto: 24

Tema: A Germinação			
Rotinas	Objetivos	Atividades/Estratégias	Avaliação
Acolhimento	<p>Sentir confiança e vínculo afetivo com a educadora, a auxiliar, os colegas e as estagiárias;</p> <p>Interagir com os adultos e as outras crianças por iniciativa própria;</p> <p>Sentir segurança;</p> <p>Sentir conforto na relação com os outros.</p>	<p>Receber as crianças com carinho sentindo interesse por aquilo que elas têm para contar para que as crianças se mostrem entusiasmadas e envolvidas, tornando o momento da separação dos familiares mais leve.</p>	<p>Observação direta:</p> <p>Se demonstram satisfação ao chegar à sala, se se sentem confortáveis naquele ambiente e verificando se interagem com as outras crianças autonomamente.</p>
Reunião no tapete	<p>Estar atenta, escutando em silêncio o que for dito pelos adultos ou pelos colegas;</p> <p>Sentir-se "bem vinda" por todos, fazendo com que se sinta integrada, pertencente ao grupo;</p> <p>Conviver com os colegas, comunicando verbalmente;</p> <p>Diferenciar os dias da semana e os meses do ano, referenciando qual o mês em que estamos, o dia da semana e o dia mensal;</p> <p>Marcar autonomamente a sua presença no quadro das presenças.</p>	<p>Inicialmente, as crianças sentam-se todas no tapete e depois de perceberem qual o mês em que estamos, o dia semanal e o dia mensal marcarão as presenças individualmente de forma autónoma. As crianças marcarão as presenças numa tabela existente na sala à medida que vão chegando. Depois de todos terem marcado a sua presença, iremos falar do que fizeram enquanto nos não estivemos lá e do que iremos fazer</p>	<p>Observação direta:</p> <p>Poderei observar se as crianças tomam atenção ao que lhes estamos a dizer, escutando em silêncio;</p> <p>Se deixam os colegas falar e não falam ao mesmo tempo;</p> <p>Se mostram motivação e participam na conversa;</p> <p>Se diferenciam sem ajuda os dias da semana, os meses do ano e os dias mensais;</p> <p>Se marcam a presença no local certo, sem ajuda.</p>

		neste dia.	
<p>Atividade orientada</p> <p><u>Áreas:</u></p> <p>Área de Expressão e Comunicação – Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p> <p>Área de Conhecimento do Mundo</p> <p>Área de Expressão e Comunicação – Expressão Plástica</p>	<p>Dialogar; Adequar a sua comunicação a situações diversas; Transmitir mensagens ou recados/Fazer perguntas para obter informação; Articular palavras de forma clara; Saber escutar; Alargar o vocabulário.</p> <p>Reconhecer o ciclo e as diferentes partes de uma planta; Reconhecer o que é necessário para o bom crescimento de uma planta;</p> <p>Registrar graficamente os materiais utilizados; Atribuir uma cor para cada material; Resumir oralmente e graficamente o que fizeram.</p>	<p>Leitura e exploração da história: “João e o pé de feijão”; Pequena conversa sobre o ciclo da planta;</p> <p>Posteriormente irei mostrar e deixar manusear algumas sementes, e propor uma atividade; Esta atividade consiste em realizar a cara do "João" num copo e plantar algumas sementes que quando crescerem formarão o cabelo do "João";</p> <p>Por fim cada criança irá realizar o registo gráfico do que utilizou para realizar a atividade e de como ficou o produto final.</p>	<p>Observação direta:</p> <p>Verificar se as crianças escutaram a história com atenção; Se conseguem formular perguntas em relação à história; Se reconhecem palavras novas, querendo saber o seu significado; Se conseguem perceber o ciclo da planta; Se conseguem enumerar o que é necessário para o bom crescimento da planta; Se depois das explicações conseguem plantar as sementes autonomamente; Se depois de realizarem a atividade conseguem resumir gráfica e oralmente o que utilizaram e como ficou o nosso "João".</p>

Anexo 2.1.1.1. Dia 7 de Abril - Expressão Plástica

Tema	A Germinação
Objetivos Específicos	Registrar graficamente os materiais utilizados; Atribuir uma cor para cada material; Resumir oral e graficamente o que fizeram; Desenvolver a imaginação e a criatividade; Expressar graficamente as ideias e imagens formadas na mente.
Conteúdos	Desenho; Desenho de relato; Cor.
Procedimentos	Trabalho Individual
Recursos	Papel cavalinho; Lápis de grafite; Lápis de cor; Canetas de feltro.
Tempo	30 minutos
Avaliação	Verificar como as crianças exprimiram graficamente a experiência efetuada.

Anexo 2.1.2. Plano Diário - 8 de Abril de 2015

Discente: Joana Dias

Educadora cooperante: Maria João

Professora supervisora: Leonor Santos

Local: Centro Paroquial de Bem-Estar Social de Salvaterra de Magos

Faixa etária: 4/6 anos

Número de crianças previsto: 24

Tema: Os cinco sentidos			
Rotinas	Objetivos	Atividades/Estratégias	Avaliação
Acolhimento	<p>Sentir confiança e vínculo afetivo com a educadora, a auxiliar, os colegas e as estagiárias;</p> <p>Interagir com os adultos e as outras crianças por iniciativa própria;</p> <p>Sentir segurança;</p> <p>Sentir conforto na relação com os outros.</p>	<p>Receber as crianças com carinho sentindo interesse por aquilo que elas têm para contar para que as crianças se mostrem entusiasmadas e envolvidas, tornando o momento da separação dos familiares mais leve.</p>	<p>Observação direta:</p> <p>Se demonstram satisfação ao chegar à sala, se se sentem confortáveis naquele ambiente e verificando se interagem com as outras crianças autonomamente.</p>
Reunião no tapete	<p>Estar atenta, escutando em silêncio o que for dito pelos adultos ou pelos colegas;</p> <p>Sentir-se "bem vinda" por todos, fazendo com que se sinta integrada, pertencente ao grupo;</p> <p>Conviver com os colegas, comunicando verbalmente;</p> <p>Diferenciar os dias da semana e os meses do ano, referenciando qual o mês em que estamos, o dia da semana e o dia mensal;</p> <p>Marcar autonomamente a sua presença no quadro das presenças.</p>	<p>Inicialmente, as crianças sentam-se todas no tapete e depois de perceberem qual o mês em que estamos, o dia semanal e o dia mensal marcarão as presenças individualmente de forma autónoma. As crianças marcarão as presenças numa tabela existente na sala à medida que vão chegando. Depois de todos terem marcado a sua presença, iremos falar do que fizeram no dia anterior e do que iremos fazer neste dia.</p>	<p>Observação direta:</p> <p>Poderei observar se as crianças tomam atenção ao que lhes estamos a dizer, escutando em silêncio;</p> <p>Se deixam os colegas falar e não falam ao mesmo tempo;</p> <p>Se mostram motivação e participam na conversa;</p> <p>Se diferenciam sem ajuda os dias da semana, os meses do ano e os dias mensais;</p> <p>Se marcam a presença no local certo, sem ajuda.</p>

<p>Atividade orientada</p> <p><u>Áreas:</u></p> <p>Área de Expressão e Comunicação – Linguagem Oral e Abordagem à escrita</p> <p>Área do Conhecimento do Mundo</p>	<p>Dialogar; Adequar a sua comunicação a situações diversas; Transmitir mensagens ou recados/Fazer perguntas para obter informação; Articular palavras de forma clara; Saber escutar; Reconhecer que a escrita e os desenhos transmitem informação; Reconhecer que as letras correspondem a sons; Alargar o vocabulário.</p> <p>Aguardar pela sua vez, respeitando a vez dos outros; Respeitar as regras do jogo; Nomear os cinco sentidos; Perceber através de qual sentido descobriram o que lhes trouxeram; Distinguir o macio do áspero; o salgado do doce; o amargo do ácido; Reconhecer cheiros, sabores e sons do seu quotidiano; Confiar no colega.</p>	<p>Leitura e exploração da história: “A que sabe a lua”; Exploração das ilustrações do livro; Pequena conversa sobre a que saberia a lua para cada um de nós (aquilo que mais gostamos de comer);</p> <p>Realização de um jogo dos cinco sentidos, no qual as crianças irão estar vendadas e pelos sentidos terão de adivinhar o que o colega escolher para provarem, cheirarem, tocarem ou ouvirem.</p>	<p>Observação direta:</p> <p>Verificar se as crianças escutaram a história com atenção; Se conseguem formular perguntas em relação à história; Se reconhecem palavras novas, querendo saber o seu significado; Se conseguem exprimir que a ilustração do livro conta a história; Se conseguem perceber que o sabor da lua depende do gosto próprio de cada animal; Se identificam o gosto que a lua teria para eles próprios; Se aguardam pela sua vez de jogar; Se respeitam as regras do jogo, sem desvendar o que está ali aos colegas vendados; Se indicam os cinco sentidos, e qual deles usaram para adivinhar; Se conseguem pelos sentidos distinguir as diferentes sensações verbalizando-as.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Brincadeira livre	<p>Conviver e interagir com os colegas; Partilhar; Ter a liberdade de escolher e manusear diferentes materiais disponíveis na sala; Tratar com respeito os materiais disponíveis na sala; Usar a sua criatividade e imaginação no manuseio desses materiais; Explorar o ambiente envolvente.</p>	<p>Depois da atividade orientada ter terminado cada criança irá escolher a área/cantinho que pretende ir (escritório, garagem, colagem, plasticina, pintura, desenho, casinha, computador ou jogos). Estando disponíveis os vários materiais presentes na sala, as crianças poderão escolher os brinquedos/ materiais que gostam mais e assim poderão brincar com o que quiserem.</p>	<p>Observação direta: Poderei observar se as crianças convivem/interagem umas com as outras, se tratam com respeito os materiais da sala e se partilham os seus brinquedos preferidos com os colegas.</p>
Higiene	<p>Realizar as tarefas de higiene de forma autónoma; Perceba o porquê de realizar a higiene nesta altura; Adquirir hábitos de higiene de forma autónoma.</p>	<p>Realização por parte das crianças das suas necessidades fisiológicas e lavagem das mãos.</p>	<p>Observação direta: Verifico se as crianças realizam as atividades bem e sozinhas; Ouvindo a explicação do porquê de estarem a realizar a higiene nesta altura.</p>
Almoço	<p>Ganhar autonomia na utilização dos talheres; Utilizar os talheres de forma correta; Ganhar autonomia ao dar a água, pão, guardanapos e fruta.</p>	<p>Irei disponibilizar e incentivar a utilização dos talheres para as crianças comerem, mostrando-lhes que os talheres apenas se utilizam para comer e não para brincar. Todas as semanas existe um grupo de crianças que dá a água, o pão, os</p>	<p>Observação direta: Verifico se as crianças utilizam os talheres de forma correta; Se evitam comer com as mãos e brincar com a comida; Se realizam as atividades de forma correta.</p>

		guardanapos e a fruta. Desta forma estão a ganhar autonomia na realização destas atividades e a aprender a viver em comunidade.	
Higiene	Realizar as tarefas de higiene de forma autónoma. Perceba o porquê de realizar a higiene nesta altura; Adquirir hábitos de higiene de forma autónoma.	Realização por parte das crianças das suas necessidades fisiológicas, lavagem das mãos e dentes. As crianças devem tirar o bibe de forma autónoma e colocá-lo no sítio habitual.	Observação direta: Verifico se as crianças realizam as atividades sozinhas; Ouvindo a explicação do porquê de estarem a realizar a higiene nesta altura.
Sesta	Tirar os sapatos e arrumá-los autonomamente, quando vão para o catre; Realizar as tarefas de forma autónoma.	As crianças que ainda não vão para o 1ºciclo devem tirar e arrumar os sapatos autonomamente no sítio habitual antes de se deitarem.	Observação direta: Verifico se as crianças tiram os sapatos sozinhas e colocam-nos no sítio correto.
Atividades de preparação para o 1ºciclo	Conhecer algumas letras; Escrever o seu nome; Reconhecer algumas palavras escritas do seu quotidiano; Construir a noção de número; Reconhecer os números até 10; Reconhecer os números como identificação do número de objetos de um conjunto; Contagem de objetos utilizando gravuras, desenhos ou números para mostrar os resultados;	As crianças que vão para o 1ºciclo realizam atividades de preparação, tal como, escrita do seu nome, escrita de algumas letras do alfabeto e palavras do seu quotidiano e escrita e contagem de números até 10.	Observação direta: Verifico se as crianças conseguem escrever o seu nome; Se reconhecem algumas palavras do seu quotidiano; Se sabem contar os objetos de um conjunto; Se sabem representar os objetos de um conjunto através dos números.

Anexo 2.1.3. Plano Diário - 9 de Abril de 2015

Discente: Joana Dias

Educadora cooperante: Maria João

Professora supervisora: Leonor Santos

Local: Centro Paroquial de Bem-Estar Social de Salvaterra de Magos

Faixa etária: 4/6 anos

Número de crianças previsto: 24

Tema: As frutas e os legumes da época			
Rotinas	Objetivos	Atividades/Estratégias	Avaliação
Acolhimento	Sentir confiança e vínculo afetivo com a educadora, a auxiliar, os colegas e as estagiárias; Interagir com os adultos e as outras crianças por iniciativa própria; Sentir segurança; Sentir conforto na relação com os outros.	Receber as crianças com carinho sentindo interesse por aquilo que elas têm para contar para que as crianças se mostrem entusiasmadas e envolvidas, tornando o momento da separação dos familiares mais leve.	Observação direta: Se demonstram satisfação ao chegar à sala, se se sentem confortáveis naquele ambiente e verificando se interagem com as outras crianças autonomamente.
Reunião no tapete	Estar atenta, escutando em silêncio o que for dito pelos adultos ou pelos colegas; Sentir-se "bem vinda" por todos, fazendo com que se sinta integrada, pertencente ao grupo; Conviver com os colegas, comunicando verbalmente; Diferenciar os dias da semana e os meses do ano, referenciando qual o mês em que estamos, o dia da semana e o dia mensal; Marcar autonomamente a sua presença no quadro das presenças.	Inicialmente, as crianças sentam-se todas no tapete e depois de perceberem qual o mês em que estamos, o dia semanal e o dia mensal marcarão as presenças individualmente de forma autónoma. As crianças marcarão as presenças numa tabela existente na sala à medida que vão chegando. Depois de todos terem marcado a sua presença, iremos falar do que fizeram no dia anterior e do que iremos fazer neste dia.	Observação direta: Poderei observar se as crianças tomam atenção ao que lhes estamos a dizer, escutando em silêncio; Se deixam os colegas falar e não falam ao mesmo tempo; Se mostram motivação e participam na conversa; Se diferenciam sem ajuda os dias da semana, os meses do ano e os dias mensais; Se marcam a presença no local certo, sem ajuda.

<p>Atividade orientada</p> <p>Áreas:</p> <p>Área de Expressão e Comunicação – Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p> <p>Área de Expressão e Comunicação – Matemática</p> <p>Área do Conhecimento do Mundo</p>	<p>Dialogar; Adequar a sua comunicação a situações diversas; Transmitir mensagens ou recados/Fazer perguntas para obter informação; Articular palavras de forma clara; Saber escutar; Reconhecer que a escrita e os desenhos transmitem informação; Reconhecer que as letras correspondem a sons; Alargar o vocabulário.</p> <p>Construção da noção de número: Classificar e seriar; Construção da noção de tempo.</p> <p>Reconhecer alguns alimentos; Distinguir os legumes das frutas; Perceber a importância de uma sobremesa saudável; Manusear objetos da cozinha com o devido cuidado.</p>	<p>Leitura e exploração da história: “O nabo gigante”; Exploração das ilustrações da história;</p> <p>Contagem dos diferentes animais da quinta;</p> <p>Reconhecimento dos alimentos plantados no livro; Através de cartões com imagens reais dos alimentos da época, as crianças terão de identificar os que conhecem, dizendo também se são um legume ou uma fruta; Exploração de fruta da época real (cheiro, textura, sabor); Realização de uma salada de fruta para o almoço.</p>	<p>Observação direta:</p> <p>Verificar se as crianças escutaram a história com atenção; Se conseguem formular perguntas em relação à história; Se reconhecem palavras novas, querendo saber o seu significado; Se conseguem exprimir que a ilustração do livro conta a história; Se conseguem através do "refrão" da história fazer a contagem dos animais da quinta; Se verbalizam o nome do alimento observando a sua fotografia; Se sabem distinguir uma fruta de um legume; Se conseguem manusear os objetos de cozinha com responsabilidade.</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Anexo 2.1.3.1. Dia 9 de Abril - Expressão Plástica

Tema	As frutas e os legumes da época
Objetivos Específicos	Reconhecer que a escrita e os desenhos transmitem informação.
Conteúdos	Comunicação Visual
Procedimentos	Trabalho em grande grupo
Recursos	Livro
Tempo	10 minutos
Avaliação	Verificar se as crianças através da apreciação e reflexão da história, foram capazes de exprimir que a ilustração do livro conta a história.

Anexo 2.1.4. Plano Diário - 10 de Abril de 2015

Discente: Joana Dias

Local: Centro Paroquial de Bem-Estar Social de Salvaterra de Magos

Educadora cooperante: Maria João

Faixa etária: 4/6 anos

Professora supervisora: Leonor Santos

Número de crianças previsto: 24

Tema: As Cores			
Rotinas	Objetivos	Atividades/Estratégias	Avaliação
Acolhimento	<p>Sentir confiança e vínculo afetivo com a educadora, a auxiliar, os colegas e as estagiárias;</p> <p>Interagir com os adultos e as outras crianças por iniciativa própria;</p> <p>Sentir segurança;</p> <p>Sentir conforto na relação com os outros.</p>	<p>Receber as crianças com carinho sentindo interesse por aquilo que elas têm para contar para que as crianças se mostrem entusiasmadas e envolvidas, tornando o momento da separação dos familiares mais leve.</p>	<p>Observação direta:</p> <p>Se demonstram satisfação ao chegar à sala, se se sentem confortáveis naquele ambiente e verificando se interagem com as outras crianças autonomamente.</p>
Reunião no tapete	<p>Estar atenta, escutando em silêncio o que for dito pelos adultos ou pelos colegas;</p> <p>Sentir-se "bem vinda" por todos, fazendo com que se sinta integrada, pertencente ao grupo;</p> <p>Conviver com os colegas, comunicando verbalmente;</p> <p>Diferenciar os dias da semana e os meses do ano, referenciando qual o mês em que estamos, o dia da semana e o dia mensal;</p> <p>Marcar autonomamente a sua presença no quadro das presenças.</p>	<p>Inicialmente, as crianças sentam-se todas no tapete e depois de perceberem qual o mês em que estamos, o dia semanal e o dia mensal marcarão as presenças individualmente de forma autónoma. As crianças marcarão as presenças numa tabela existente na sala à medida que vão chegando. Depois de todos terem marcado a sua presença, iremos falar do que fizeram no dia anterior e do que iremos fazer neste dia.</p>	<p>Observação direta:</p> <p>Poderei observar se as crianças tomam atenção ao que lhes estamos a dizer, escutando em silêncio;</p> <p>Se deixam os colegas falar e não falam ao mesmo tempo;</p> <p>Se mostram motivação e participam na conversa;</p> <p>Se diferenciam sem ajuda os dias da semana, os meses do ano e os dias mensais;</p> <p>Se marcam a presença no local certo, sem ajuda.</p>

<p>Atividade orientada</p> <p><u>Áreas:</u></p> <p>Área de Expressão e Comunicação – Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p> <p>Área de Expressão e Comunicação – Expressão Plástica</p>	<p>Dialogar; Adequar a sua comunicação a situações diversas; Transmitir mensagens ou recados/Fazer perguntas para obter informação; Articular palavras de forma clara; Saber escutar; Reconhecer que a escrita e os desenhos transmitem informação; Reconhecer que as letras correspondem a sons; Alargar o vocabulário.</p> <p>Perceber o conceito de cores primárias; Enumerar as três cores primárias; Descobrir que cores conseguem formar a partir das primárias; Descobrir quantas cores estão escondidas numa cor secundária ou terciária; Sintetizar graficamente a formação das cores.</p>	<p>Leitura e exploração da história: “A Bruxa Mimi”; Exploração das ilustrações do livro, dando ênfase às diferentes cores;</p> <p>Apresentação das cores primárias e lançamento do dilema de como surgem as outras cores sendo estas as únicas que não se formam por meio de outras;</p> <p>Divido a turma em dois grupos, um grupo irá fazer diversas experiências com as três cores em tinta num papel para descobrir que cores conseguem formar. O outro grupo fará flores com a técnica do filtro de café para perceber as cores que contêm uma cor secundária ou terciária; Por fim iremos realizar o registo do que aprendemos através de um quadro.</p>	<p>Observação direta:</p> <p>Verificar se as crianças escutaram a história com atenção; Se conseguem formular perguntas em relação à história; Se reconhecem palavras novas, querendo saber o seu significado; Se conseguem exprimir que a ilustração do livro conta a história; Se conseguem perceber que através das cores primárias conseguem formar outras cores mas o contrário não acontece; Se conseguem descobrir e verbalizar quais cores juntas resultam noutra cor; Se conseguem através da técnica do filtro de papel perceber que cores se escondem dentro de outras; Se conseguem sintetizar verbal e graficamente a formação das diferentes cores.</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Brincadeira livre	<p>Conviver e interagir com os colegas; Partilhar; Ter a liberdade de escolher e manusear diferentes materiais disponíveis na sala; Tratar com respeito os materiais disponíveis na sala; Usar a sua criatividade e imaginação no manuseio desses materiais; Explorar o ambiente envolvente.</p>	<p>Depois da atividade orientada ter terminado cada criança irá escolher a área/cantinho que pretende ir (escritório, garagem, colagem, plasticina, pintura, desenho, casinha, computador ou jogos). Estando disponíveis os vários materiais presentes na sala, as crianças poderão escolher os brinquedos/ materiais que gostam mais e assim poderão brincar com o que quiserem.</p>	<p>Observação direta: Poderei observar se as crianças convivem/interagem umas com as outras, se tratam com respeito os materiais da sala e se partilham os seus brinquedos preferidos com os colegas.</p>
Higiene	<p>Realizar as tarefas de higiene de forma autónoma; Perceba o porquê de realizar a higiene nesta altura; Adquirir hábitos de higiene de forma autónoma.</p>	<p>Realização por parte das crianças das suas necessidades fisiológicas e lavagem das mãos.</p>	<p>Observação direta: Verifico se as crianças realizam as atividades bem e sozinhas; Ouvindo a explicação do porquê de estarem a realizar a higiene nesta altura.</p>
Almoço	<p>Ganhar autonomia na utilização dos talheres; Utilizar os talheres de forma correta; Ganhar autonomia ao dar a água, pão, guardanapos e fruta.</p>	<p>Irei disponibilizar e incentivar a utilização dos talheres para as crianças comerem, mostrando-lhes que os talheres apenas se utilizam para comer e não para brincar. Todas as semanas existe um grupo de crianças que dá a água, o pão, os</p>	<p>Observação direta: Verifico se as crianças utilizam os talheres de forma correta; Se evitam comer com as mãos e brincar com a comida; Se realizam as atividades de forma correta.</p>

		guardanapos e a fruta. Desta forma estão a ganhar autonomia na realização destas atividades e a aprender a viver em comunidade.	
Higiene	Realizar as tarefas de higiene de forma autónoma. Perceba o porquê de realizar a higiene nesta altura; Adquirir hábitos de higiene de forma autónoma.	Realização por parte das crianças das suas necessidades fisiológicas, lavagem das mãos e dentes. As crianças devem tirar o bibe de forma autónoma e colocá-lo no sítio habitual.	Observação direta: Verifico se as crianças realizam as atividades sozinhas; Ouvindo a explicação do porquê de estarem a realizar a higiene nesta altura.
Sesta	Tirar os sapatos e arrumá-los autonomamente, quando vão para o catre; Realizar as tarefas de forma autónoma.	As crianças que ainda não vão para o 1ºciclo devem tirar e arrumar os sapatos autonomamente no sítio habitual antes de se deitarem.	Observação direta: Verifico se as crianças tiram os sapatos sozinhas e colocam-nos no sítio correto.
Atividades de preparação para o 1ºciclo	Conhecer algumas letras; Escrever o seu nome; Reconhecer algumas palavras escritas do seu quotidiano; Construir a noção de número; Reconhecer os números até 10; Reconhecer os números como identificação do número de objetos de um conjunto; Contagem de objetos utilizando gravuras, desenhos ou números para mostrar os resultados;	As crianças que vão para o 1ºciclo realizam atividades de preparação, tal como, escrita do seu nome, escrita de algumas letras do alfabeto e palavras do seu quotidiano e escrita e contagem de números até 10.	Observação direta: Verifico se as crianças conseguem escrever o seu nome; Se reconhecem algumas palavras do seu quotidiano; Se sabem contar os objetos de um conjunto; Se sabem representar os objetos de um conjunto através dos números.

Anexo 2.1.4.1. Dia 10 de Abril - Expressão Plástica

Tema	As Cores
Objetivos Específicos	Perceber o conceito de cores primárias; Enumerar as três cores primárias; Descobrir que cores conseguem formar a partir das primárias; Descobrir quantas cores estão escondidas numa cor secundária ou terciária; Sintetizar graficamente a formação das cores.
Conteúdos	Cor; Experimentação com pigmentos.
Procedimentos	Trabalho em grupos pequenos
Recursos	Papel cavalinho; Tintas; Filtro de café; Copos com água; Canetas de feltro; Palhinhas; Agrafos; Pratos.
Tempo	40 minutos
Avaliação	Verificar se as crianças perceberam o conceito de cores primárias e secundárias e como exprimiram graficamente a experiência efetuada.

Anexo 2.2.1. Plano Diário - 21 de Abril de 2015

Discente: Joana Dias

Educadora cooperante: Maria João

Professora supervisora: Leonor Santos

Local: Centro Paroquial de Bem-Estar Social de Salvaterra de Magos

Faixa etária: 4/6 anos

Número de crianças previsto: 24

Tema: As Cores			
Rotinas	Objetivos	Atividades/Estratégias	Avaliação
<p>Atividade orientada</p> <p><u>Áreas:</u></p> <p>Área de Expressão e Comunicação</p> <p>– Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p> <p>- Expressão Plástica</p>	<p>Dialogar;</p> <p>Adequar a sua comunicação a situações diversas;</p> <p>Articular palavras de forma clara;</p> <p>Saber escutar;</p> <p>Reconhecer que a escrita e os desenhos transmitem informação;</p> <p>Reconhecer que as letras correspondem a sons;</p> <p>Perceber o conceito de cores primárias e secundárias;</p> <p>Enumerar as três cores primárias;</p> <p>Enumerar as cores que se consegue formar a partir das primárias;</p> <p>Realizar o nome de algumas cores em língua gestual;</p> <p>Compreender e respeitar a diferença;</p> <p>Perceber o porquê de existir a língua gestual e o braile;</p>	<p>-Leitura da história: “O som das cores”;</p> <p>-Exploração das ilustrações do livro, dando ênfase às diferentes cores e aos seus nomes em língua gestual; (Depois de ler a história irei mostrar as ilustrações do livro, perguntando quais as cores representadas, se são primárias ou secundárias e se forem secundárias como as podemos formar. Darem também especial atenção aos gestos que se fazem para dizer os nomes das cores, tentando ensinar-lhes como se diz o nome das sete cores do arco-íris em língua gestual. Para isso mostro a imagem do livro, demonstro como se faz e peço que repitam.)</p> <p>-Pequena conversa sobre os cegos e</p>	<p>Observação direta:</p> <p>Verificar se as crianças escutaram a história com atenção;</p> <p>Se conseguem formular perguntas em relação à história;</p> <p>Se reconhecem palavras novas, querendo saber o seu significado;</p> <p>Se conseguem exprimir que a ilustração do livro conta a história;</p> <p>Se conseguem perceber que através das cores primárias conseguem formar outras cores mas o contrário não acontece;</p> <p>Se conseguem dizer com que cores se forma outra cor;</p> <p>Se conseguem realizar o gesto correspondente ao nome da cor sem ajuda;</p> <p>Se conseguem perceber que o braile</p>

	<p>Saber como comunicar com as pessoas com estas deficiências.</p>	<p>os surdos. Iniciarei a conversa perguntando porque é que existe a língua gestual, posteriormente falaremos um pouco sobre as limitações das pessoas que são cegas ou surdas. Para conseguirem perceber melhor do que estamos a falar, irei vendar algumas crianças e pedir-lhes que façam algumas coisas, por exemplo sentarem-se numa cadeira, pegarem na caneta que está em cima da mesa, e também irei tapar os ouvidos da criança e falar baixinho para ela, perguntando depois o que foi que eu disse. Deste modo pretendo que percebam como é difícil ter uma destas condicionantes e para que serve a língua gestual e o braile. Posso por fim se for conveniente ensinar a cada criança como se diz o seu nome em língua gestual e também mostrar-lhes como se escreve em braile.</p>	<p>foi feito para as pessoas que não conseguem ver, comunicarem; Se conseguem perceber que a língua gestual foi feita para as pessoas que não conseguem ouvir nem falar, comunicarem; Se verbalizam como iriam dirigir-se a uma pessoa com uma destas incapacidades; Se enumeram as cores do arco-íris; Se conseguem relatar a um adulto o que aconteceu na experiência, como aconteceu e o porquê.</p>
--	--------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Área do Conhecimento do Mundo</p>	<p>Aguardar pela sua vez, respeitando a vez dos outros; Enumerar as cores do arco-íris e comparar com as cores que aparecem; Perceber como e porque aparecem as cores; Relatar o que aconteceu e o que se utilizou para isso acontecer.</p>	<p>Visualização de um arco-íris, através de uma experiência. Irei levar um DVD para a sala, depois de mostrar digo que vamos fazer uma experiência. Primeiramente corto um pouco o DVD e retiro uma parte ficando apenas com a parte lilás. Depois de retirar irei tapar o centro com cartolina preta, seguidamente levo um pequeno grupo de crianças para a sala de arrumos e com a porta fechada acendo uma vela no escuro e passo atrás do DVD. Aparecerá as cores do arco-íris, neste momento irei perguntar quais as cores que compõem o arco-íris, quais as que aparecem no DVD e explicar que estas aparecem porque estão escondidas na parte roxa, que quando está exposta à luz num espaço escuro mostra tudo o que esconde. No fim da experiência cada grupo de crianças terá de relatar o que aconteceu e como a outro adulto da sala.</p>	
--------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Anexo 2.2.1.1. Dia 21 de Abril - Expressão Plástica

Tema	As Cores
Objetivos Específicos	Perceber o conceito de cores primárias; Enumerar as três cores primárias; Enumerar as cores secundárias.
Conteúdos	Cor
Procedimentos	Trabalho em grande grupo
Recursos	Livro
Tempo	10 minutos
Avaliação	Verificar se as crianças perceberam o conceito de cores primárias e secundárias e se conseguem enumerar as três cores primárias e as que conseguimos fazer através delas.

Anexo 2.2.2. Plano Diário - 22 de Abril de 2015

Discente: Joana Dias

Educadora cooperante: Maria João

Professora supervisora: Leonor Santos

Local: Centro Paroquial de Bem-Estar Social de Salvaterra de Magos

Faixa etária: 4/6 anos

Número de crianças previsto: 24

Tema: Segredos			
Rotinas	Objetivos	Atividades/Estratégias	Avaliação
<p>Atividade orientada</p> <p><u>Áreas:</u></p> <p>Área de Expressão e Comunicação – Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<p>Dialogar; Adequar a sua comunicação a situações diversas; Articular palavras de forma clara; Saber escutar; Reconhecer que a escrita e os desenhos transmitem informação; Reconhecer que as letras correspondem a sons.</p>	<p>Leitura e exploração da história: “Vamos contar um segredo...e outra história”; Exploração das ilustrações do livro, dando ênfase ao segredo que está contido no livro e também ao travé-línguas presente na história pedindo para repetirem o que digo.</p>	<p>Observação direta:</p> <p>Verificar se as crianças escutaram a história com atenção; Se conseguem formular perguntas em relação à história; Se reconhecem palavras novas, querendo saber o seu significado; Se conseguem exprimir que a ilustração do livro conta a história; Se conseguem descobrir e verbalizar quais cores juntas resultam noutra cor; Se associa um número a um objeto; Se consegue sequenciar oralmente os números e no fim de um conjunto dizer qual o seu cardinal; Se consegue estabelecer relação entre os números, utilizando números de referência;</p>

<p>Área de Expressão e Comunicação – Expressão Plástica</p>	<p>Verbalizar que cores precisam de juntar para formar outras.</p>	<p>Posteriormente, irei dizer que neste dia iremos fazer um bolo, mas não um bolo normal, pois este também terá um segredo. Este bolo será o de iogurte mas com cores, intitulado de bolo arco-íris, por fora aparenta ser um bolo normal mas quando o cortamos a massa é toda às cores. Nesta atividade aproveitarei para perguntar novamente a partir da junção de que cores é que conseguirei fazer as cores que vou utilizar no bolo e também trabalharei a matemática. A matemática será trabalhada a partir das quantidades. Primeiramente a sequencia dos números e o cardinal, contando quantos copos, por exemplo, de açúcar vamos pondo no bolo e quantos pusemos no total. E posteriormente trabalharei conceitos como a adição e as relações numéricas, perguntando por exemplo, "quantos copos de açúcar pusemos no bolo?", "se tivéssemos posto mais um, quantos seriam?", "se puséssemos mais dois copos de farinha, o bolo seria maior ou mais pequeno?", entre outras. O bolo será realizado por eles, os</p>	<p>Se consegue quando perguntado comparar quantidades e grandezas utilizando as expressões corretas.</p>
<p>Área de Expressão e Comunicação – Matemática</p>	<p>Estabelecer relações entre os números, nomeadamente com os números de referência (5 e 10);</p> <p>Estabelecer a relação de dobro e quase dobro;</p> <p>Fazer a decomposição dos números até 10;</p> <p>Utilizar expressões como maior do que ou menor do que para comparar quantidades e grandezas.</p>	<p></p>	<p></p>

		<p>adultos apenas irão ler a receita, ajudar a encher os copos de iogurte com os ingredientes e a manusear a batedeira.</p> <p>No fim, iremos fazer um registo com as crianças da receita do bolo, que irá ser completada no dia seguinte com fotografias da sua realização.</p> <p>O bolo será para comer como sobremesa do almoço.</p>	
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Anexo 2.2.2.1. Dia 22 de Abril - Expressão Plástica

Tema	Segredos
Objetivos Específicos	Verbalizar que cores precisamos de juntar para formar a que queremos.
Conteúdos	Cor
Procedimentos	Trabalho em grande grupo
Recursos	Corantes alimentares; Massa de bolo; Alguidares; Colher de pau.
Tempo	15 minutos
Avaliação	Verificar se as crianças conseguem verbalizar quais as cores que precisamos de juntar para formar a que queremos.

Anexo 2.2.3. Plano Diário - 23 de Abril de 2015

Discente: Joana Dias

Educadora cooperante: Maria João

Professora supervisora: Leonor Santos

Local: Centro Paroquial de Bem-Estar Social de Salvaterra de Magos

Faixa etária: 4/6 anos

Número de crianças previsto: 24

Tema: 25 de Abril			
Rotinas	Objetivos	Atividades/Estratégias	Avaliação
<p>Atividade orientada</p> <p><u>Áreas:</u></p> <p>Área de Expressão e Comunicação – Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<p>Dialogar; Adequar a sua comunicação a situações diversas; Articular palavras de forma clara; Saber escutar; Reconhecer que a escrita e os desenhos transmitem informação; Reconhecer que as letras correspondem a sons.</p>	<p>Leitura e exploração da história: “O 25 de Abril - O Abril que nos fez”; Exploração das ilustrações do livro, dando ênfase aos símbolos da revolução, nomeadamente aos cravos, aos militares e à felicidade do povo;</p> <p>Pequena conversa sobre a vida à quarenta anos atrás, falaremos do que antes não podíamos fazer e agora podemos, no fundo abordaremos alguns aspetos que mudaram desde o 25 de Abril de 1974. Alguns exemplos de aspetos</p>	<p>Observação direta:</p> <p>Verificar se as crianças escutaram a história com atenção; Se conseguem formular perguntas em relação à história; Se reconhecem palavras novas, querendo saber o seu significado; Se conseguem exprimir que a ilustração do livro conta a história; Se conseguem explicar o que é um Feriado e o porquê deles existirem Se conseguem dizer o que se passou no 25 de Abril e o porquê desse acontecimento ter tornado esse dia Feriado Nacional; Se conseguem apontar algumas diferenças entre esse tempo e o presente;</p>

<p>Área de Formação Pessoal e Social</p>	<p>Perceber o que é um Feriado; Perceber o porquê de ser Feriado Nacional no dia 25 de Abril; Conhecer algumas diferenças entre a época que vivemos e a época da ditadura em Portugal.</p>	<p>que irão ser abordados: as escolas passarem a ser mistas; o que é a ditadura e o que é a liberdade; atitudes proibidas na altura; entre outros.</p> <p>De seguida as crianças uma a uma levanta-se e diz-me baixinho o que é a liberdade ou o que ficou a saber sobre ela. Estas frases serão posteriormente afixadas na porta em forma de registo.</p>	<p>Se consegue representar alguns locais visualizados no livro, através do desenho e descrevê-lo; Se consegue ajuizar o seu desenho, enunciando quais os critérios que utilizou para fazê-lo.</p>
<p>Área do Conhecimento do mundo</p>	<p>Representar lugares imaginários através do desenho e descreve-los oralmente.</p>	<p>Depois de dizer a frase, a criança vai para a mesa realizar um desenho baseado no que viu no livro e aprendeu sobre o 25 de Abril.</p>	
<p>Área de Expressão e Comunicação – Expressão Plástica</p>	<p>Representar o tema do 25 de Abril através do desenho; Emitir juízos sobre o seu trabalho, indicando alguns critérios da sua avaliação.</p>	<p>Enquanto as crianças desenham, os adultos vão tentando perceber o que estão a desenhar para entendermos o que cada criança guardou do que ouviu e das partilhas que também fizeram.</p>	

Anexo 2.2.3.1. Dia 23 de Abril - Expressão Plástica

Tema	25 de Abril
Objetivos Específicos	Representar o tema do 25 de Abril através do desenho; Emitir juízos sobre o seu trabalho, indicando alguns critérios da sua avaliação.
Conteúdos	Desenho; Desenho de relato; Apreciação.
Procedimentos	Trabalho individual
Recursos	Papel cavalinho; Lápis de grafito; Lápis de cor; Canetas de feltro.
Tempo	30 minutos
Avaliação	Verificar como as crianças exprimiram graficamente o que aprenderam sobre o 25 de Abril.

Anexo 2.2.4. Plano Diário - 24 de Abril de 2015

Discente: Joana Dias

Educadora cooperante: Maria João

Professora supervisora: Leonor Santos

Local: Centro Paroquial de Bem-Estar Social de Salvaterra de Magos

Faixa etária: 4/6 anos

Número de crianças previsto: 24

Tema: Dia da mãe			
Rotinas	Objetivos	Atividades/Estratégias	Avaliação
<p>Atividade orientada</p> <p><u>Áreas:</u></p> <p>Área de Expressão e Comunicação – Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<p>Dialogar; Adequar a sua comunicação a situações diversas; Articular palavras de forma clara; Saber escutar; Reconhecer que a escrita e os desenhos transmitem informação; Reconhecer que as letras correspondem a sons; Tomar decisões, participando ativamente nas planificações das atividades.</p>	<p>Leitura e exploração da história: “Eu sei tudo sobre as mamãs”; Pequena conversa sobre o dia que se avizinha, o "Dia da Mãe". Nesta conversa iremos dizer qual é o dia da mãe e perceber com as crianças qual será o embrulho para a prenda da mãe. Poderemos fazer um postal, um embrulho enfeitado pelas crianças, ou outra coisa por elas pensada. Será decidido nesta conversa com a participação das crianças;</p>	<p>Observação direta:</p> <p>Verificar se as crianças escutaram a história com atenção; Se conseguem formular perguntas em relação à história; Se reconhecem palavras novas, querendo saber o seu significado; Se conseguem exprimir que a ilustração do livro conta a história; Se conseguem tomar decisões, ajudando na planificação da prenda da mãe; Se conseguem memorizar o refrão (simples) da canção; Se percebem a letra da canção, do tema que fala e o porquê de estarmos a aprender aquela canção; Se conseguem fazer a representação</p>

<p>Área de Expressão e Comunicação – Expressão Musical</p>	<p>Cantar a canção utilizando a memória; Interpretar a letra da canção, percebendo do que fala.</p>	<p>Depois de decidido o embrulho da prenda, iremos ouvir e cantar a música "Canção à minha mãe". Esta música será apresentada no computador e tem a melodia da música "O balão do João" com a letra adaptada para o dia da mãe. Iremos primeiramente ouvir a canção, depois sem apoio áudio irei dizer a letra da canção e pedir para repetirem a parte do refrão. Só depois com o apoio da música iremos todos cantar, até todos conseguirem cantar o refrão.</p>	<p>da figura humana através do desenho; Se conseguem representar-se a eles próprios e às suas mães com algumas características; Se conseguem cortar os corações de forma correta, utilizando devidamente a tesoura.</p>
<p>Área de Expressão e Comunicação – Expressão Plástica</p>	<p>Representar a figura humana utilizando o desenho; Representar-se a si e à sua mãe; Manusear de forma correta a tesoura; Cortar pela linha a figura.</p>	<p>Posteriormente iremos dar início ao embrulho para a prenda, sendo este o que ficar combinado na altura com as crianças. De qualquer forma as crianças individualmente irão realizar um desenho deles com as respetivas mães e recortar corações que poderão ou não servir para a prenda. Sendo que se não forem para decorar a prenda, poderão ser utilizados para decorar o "mural" para as mães que será realizado na semana seguinte.</p>	

Anexo 2.2.4.1. Dia 24 de Abril - Expressão Plástica

Tema	Dia da mãe
Objetivos Específicos	Representar a figura humana utilizando o desenho; Representar-se a si e à sua mãe; Manusear de forma correta a tesoura; Cortar pela linha.
Conteúdos	Desenho; Desenho da figura humana; Recorte.
Procedimentos	Trabalho individual
Recursos	Papel cavalinho; Lápis de grafito; Lápis de cor; Canetas de feltro; Tesoura.
Tempo	40 minutos
Avaliação	Verificar como as crianças representam graficamente a figura humana e se conseguem manusear de forma correta a tesoura, cortando pela linha.

Anexo 2.3.1. Plano Diário - 4 de Maio de 2015

Discente: Joana Dias

Educadora cooperante: Maria João

Professora supervisora: Leonor Santos

Local: Centro Paroquial de Bem-Estar Social de Salvaterra de Magos

Faixa etária: 4/6 anos

Número de crianças previsto: 24

Tema: A Surpresa de Handa			
Rotinas	Objetivos	Atividades/Estratégias	Avaliação
<p>Atividade orientada</p> <p><u>Áreas:</u></p> <p>Área de Expressão e Comunicação</p> <p>– Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<p>Adequar a sua comunicação a situações diversas;</p> <p>Articular palavras de forma clara;</p> <p>Saber escutar;</p> <p>Reconhecer que a escrita e os desenhos transmitem informação;</p> <p>Interpretar imagens de forma criativa;</p> <p>Construir uma narrativa através de ilustrações ordenadas.</p>	<p>-Apresentação de imagens da história "A Surpresa de Handa". As imagens vão ser mostradas ordenadas, uma a uma, para a "turma" inventar uma história a partir delas. Uma vez que já fizeram uma atividade parecida, as "Histórias no Cordel", na qual tinham de inventar uma história e ilustrá-la, achei que conseguiriam sem grande dificuldade realizar a atividade que vou propor. Esta atividade terá início logo a seguir à marcação de presenças; as crianças estarão sentadas no tapete e enquanto a Cácia mostra as imagens, eu vou registando em folhas A4 o que as crianças vão dizendo. Em cada folha</p>	<p>Observação direta:</p> <p>Verificar se conseguem exprimir que as imagens contam uma história;</p> <p>Se conseguem criar uma narrativa criativa partindo das imagens mostradas, sendo que mostram seguir a ação presente nas imagens;</p> <p>Se conseguem formar frases completas, articulando bem as palavras.</p>

Anexo 2.3.1.1. Dia 4 de Maio - Expressão Plástica

Tema	A Surpresa de Handa
Objetivos Específicos	Ilustrar frases; Representar cenas através do desenho; Agarrar e manusear o pincel de forma correta; Agarrar e manusear a tesoura de forma correta; Recolher e preparar os materiais para decorar as árvores.
Conteúdos	Desenho; Pintura; Recorte; Colagem.
Procedimentos	Trabalho individual
Recursos	Papel cavalinho; Lápis de grafito; Lápis de cor; Canetas de feltro; Pincéis; Tintas; Cola; Tesoura.
Tempo	40 minutos
Avaliação	Verificar como as crianças ilustram as frases da história e se conseguem pintar, cortar e colar autonomamente.

Anexo 2.3.2. Plano Diário - 5 de Maio de 2015

Discente: Joana Dias

Local: Centro Paroquial de Bem-Estar Social de Salvaterra de Magos

Educadora cooperante: Maria João

Faixa etária: 4/6 anos

Professora supervisora: Leonor Santos

Número de crianças previsto: 24

Tema: A Surpresa de Handa			
Rotinas	Objetivos	Atividades/Estratégias	Avaliação
<p>Atividade orientada</p> <p><u>Áreas:</u></p> <p>Área de Expressão e Comunicação</p> <p>– Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Escutar; - Reconhecer as ilustrações do livro, indicando que foram as imagens pelas quais criaram a história no dia anterior; - Perceber que aquelas imagens são as ilustrações do livro real; - Articular palavras de forma clara. 	<p>- Leitura da história "A Surpresa de Handa"; Para iniciar a leitura irei mostrar a capa do livro e vou perguntar se já conhecem aquela história. Partindo da resposta deles, irei dizer que as imagens que viram no dia anterior fazem parte deste livro, são as suas ilustrações.</p>	<p>Observação direta:</p> <p>Verificar se conseguem escutar sem falar;</p> <p>Se conseguem verificar que as imagens que viram no dia anterior são as ilustrações de um livro real;</p> <p>Se conseguem formar frases completas, articulando bem as palavras.</p> <p>Se conseguem dialogar, respeitando</p>

<p>- Expressão Plástica</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Agarrar e manusear o pincel de forma correta; - Colar corretamente; - Moldar o papel crepe. 	<p>- As restantes crianças irão acabar o cenário, acabando de pintar e decorar as árvores e fazendo as tangerinas com papel crepe.</p> <p>À medida que as crianças vão finalizando os desenhos irão ajudando as outras a terminar os adereços.</p>	<p>Se agarram e utilizam o pincel de forma correta;</p> <p>Se utilizam a cola na quantidade necessária e para o fim correto;</p> <p>Se conseguem decorar autonomamente, com os materiais recolhidos.</p>
-----------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Anexo 2.3.2.1. Dia 5 de Maio - Expressão Plástica

Tema	A Surpresa de Handa
Objetivos Específicos	Colorir as máscaras com lápis de cor; Manusear a tesoura corretamente; Manusear o pincel corretamente; Colar de forma correta; Moldar papel crepe.
Conteúdos	Colorir; Pintura; Recorte; Colagem; Moldar.
Procedimentos	Trabalho individual
Recursos	Lápis de cor; Pincéis; Tintas; Cola; Tesoura; Papel crepe.
Tempo	40 minutos
Avaliação	Verificar se as crianças conseguem pintar, cortar, colar e moldar autonomamente.

Anexo 2.3.3. Plano Diário - 6 de Maio de 2015

Discente: Joana Dias

Local: Centro Paroquial de Bem-Estar Social de Salvaterra de Magos

Educadora cooperante: Maria João

Faixa etária: 4/6 anos

Professora supervisora: Leonor Santos

Número de crianças previsto: 24

Tema: A Surpresa de Handa			
Rotinas	Objetivos	Atividades/Estratégias	Avaliação
<p>Atividade orientada</p> <p><u>Áreas:</u></p> <p>Área de Expressão e Comunicação</p> <p>– Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p> <p>– Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Escutar; - Dialogar; - Articular palavras de forma clara. - Decorar o que irá narrar em cada momento; - Articular palavras de forma clara; - Adequar a sua comunicação a situações diversas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Após marcarem as presenças iremos ter uma pequena conversa sobre o que iremos fazer neste dia. Irei dizer que temos de acabar os adereços e também ensaiar. - Depois de conversarmos irei com as crianças que irão narrar a história para outra sala para treinarem o que irão dizer no teatro. 	<p>Observação direta:</p> <p>Verificando se conseguem escutar em silêncio;</p> <p>Se conseguem dialogar, respeitando a vez do outro e a sua opinião;</p> <p>Se conseguem formar frases completas, articulando bem as palavras.</p> <p>Se decoram o que irão narrar e se sabem em que momento o têm que fazer;</p> <p>Se conseguem adequar o seu</p>

Anexo 2.3.2.1. Dia 6 de Maio - Expressão Plástica

Tema	A Surpresa de Handa
Objetivos Específicos	Manusear o pincel corretamente; Colar de forma correta; Moldar papel crepe.
Conteúdos	Pintura; Colagem; Moldar.
Procedimentos	Trabalho a pares
Recursos	Pincéis; Tintas; Cola; Papel crepe.
Tempo	20 minutos
Avaliação	Verificar se as crianças conseguem realizar a decoração das árvores e outros adereços pintando, colando e moldando autonomamente.

Anexo 2.3.4. Plano Diário - 7 de Maio de 2015

Discente: Joana Dias

Local: Centro Paroquial de Bem-Estar Social de Salvaterra de Magos

Educadora cooperante: Maria João

Faixa etária: 4/6 anos

Professora supervisora: Leonor Santos

Número de crianças previsto: 24

Tema: A Surpresa de Handa			
Rotinas	Objetivos	Atividades/Estratégias	Avaliação
Atividade orientada <u>Áreas:</u> Área de Conhecimento do Mundo e Área de Expressão e Comunicação – Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	 - Conhecer e saber de cor qual a fruta que tem que tirar do cesto; - Escutar.	 -Depois da marcação das presenças irei dizer o que iremos fazer neste dia. Antes de iniciar o ensaio, irei mostrar a cada criança que representa um animal, qual a fruta que terá de tirar da cesta, pois as frutas serão reais e cada uma terá de tirar a fruta que corresponde ao seu animal. Depois direi que primeiro iremos ensaiar o teatro uma ou duas vezes e que depois chegará o grande momento de apresentação à sala do lado.	 Observação direta: Verificar se conseguem identificar e nomear a fruta que têm que tirar do cesto; Se conseguem escutar em silêncio.

<p>- Expressão Dramática e Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Adequar a sua comunicação a situações diversas, articulando as palavras de forma clara; - Contar histórias oralmente e desempenhar "papéis"; - Decorar o sitio onde vão ficar; - Representar a história sem grande ajuda por parte dos adultos. 	<p>- Para começar o ensaio, peço que todos se ponham no seu lugar e que quando todos estiverem prontos iremos começar o ensaio como se fosse já uma apresentação. Para isso tentarei intervir o menos possível para poderem ser autónomos e espontâneos. No entanto, eu estarei ao pé das crianças que representam os animais e as árvores, a Cácia ao pé dos narradores e a Educadora ao pé da "Akeyo", para ajudar se necessário.</p>	<p>Se os narradores e os personagens falantes sabem o "texto" de cor;</p> <p>Se conseguem adequar o seu discurso, articulando bem as palavras;</p> <p>Se todos sabem qual o momento em que entram e o que fazem;</p> <p>Se conseguem realizar o desenrolar da história autonomamente.</p>
<p>- Expressão Dramática e Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Adequar a sua comunicação a situações diversas, articulando as palavras de forma clara; - Contar histórias oralmente e desempenhar "papéis"; - Decorar o sitio onde vão ficar; - Representar a história sem grande ajuda por parte dos adultos. 	<p>- Depois de ensaiarem uma ou duas vezes, irão para a atividade e quando voltarem irão realizar a apresentação para os meninas da sala do lado e para os adultos presentes. Na apresentação, os espetadores estarão sentados no tapete da sala e os atores de frente para eles. O teatro será realizado pelas crianças com a mínima intervenção do adulto. Os adultos estarão nos mesmos sítios dos ensaios. No fim, irei apresentar todas as crianças de acordo com a personagem que interpretavam.</p>	<p>Se os narradores e os personagens falantes sabem o "texto" de cor;</p> <p>Se conseguem adequar o seu discurso, articulando bem as palavras;</p> <p>Se todos sabem qual o momento em que entram e o que fazem;</p> <p>Se conseguem realizar o desenrolar da história autonomamente.</p>

Anexo 3. Protocolo Ético de Participação

Entrevista semiestruturada

Eu, _____, aceito participar de livre vontade no estudo da Joana Dias (aluna do Mestrado em Educação Pré - Escolar da Escola Superior de Educação de Santarém), orientada pela Professora Doutora Clara Brito, no âmbito do Relatório de Estágio.

Foram-me explicados e compreendo os objetivos principais deste estudo. Assim, aceito responder a uma entrevista que explora questões sobre Expressão Plástica. A data, hora e local da realização da referida entrevista são marcados por consenso entre o entrevistador e eu, de acordo com a minha disponibilidade.

A minha participação neste estudo é voluntária e fui esclarecido(a) que, em primeiro lugar, posso desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim e, em segundo lugar, caso seja minha vontade, posso solicitar uma cópia da entrevista.

Entendo, ainda, que toda e qualquer informação obtida, neste estudo, será estritamente confidencial e que a minha identidade nunca será revelada em qualquer relatório ou publicação, ou a qualquer pessoa não relacionada diretamente com este estudo, a menos que eu o autorize por escrito.

_____, ____ de _____ de 2015

O/A participante:

Anexo 4. Guião de Questões

Objetivos	Questões de Pesquisa	Questões de Entrevista
1. Conhecer as concepções de Educadores de Infância sobre a Expressão Plástica.	1.1. Qual o percurso profissional do(a) Educador(a) de Infância?	1.1.1. Há quanto tempo é Educador(a) de Infância? 1.1.2. Há quanto tempo se formou em Educação Pré-Escolar? 1.1.3. Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta escola?
	1.2. Quais as concepções acerca da Expressão Plástica?	1.2.1. Qual a importância da Expressão Plástica no Jardim de Infância? (Resposta em percentagem) 1.2.2. Qual a importância dada ao domínio da Expressão Plástica no “currículo” da Educação Pré-Escolar? Em que programas ou autores se fundamenta?
2. Reconhecer a influência que o processo de formação inicial teve para a prática intencional do Domínio da Expressão Plástica.	2.1. Qual o relevo da formação de educadores para a prática da Expressão Plástica?	2.1.1. A sua formação inicial foi importante para o desenvolvimento de competências pedagógicas no domínio da Expressão Plástica? 2.1.2. Sentiu necessidade de desenvolver as referidas competências após ter terminado o curso? Se sim, onde e como?
3. Conhecer a forma como organizam e planeiam a Expressão plástica.	3.1. Como são organizadas e geridas as atividades de Expressão Plástica?	3.1.1. Prepara as atividades antecipadamente? 3.1.2. Prevê atividades de Expressão Plástica? 3.1.3. Qual é a sua intenção quando prepara as atividades de expressão plástica? 3.1.4. Qual a duração média de uma atividade de Expressão Plástica? 3.1.5. Que áreas de exploração costumam ser abordadas na sala de atividades (Por exemplo, modelagem, pintura de expressão livre, cartazes, etc.)? 3.1.6. Que tipo de materiais costuma utilizar nas atividades de Expressão Plástica?
4. Conhecer as práticas/dinâmicas de Educadores de Infância, no que se concerne à articulação do Domínio da Expressão Plástica com outras áreas do saber.	4.1. Qual a influência da Expressão Plástica no desempenho das funções do(a) Educador(a) de Infância?	4.1.1. As atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber? 4.1.2. Quais os critérios que costuma ter em conta na planificação, desenvolvimento e avaliação das atividades de Expressão plástica?

Anexo 5. Ficha Síntese da Entrevista

Local da Entrevista: Samora Correia

Entrevistadora: Joana Dias

Data: 04/06/2015

A Entrevista

1. Conhecer as concepções de Educadores de Infância sobre a Expressão Plástica.

- Conhecer o percurso profissional do(a) Educador(a) de Infância;
- Conhecer as concepções acerca da Expressão Plástica.

1.1. Há quanto tempo é Educador(a) de Infância?

Desde... acabei o curso em 1983. Por isso... Sou Educadora há 32 anos.

1.2. Há quanto tempo se formou em Educação Pré-Escolar?

Há 32 anos também.

1.3. Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta escola?

Nesta escola estou desde 1998, por isso já cá estou há 17 anos.

1.4. Qual a importância da Expressão Plástica no Jardim de Infância? (Resposta em percentagem)

Percentagem?! Eu acho que a Expressão plástica entra em tudo e para dar uma percentagem é difícil. Apetecia-me dizer 100%, porque esta expressão entra nas aprendizagens quase todas, já que em vez de grafismos, a expressão plástica propriamente dita, a digitinta; a pintura; o desenho; a modelagem, tudo isso, substituiu na perfeição os grafismos antigos que punham os meninos a passar por cima de ondas e a realizar picotagens. Porque a expressão plástica faz com que as crianças adquiram a motricidade fina sem darem conta, e as fichas estereotipadas, os grafismos e esses "entulhos" (desculpa a expressão) fazem com que os meninos fiquem desinteressados pela escrita e pela escola. A expressão plástica, por outro lado, dá gosto porque é a excelência do jardim de infância e começa no borrão da tinta nos mais pequeninos, representando a expressão plástica pura e depois vão evoluindo e é reconfortante ver a evolução que eles têm, desde a garatuja até à figura humana perfeita que fazem. Por isso para mim a expressão plástica não é 100% porque tudo é importante no jardim de infância e não se pode dar percentagens a nada em especial porque se trata de um todo, mas é mesmo muito importante. Aproveito para dizer que antes da expressão plástica, antes de tudo, há uma coisa muito importante, os afetos. E estes têm de ser a primeira coisa a ser implementada na sala pela educadora, pois cria uma relação segura e harmoniosa com cada criança. Fazendo com que sintam

que têm ali uma amiga em quem podem confiar e reconfortar-se. A seguir claro tem que vir o resto, a mão na massa, as sujidades, pois como dizem os filósofos "o caminho faz-se caminhando". E a cima de tudo devemos respeitar a criatividade da criança e não corrigir o seu trabalho por não ser parecido com a realidade. Porque no mundo da fantasia tudo é possível, o importante é que saibam diferenciar os dois mundos e perceber que no mundo da fantasia a liberdade não tem limites e que no mundo real a nossa liberdade termina onde começa a liberdade do outro.

1.5. Qual a importância dada ao domínio da Expressão Plástica no “currículo” da Educação Pré-Escolar ? Em que programas ou autores se fundamenta?

Atualmente o currículo é gerido pelas orientações curriculares, que estão a ser alteradas. Mas nas que eu conheço, a expressão plástica tem um papel muito importante. Só que há pessoas que põem-na em segunda plano, eu acho que isso é um grande erro porque para mim a expressão plástica deve ser a rainha do jardim de infância.

2. Reconhecer a influência que o processo de formação inicial teve para a prática intencional do Domínio da Expressão Plástica.

- **Reconhecer o relevo da formação de educadores para a prática da Expressão Plástica.**

2.1. A sua formação inicial foi importante para o desenvolvimento de competências pedagógicas no domínio da Expressão Plástica?

Muito, pois foi no curso que eu aprendi a fazer a massa de cores, a digitinta, as aguarelas, as técnicas quase todas que sei aprendi no curso inicial e depois tive a sorte, de quando fui para o complemento, para a licenciatura, ter um professor excecional que me ensinou muito sobre a prática desta expressão.

2.2. Sentiu necessidade de desenvolver as referidas competências após ter terminado o curso? Se sim, onde e como?

Já fiz muitas formações e continuo a fazer, não por necessidade, mas porque gosto e acho que temos sempre muito para aprender. Tanto que o modelo de trabalho que utilizo, o Movimento da escola moderna, tem como lema as pessoas não se acomodarem, estarem sempre com vontade de aprender mais e partilhar, por isso eu não sinto que sei tudo e gosto sempre de aprender mais. Porque o que inicialmente aprendi foi muito útil mas nunca chega, temos sempre de aprender mais.

3. Conhecer a forma como organizam e planeiam a Expressão plástica.

- **Perceber como são organizadas e geridas as atividades de Expressão Plástica.**

3.1. Prepara as atividades antecipadamente?

Claro, a maioria preparo, as outras preparo com a ajuda dos meninos. Por exemplo a massa de cores, tenho uma tarefa que é ajudar na atividade de expressão plástica e os meninos destinados a executar esta tarefas irão preparar a massa de cores, desde a escolha das cores até a massa estar pronta. O educador deve experimentar tudo até à exaustão tudo o que vai realizar na sala para perceber se resulta, pois é frustrante para os meninos se não resultar. Embora eles tenham que saber que há coisas que podem não resultar, eles também têm de perceber a importância do erro, porque vai estar presente na vida deles. Mas tudo tem sempre de ser preparado antes.

3.2. Prevê atividades de Expressão Plástica?

Prever não diria tanto, porque nós temos as áreas que estão constantemente abertas para os meninos poderem utilizar espontaneamente. Mas por exemplo quando estamos a fazer um projeto e temos de fazer a capa, decidimos como vamos fazer e neste caso a atividade de expressão plástica é prevista.

3.3. Qual é a sua intenção quando prepara as atividades de expressão plástica?

A intenção principal é que, primeiro os meninos ponham sempre a mão na massa e depois que se desenvolvam. Porque acabam sempre por se desenvolver, aprendendo ludicamente.

3.4. Qual a duração média de uma atividade de Expressão Plástica?

Depende sempre do interesse das crianças, mas por vezes há atividades que necessitam até de uma explicação prévia e essas terão de durar mais um pouco. Mas não consigo responder concretamente a esta pergunta.

3.5. Que áreas de exploração costumam ser abordadas na sala de atividades (Por exemplo, modelagem, pintura de expressão livre, cartazes, etc.)?

Isso é de tudo um pouco. Se por exemplo estivermos a realizar um projeto, este pode ter pintura, escrita, colagem, pode ter muitas áreas de exploração, porque ao fim ao cabo isto é um cartaz e no fim ficamos com um livro repleto de expressões. Quanto à exploração livre, eles têm à sua disposição a área da expressão plástica que engloba a pintura em várias vertentes, a pintura no placar; a pintura de aquarela; a pintura de rolo; a pintura com anilinas; depois também há a modelagem que pode ser de barro, plasticina ou massa de cores. Noutro ponto da sala, temos sempre o desenho onde têm sempre tudo o que é necessário à mão, inclusive os cartões com os nomes e a

data para identificarem o trabalho. Claro que não posso deixar de referir que tudo isto é feito pela mão das crianças e não pela mão da educadora, prefiro usar quando necessário o efeito "iogurte" ou seja, usar o trabalho de uma criança para mostrar a todas as crianças que essa criança conseguiu fazer aquele trabalho e que se ela conseguiu todos conseguem.

3.6. Que tipo de materiais costuma utilizar nas atividades de Expressão Plástica?

Tal como já referi as crianças têm imensos materiais à disposição, desde tesouras, lápis, canetas, aguarelas, rolos, pincéis, anilinas, barro, plasticina, folhas de vários tamanhos e cores, entre tantos outros.

4. Conhecer as práticas/dinâmicas de Educadores de Infância, no que se concerne à articulação do Domínio da Expressão Plástica com outras áreas do saber.

- **Conhecer a influência da Expressão Plástica no desempenho das funções do(a) Educador(a) de Infância.**

4.1. As atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber?

Então não têm?! Têm em 100%. A expressão plástica pode entrar em tudo, chegamos a todas as áreas através dela, é como se fosse um meio de transporte.

4.2. Quais os critérios que costuma ter em conta na planificação, desenvolvimento e avaliação das atividades de Expressão plástica?

A planificação das atividades, como eu utilizo o modelo da escola moderna, temos o mapa de atividades em que eles próprios planeiam aquilo que querem fazer. Ora ao planear já estão a dizer aquilo que querem, é claro que quando eu quero direccionar para um determinado tipo de aprendizagens, ofereço atividades de expressão para chegar lá e aí penso sempre na atividade atempadamente, preparo tudo e no decorrer da atividade tento que estejam o mais envolvidos possível e de uma forma harmoniosa. Quanto à avaliação, essa veremos de tempo a tempo comparando os trabalhos iniciais da criança com os atuais.

Anexo 5.1. Ficha de Síntese da Entrevista

Local da Entrevista: Samora Correia

Entrevistadora: Joana Dias

Data: 04/06/2015

A Entrevista

1. Conhecer as concepções de Educadores de Infância sobre a Expressão Plástica.

- Conhecer o percurso profissional do(a) Educador(a) de Infância;
- Conhecer as concepções acerca da Expressão Plástica.

1.1. Há quanto tempo é Educador(a) de Infância?

Boa pergunta, deixa-me pensar.. Acabei o curso em 1980 e comecei logo a trabalhar, por isso já sou há 35 anos.

1.2. Há quanto tempo se formou em Educação Pré-Escolar?

Há 35 anos também.

1.3. Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta escola?

Nesta escola estou há 14 anos.

1.4. Qual a importância da Expressão Plástica no Jardim de Infância? (Resposta em percentagem)

Neste jardim de infância, em percentagem, assim no geral e pensando em termos de jardim, talvez 80%. Porque nós preconizamos que seja um tempo livre e por isso está sempre presente, embora claro existam atividades orientadas, mas está sempre muito presente no dia-a-dia do jardim-de-infância.

1.5. Qual a importância dada ao domínio da Expressão Plástica no “currículo” da Educação Pré-Escolar ? Em que programas ou autores se fundamenta?

Nas orientações curriculares, acho que dão alguma importância ou pelo menos é um domínio que está enquadrado com todos os outros. Pois quando se trabalha uma coisa a expressão plástica devia estar sempre implícita, porque depois serve como veículo para mostrar o que se aprendeu.

2. Reconhecer a influência que o processo de formação inicial teve para a prática intencional do Domínio da Expressão Plástica.

- Reconhecer o relevo da formação de educadores para a prática da Expressão Plástica.

2.1. A sua formação inicial foi importante para o desenvolvimento de competências pedagógicas no domínio da Expressão Plástica?

Foi, quando sai de lá tinha muita bagagem, aprendi muitas técnicas e foi sem duvida

uma mais valia.
2.2. Sentiu necessidade de desenvolver as referidas competências após ter terminado o curso? Se sim, onde e como?
Nós estamos sempre a aprender. Mesmo aquilo que aprendemos no curso sofre alterações, evoluções e nós temos de nos ir adaptando e evoluindo. Sempre que posso vou fazendo formações, a ultima já foi à algum tempo, mas procuro sempre que possível participar, porque no fundo existe sempre a necessidade de evoluir para acompanhar as gerações futuras. Vou sempre às que são realizadas mais próximas da minha terra e de preferência que sejam baratinhas.
3. Conhecer a forma como organizam e planeiam a Expressão plástica.
<ul style="list-style-type: none"> • Perceber como são organizadas e geridas as atividades de Expressão Plástica.
3.1. Prepara as atividades antecipadamente?
Algumas, outras surgem espontaneamente.
3.2. Prevê atividades de Expressão Plástica?
Se forem planeadas, ou para apresentar uma técnica diferente de outra forma partem sempre da criança de forma livre.
3.3. Qual é a sua intenção quando prepara as atividades de expressão plástica?
É que eles possam perceber que podemos recriar qualquer coisa de diferentes formas, tentando que eles sejam sempre criativos e que vão aprendendo coisas novas e diferentes sem se aperceberem, ludicamente.
3.4. Qual a duração média de uma atividade de Expressão Plástica?
Não é preciso muito, meia hora talvez dê para pôr em prática, depois é deixar andar. Pode durar até uma manhã inteira, depende do envolvimento da criança, nós devemos deixar fazer, nem que sejam 3 trabalhos idênticos, se querem fazer devemos deixar.
3.5. Que áreas de exploração costumam ser abordadas na sala de atividades (Por exemplo, modelagem, pintura de expressão livre, cartazes, etc.)?
Muitas, desde a modelagem da plasticina, a pintura livre, ao recorte e à colagem.
3.6. Que tipo de materiais costuma utilizar nas atividades de Expressão Plástica?
É tudo, tirando o barro que não é uma coisa que seja fácil de ter na sala diariamente, têm tudo à mão. Desde aguarelas, plasticina, canetas, lápis, lápis de cera, tinta e pincéis, enfim, tudo.

4. Conhecer as práticas/dinâmicas de Educadores de Infância, no que se concerne à articulação do Domínio da Expressão Plástica com outras áreas do saber.

- **Conhecer a influência da Expressão Plástica no desempenho das funções do(a) Educador(a) de Infância.**

4.1. As atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber?

Completamente, acho que em termos de imaginação, porque para termos raciocínio lógico temos de imaginar, pensar e quando estamos a criar e inventar estamos a realizar um raciocínio gerindo o espaço e os materiais. Tudo isso influencia um bocadinho todas as outras áreas do saber, por isso na minha opinião é muito facilitadora, mais que não seja porque são atividades que cativam a criança e podemos aproveitá-las para chegar a todas as outras áreas.

4.2. Quais os critérios que costuma ter em conta na planificação, desenvolvimento e avaliação das atividades de Expressão plástica?

Tento que consigam perceber como é que as coisas são feitas, ou seja o processo. Posteriormente temos de sentir se depois de aprenderem conseguem dominar a aprendizagem e realizarem-na autonomamente, ou não. Tento perceber se adquiriram o sentido estético e não estão apenas a borrar o papel. No fim de contas, queremos que cada criança seja autónoma, cuidadosa e que sinta prazer naquilo que faz, aprendendo sempre sem dar conta. Em termos de avaliação, avalio o envolvimento da criança e se calhar o produto final da expressão plástica, no sentido de perceber se o processo está ou não adquirido.

Anexo 5.2. Ficha de Síntese da Entrevista

Local da Entrevista: Samora Correia

Entrevistadora: Joana Dias

Data: 05/06/2015

A Entrevista

1. Conhecer as concepções de Educadores de Infância sobre a Expressão Plástica.

- Conhecer o percurso profissional do(a) Educador(a) de Infância;
- Conhecer as concepções acerca da Expressão Plástica.

1.1. Há quanto tempo é Educador(a) de Infância?

Sou educadora de infância há 32 anos.

1.2. Há quanto tempo se formou em Educação Pré-Escolar?

Também há 32 anos, porque o nosso ultimo estágio era um ano letivo inteiro sozinhas, já como educadoras de uma sala e eu nem interrompi, continuei logo naquela instituição.

1.3. Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta escola?

Aqui, desde 1999, portanto faz agora 16 anos. Vim para aqui logo quando cheguei de Macau.

1.4. Qual a importância da Expressão Plástica no Jardim de Infância? (Resposta em percentagem)

90%, é muito importante. A expressão plástica é a escrita da criança e para além da escrita é a criatividade plena e eu dou muita importância a esta expressão. Na minha sala não há um dia de expressão plástica, ela está sempre aberta, ocupando uma grande fatia do dia das crianças. Por isso tem uma importância muito preponderante no dia da criança.

1.5. Qual a importância dada ao domínio da Expressão Plástica no “currículo” da Educação Pré-Escolar ? Em que programas ou autores se fundamenta?

É assim, a importância que é dada é relativa, é uma expressão que está contemplada nas orientações curriculares como parte integrante de um todo que tem de ser estimulado. Por isso creio que as orientações curriculares mencionam esta expressão como algo que tem de ser desenvolvido, e portanto com alguma importância.

2. Reconhecer a influência que o processo de formação inicial teve para a prática intencional do Domínio da Expressão Plástica.

- Reconhecer o relevo da formação de educadores para a prática da

Expressão Plástica.
2.1. A sua formação inicial foi importante para o desenvolvimento de competências pedagógicas no domínio da Expressão Plástica?
Muito! A minha escola contemplava muito a parte da expressão plástica. Tínhamos muita formação nesta área, o que me ajudou muito no desenvolvimento desta expressão na prática.
2.2. Sentiu necessidade de desenvolver as referidas competências após ter terminado o curso? Se sim, onde e como?
Não senti necessidade, mas fui fazendo formações para estar a par das evoluções. Tive por exemplo uma formação para trabalhar com barro, e neste momento faço formação no movimento da escola moderna.
3. Conhecer a forma como organizam e planeiam a Expressão plástica.
<ul style="list-style-type: none"> • Perceber como são organizadas e geridas as atividades de Expressão Plástica.
3.1. Prepara as atividades antecipadamente?
É assim, de início, os grupos heterogéneos o que têm de bom é que os mais velhos integram muito bem os mais novos. Eles sabem que se planeiam realizar pintura e precisam de tintas, têm tudo à mão e eles próprios preparam as tintas. Eu faço o meu planeamento e ajudo-os no planeamento deles, mas a ideia é que eles ganhem autonomia e faço tudo para que eles consigam preparar quase tudo sozinhos.
3.2. Prevê atividades de Expressão Plástica?
Sim, claro que sim. Para além de ser uma expressão que está sempre disponível para ser realizada no dia-a-dia do jardim, às vezes, é introduzida por mim e aí claro que é prevista.
3.3. Qual é a sua intenção quando prepara as atividades de expressão plástica?
A intenção... Passa por existir desenvolvimento da criatividade, da comunicação, da manifestação dos sentimentos, portanto todos aqueles chavões que aprendemos que podem ser trabalhados com a expressão plástica.
3.4. Qual a duração média de uma atividade de Expressão Plástica?
Depende, depende de cada criança. Mas pelo menos meia hora, diria que sim.
3.5. Que áreas de exploração costumam ser abordadas na sala de atividades (Por exemplo, modelagem, pintura de expressão livre, cartazes, etc.)?
É assim, eles fazem de tudo! Modelagem, várias pinturas, desenhos, construção, eles

fazem de tudo um pouco.

3.6. Que tipo de materiais costuma utilizar nas atividades de Expressão Plástica?

São muitos, barro, plasticina, massa de cores, esponjas, escovas, pincéis, lápis de cor, de cera, canetas, berlindes, tintas, aguarelas, material de desperdício e reciclável, portanto exploramos muitos materiais.

4. Conhecer as práticas/dinâmicas de Educadores de Infância, no que se concerne à articulação do Domínio da Expressão Plástica com outras áreas do saber.

- **Conhecer a influência da Expressão Plástica no desempenho das funções do(a) Educador(a) de Infância.**

4.1. As atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber?

Muito! O saber fazer, o saber planificar, o antecipar o que irão fazer e o que irão precisar para o realizar alguma coisa, ajuda na organização do pensamento e esta organização é necessária em todas as outras áreas do saber e na próprio dia-a-dia da criança. Este é apenas um exemplo da forma como a expressão plástica facilita a aprendizagem das outras áreas.

4.2. Quais os critérios que costuma ter em conta na planificação, desenvolvimento e avaliação das atividades de Expressão plástica?

Primeiro tudo o interesse das crianças, e uso muito o efeito de iogurte, por exemplo ninguém sabia fazer castelos e um menino um dia chegou e fez um castelo, ficou tudo maravilhado. Eu aproveitei pedi ao menino que explicasse como fez e passado um bocadinho todos tinham feitos castelos e todos eles eram diferentes. Desta forma para além de enriquecer a auto estima das crianças, existe todo um desenvolvimento e uma evolução intrínseca. Portanto os critérios que tenho em conta quando planifico e desenvolvo as atividades são o interesse das crianças, a cooperação, a criatividade, a adaptação das atividades às diferentes idades e claro o seu desenvolvimento pleno. Em termos de avaliação avalio sempre o processo, esse é que interessa, podemos ver a motivação deles, o que já conseguem fazer, entre tantos outros aspetos que o produto pode não dar a conhecer.

Anexo 5.3. Ficha de Síntese da Entrevista

Local da Entrevista: Samora Correia

Entrevistadora: Joana Dias

Data: 05/06/2015

A Entrevista

1. Conhecer as concepções de Educadores de Infância sobre a Expressão Plástica.

- **Conhecer o percurso profissional do(a) Educador(a) de Infância;**
- **Conhecer as concepções acerca da Expressão Plástica.**

1.1. Há quanto tempo é Educador(a) de Infância?

Sou educadora de infância há 9 anos.

1.2. Há quanto tempo se formou em Educação Pré-Escolar?

Eu terminei o curso também há 9 anos, sendo que terminei em Junho e em Setembro comecei por fazer um estágio profissional durante um ano, depois fiquei como educadora.

1.3. Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta escola?

Há 9 anos (risos), iniciei aqui e mantenho-me aqui desde então.

1.4. Qual a importância da Expressão Plástica no Jardim de Infância? (Resposta em percentagem)

Eu uso bastante, talvez uns 80 ou 90%.

1.5. Qual a importância dada ao domínio da Expressão Plástica no “currículo” da Educação Pré-Escolar? Em que programas ou autores se fundamenta?

Na minha opinião as orientações curriculares equacionam todas as áreas do saber e acho que também dão a devida importância à expressão plástica.

2. Reconhecer a influência que o processo de formação inicial teve para a prática intencional do Domínio da Expressão Plástica.

- **Reconhecer o relevo da formação de educadores para a prática da Expressão Plástica.**

2.1. A sua formação inicial foi importante para o desenvolvimento de competências pedagógicas no domínio da Expressão Plástica?

Sim, foi uma contribuição um pouco mais teórica, mas ainda assim ajudou-me muito na prática.

2.2. Sentiu necessidade de desenvolver as referidas competências após ter terminado o curso? Se sim, onde e como?
Desde que tirei o curso ainda não fiz mais nenhuma formação mas tento sempre pesquisar de forma a completar um pouco o que já sei.
3. Conhecer a forma como organizam e planeiam a Expressão plástica.
<ul style="list-style-type: none"> • Perceber como são organizadas e geridas as atividades de Expressão Plástica.
3.1. Prepara as atividades antecipadamente?
Sim, sempre. Normalmente programo sempre no fim de semana, a semana que se segue preparando tudo, materiais, espaço, tempo, tudo o que irá ser necessário para aquela semana.
3.2. Prevê atividades de Expressão Plástica?
Sim, claro. Para mim são muito importantes e tento implementar atividades de expressão plástica todos os dias na minha sala.
3.3. Qual é a sua intenção quando prepara as atividades de expressão plástica?
O interesse e o gosto das crianças, a experiencia deles, o seu entusiasmo, ou seja, penso sempre no interesse das crianças.
3.4. Qual a duração média de uma atividade de Expressão Plástica?
Meia hora, isto claro vai sempre de acordo com a idade das crianças. As mais pequeninas estão menos tempo e as maiores estão mais tempo. Depois à aqueles que por exemplo a fazer digitinta, nunca querem parar e ainda outros que inicialmente nem sequer querem fazer. Mas penso que no mínimo meia hora para realizar qualquer atividade plástica.
3.5. Que áreas de exploração costumam ser abordadas na sala de atividades (Por exemplo, modelagem, pintura de expressão livre, cartazes, etc.)?
Nós fazemos modelagem, pintura, carimbos, colagem, digitinta, entre outras coisas.
3.6. Que tipo de materiais costuma utilizar nas atividades de Expressão Plástica?
Tudo o que tenho ao dispor eu utilizo, desde os materiais básicos de pintura e escrita, ao material de desperdício, às missangas, tudo o que tenho. Claro que não poderia deixar de dizer que está tudo à mão da criança, a autonomia é muito importante.

4. Conhecer as práticas/dinâmicas de Educadores de Infância, no que se concerne à articulação do Domínio da Expressão Plástica com outras áreas do saber.

- **Conhecer a influência da Expressão Plástica no desempenho das funções do(a) Educador(a) de Infância.**

4.1. As atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber?

Sim, bastante. A nível da criatividade por exemplo, a partir dela eles criam tudo e de forma entusiasta. Enquanto às vezes na escola perdem o interesse e o entusiasmo porque é tudo muito formal, na expressão plástica pode-se aprender muitos aspetos da escola de forma lúdica, de forma divertida. O educador só tem de saber aproveitar os momentos e estas atividades para introduzir conhecimentos das outras áreas do saber.

4.2. Quais os critérios que costuma ter em conta na planificação, desenvolvimento e avaliação das atividades de Expressão plástica?

Na planificação foco-me nos objetivos, principalmente no desenvolvimento das competências da criança, no desenvolvimento vou observando o decorrer da atividade e tudo o que acontece no mesmo e na avaliação levo uma grelha onde vou avaliando alguns pontos chave, como o envolvimento, as capacidades, as dificuldades, a resiliência, entre outros. Sendo que dou muito mais importância ao processo da atividade, o produto não é o mais relevante, é apenas o resultado do que eles fazem que também é importante mas não demonstra todo o caminho percorrido.

Anexo 5.4. Ficha de Síntese da Entrevista

Local da Entrevista: Salvaterra de Magos

Entrevistadora: Joana Dias

Data: 12/06/2015

A Entrevista

1. Conhecer as concepções de Educadores de Infância sobre a Expressão Plástica.

- Conhecer o percurso profissional do(a) Educador(a) de Infância;
- Conhecer as concepções acerca da Expressão Plástica.

1.1. Há quanto tempo é Educador(a) de Infância?

Sou educadora de infância há 4 anos.

1.2. Há quanto tempo se formou em Educação Pré-Escolar?

Já me formei há 5 anos.

1.3. Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta escola?

Desde que comecei, portanto há 4 anos.

1.4. Qual a importância da Expressão Plástica no Jardim de Infância? (Resposta em percentagem)

Vou responder de outra forma. A expressão plástica é uma forma das crianças se poderem exprimir sobretudo eles gostam de ver o que fazem e esta expressão dá-lhes o resultado daquilo que eles sentem. Tanto nós como eles conseguimos avaliar o que sentem através da expressão plástica, pois ela é um veículo de comunicação logo é bastante importante.

1.5. Qual a importância dada ao domínio da Expressão Plástica no “currículo” da Educação Pré-Escolar? Em que programas ou autores se fundamenta?

Eu acho que deveria ser dada mais importância, não só à expressão plástica como a todas as outras expressões. Mas penso que tem vindo a melhorar e tem havido alterações, adotando novos modelos menos formais e mais liberais digamos assim.

2. Reconhecer a influência que o processo de formação inicial teve para a prática intencional do Domínio da Expressão Plástica.

- Reconhecer o relevo da formação de educadores para a prática da Expressão Plástica.

2.1. A sua formação inicial foi importante para o desenvolvimento de competências pedagógicas no domínio da Expressão Plástica?

Sim, claro. Durante a licenciatura tive disciplinas específicas da expressão plástica e

de como "dar" expressão plástica, isso ajudou-me imenso. Dando-me uma boa base.
2.2. Sentiu necessidade de desenvolver as referidas competências após ter terminado o curso? Se sim, onde e como?
É sempre bom irmos renovando, e por a caso esta escola vai nos fornecendo a possibilidade de tirar algumas mini formações, principalmente a nível das expressões e nós vamos aproveitando para realizar uma "reciclagem" por assim dizer.
3. Conhecer a forma como organizam e planeiam a Expressão plástica.
<ul style="list-style-type: none"> • Perceber como são organizadas e geridas as atividades de Expressão Plástica.
3.1. Prepara as atividades antecipadamente?
Geralmente preparo as atividades antecipadamente, mas outras vezes dou a oportunidade à criança de preparar a atividade que quer realizar.
3.2. Prevê atividades de Expressão Plástica?
Sim prevejo-as e com bastante frequência. Penso que é das áreas mais abordadas na minha sala. Ocupo uma grande parte do dia com estas atividades sejam elas livres ou orientadas.
3.3. Qual é a sua intenção quando prepara as atividades de expressão plástica?
Ir ao encontro das necessidades e dos interesses das crianças tendo sempre em vista objetivos que as façam progredir, fazendo com que aprendam sem darem conta.
3.4. Qual a duração média de uma atividade de Expressão Plástica?
É assim, temos atividades que podem demorar 20 a 30 minutos, mas temos outras que trabalhamos por exemplo 10 minutos por dia e podem durar uma semana ou mais até estarem completas. É uma forma de manter uma atividade, de eles perceberem que as coisas também se constroem ao longo do tempo e de os manter interessados.
3.5. Que áreas de exploração costumam ser abordadas na sala de atividades (Por exemplo, modelagem, pintura de expressão livre, cartazes, etc.)?
Um pouco de tudo, acabamos por fazer modelagem, muita pintura, muita expressão de sensação como a digitinta, também as atividades livres como o desenho ou a colagem, enfim, um pouco de tudo.
3.6. Que tipo de materiais costuma utilizar nas atividades de Expressão Plástica?
Todos os que tenho à mão, nisso temos muita sorte, temos um leque bastante grande de bons materiais, por isso é só dar-lhes um bom uso.

4. Conhecer as práticas/dinâmicas de Educadores de Infância, no que se concerne à articulação do Domínio da Expressão Plástica com outras áreas do saber.

- **Conhecer a influência da Expressão Plástica no desempenho das funções do(a) Educador(a) de Infância.**

4.1. As atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber?

Claro que sim, todas as áreas são transversais e a expressão plástica pode ser um veículo para chegarmos a outros domínios, como o da matemática, das ciências, da linguagem e comunicação. Tudo depende de como utilizamos a expressão plástica.

4.2. Quais os critérios que costuma ter em conta na planificação, desenvolvimento e avaliação das atividades de Expressão plástica?

Geralmente tenho sempre em conta quais as necessidades principais de cada criança e tento sempre desenvolver a atividade de forma a serem eles a coordená-la, podendo exprimir-se livremente. A avaliação vai sendo feita ao longo da atividade, nomeadamente vou perguntando o que está a fazer, porque está a fazer assim e não de outra maneira, vou sempre conversando e perguntando para perceber em que ponto a criança está.

Anexo 5.5. Ficha de Síntese da Entrevista

Local da Entrevista: Salvaterra de Magos

Entrevistadora: Joana Dias

Data: 12/06/2015

A Entrevista

1. Conhecer as concepções de Educadores de Infância sobre a Expressão Plástica.

- Conhecer o percurso profissional do(a) Educador(a) de Infância;
- Conhecer as concepções acerca da Expressão Plástica.

1.1. Há quanto tempo é Educador(a) de Infância?

Sou educadora de infância há 25 anos.

1.2. Há quanto tempo se formou em Educação Pré-Escolar?

Já me formei há 26 anos.

1.3. Há quanto tempo exerce a sua profissão nesta escola?

Nesta escola estou há 22 anos.

1.4. Qual a importância da Expressão Plástica no Jardim de Infância? (Resposta em percentagem)

É importante, eu acho que anda por volta dos 80%.

1.5. Qual a importância dada ao domínio da Expressão Plástica no “currículo” da Educação Pré-Escolar? Em que programas ou autores se fundamenta?

Eu acho que por exemplo nas orientações curriculares podia ser dada mais importância à expressão plástica. Mas também não estou bem a par da situação.

2. Reconhecer a influência que o processo de formação inicial teve para a prática intencional do Domínio da Expressão Plástica.

- Reconhecer o relevo da formação de educadores para a prática da Expressão Plástica.

2.1. A sua formação inicial foi importante para o desenvolvimento de competências pedagógicas no domínio da Expressão Plástica?

Não muito, não me senti de todo preparada quando terminei o curso .

2.2. Sentiu necessidade de desenvolver as referidas competências após ter terminado o curso? Se sim, onde e como?

Senti, senti necessidade mas infelizmente nunca tive oportunidade de desenvolver essas competências em nenhum lado. Por isso o que me ajudou mais foi a troca de experiências com as minhas colegas.

3. Conhecer a forma como organizam e planeiam a Expressão plástica.
<ul style="list-style-type: none"> • Perceber como são organizadas e geridas as atividades de Expressão Plástica.
3.1. Prepara as atividades antecipadamente?
Depende, nem sempre, como elas ocorrem segundo o interesse do grupo no próprio dia acabo por não preparar muito.
3.2. Prevê atividades de Expressão Plástica?
Tal como não preparo, também não as prevejo muito. Porque acabo por trabalhar o que eles querem quando querem e desta forma não sou só eu que comando o dia-a-dia da sala, as crianças são as principais intervenientes.
3.3. Qual é a sua intenção quando prepara as atividades de expressão plástica?
A principal intenção é que aprendam algo novo por meio da expressão plástica, por isso a principal intenção é atingir os objetivos que tracei.
3.4. Qual a duração média de uma atividade de Expressão Plástica?
Eu nunca ultrapasso os 40 minutos, e no mínimo penso que terá de durar 20 minutos.
3.5. Que áreas de exploração costumam ser abordadas na sala de atividades (Por exemplo, modelagem, pintura de expressão livre, cartazes, etc.)?
Pintura livre, modelagem, colagem, dobragem, recorte, etc.
3.6. Que tipo de materiais costuma utilizar nas atividades de Expressão Plástica?
O material básico, inerente à expressão plástica e também o de desperdício, tento aproveitar tudo e diversificar.
4. Conhecer as práticas/dinâmicas de Educadores de Infância, no que se concerne à articulação do Domínio da Expressão Plástica com outras áreas do saber.
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a influência da Expressão Plástica no desempenho das funções do(a) Educador(a) de Infância.
4.1. As atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber?
Têm, são as que mais facilitam o saber de todas as áreas, porque são as que mais captam a atenção das crianças e conseqüentemente as envolvem, por isso são bastante facilitadoras das outras áreas do saber.

4.2. Quais os critérios que costuma ter em conta na planificação, desenvolvimento e avaliação das atividades de Expressão plástica?

Eu ao planificar quero que as crianças atinjam objetivos, e o que tenho em conta ao realizar a planificação é primeiro que tudo perceber o que ainda não atingiram para adequar as estratégias e planificar a atividade de acordo com as necessidades das crianças. No desenvolvimento da atividade vou avaliando o desempenho da criança, as suas facilidades e dificuldades e o seu envolvimento. Depois avalio o produto final, vendo se a criança conseguiu realizar sem ajuda aquilo que pedi, como pedi.